

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL



ANO III

Nº 28

# ATLANTIDA

DIRECTORES :

NO BRASIL — João do Rio

EM PORTUGAL — João de Barros

SECRETÁRIO : Elísio de Campos — EDITOR : Pedro Bordalo Pinheiro

N.º 28

15 de Fevereiro de 1918

## SUMÁRIO

<i>Aproximação artística luso-brasileira</i> . . . . .	João de Barros
<i>Soneto</i> . . . . .	Nunes Claro
<i>A rotina e o trabalho scientificamente organizado—O Taylorismo</i> (conclusão) . . . . .	Fernando de Vasconcelos
<i>Elegia do crepúsculo</i> . . . . .	Corrêa da Costa
<i>O que o mundo não vê</i> . . . . .	Veiga Miranda
<i>Vila morta</i> . . . . .	João Barreira
<i>Impressões dos Bailados Russos</i> (conclusão) . . . . .	Manuel de Sousa Pinto
<i>Hino ao Sol</i> . . . . .	Fernando e José de Vilhena e Vasconcelos
<i>A bênção das lanchas</i> . . . . .	Alfredo Guimarães
<i>A ronda dos meses no meu país de tradições e romarias</i> . . . . .	Raimundo Esteves

### REVISTA DO MÊS

*Banquete de homenagem ao Dr. João de Barros* . . . . .

*Crónica literária* . . . . . Nuno Simões

### NOTÍCIAS & COMENTARIOS

*Reprodução de:* Martinho da Fonseca

*Desenhos de:* Raul Lino, A. Gonsalves, Alberto Sousa, Almada Negreiros, Santos Silva, Manuel Gustavo e António Piedade.

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA

### PORTUGAL, ILHAS E COLÓNIAS

Um ano (12 numeros) . . . . . 3\$50

Seis meses . . . . . 1\$80

### PAÍSES DA UNIÃO POSTAL

Um ano (12 numeros) . . . . . Frs. 15

**Número avulso em Portugal \$30**

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 26 } LISBOA  
ADMINISTRAÇÃO: Largo do Conde Barão, 49 }

# ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO.  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRASIL



# COMPANHIA DE SEGUROS IRIS

SEDE

Rua Arco do Bandeira, 231, 1.º  
(AO ROSSIO)

Telefone { Direcção 235 Central  
Expediente 386 Central  
Telegramas IRIS

Códigos RIBEIRO e A. B. C.  
LISBOA



AGENCIA

Rua Trindade Coelho, 1-C, 2.º

Telefone N.º 1516  
Telegramas: SEGURIRIS

Código RIBEIRO  
PORTO



Capital: 1:000.000\$00 Escudos (Mil contos de réis)

*Seguros contra riscos de Fogo, Marítimo e Guerra*

CORRESPONDENTES EM TODAS AS TERRAS DO PAÍS

## UROL

CURA: Artrismo, Reumatismo, Cálculos, Gota, Obesidade, Nevralgias, Dispepsias, Sciática, Eczema, Artério-esclerose, Areias. \* \* \* \*

**FARMACIA FORMOSINHO**

Praça dos Restauradores, 18—LISBOA

REPRESENTANTE GERAL NO RIO DE JANEIRO

**JACINTO RIBEIRO DOS SANTOS—R. de S. José, 82 e 84**

## ATLANTIDA

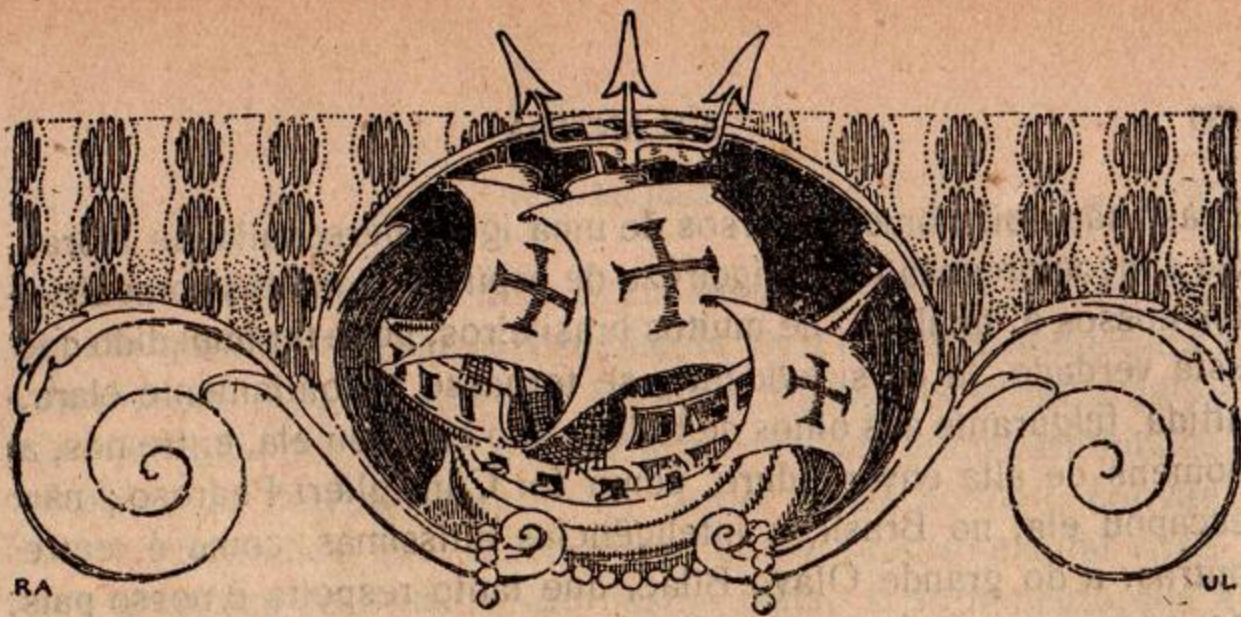
DIRECTORES:

João do Rio e João de Barros

EDITOR: Pedro Bordalo Pinheiro

REDACÇÃO: Rua António Maria Cardoso, 27

IMPRESA LIBANIO DA SILVA, Travessa do Fala-Só, 24—LISBOA



## Aproximação artística luso-brasileira

(Conferência realizada, a convite da Direcção da Sociedade de Belas-Artes, no Palácio de Exposições na mesma Sociedade, no dia 30 de Janeiro de 1918).

Antes de mais nada, e para que não pareça estranha a minha presença neste lugar, devo dizer que se algum direito tenho de vir aqui falar do Brasil, e da sua Arte — êsse direito nunca poderá ser um *direito de competência*, um *direito de erudição*, mas, unicamente, — um *direito de amor*, o direito que à minha apagada personalidade confere o meu sincero, o meu entusiástico, o meu profundo amor pelo Brasil.

Êsse direito, quando mesmo mo não quisessem conceder, confesso orgulhosamente que o tomaria para mim. Porque, de muito longe, e, sobretudo, desde a rápida, mas inolvidável viagem que, em 1912, realizei ao Rio de Janeiro e a S. Paulo, — eu amo entranhadamente êsse país, que é irmão do meu, eu quero devotamente a êsse prodigioso empório de nova civilização, onde a vitalidade duma raça impetuosa cria, a todo o instante, novas formas de progresso, novas modalidades de cultura e de energia; e onde no entanto se adivinham, remoçados, é certo, mas indeléveis, os traços bem amados da velha fisionomia, da velha alma portuguesas! É com saúdade, que jamais se apaga ou desvanece, que eu lembro sempre a minha estada no Brasil: e sinto que, se nunca ali tivesse passado algum tempo, a minha educação de português e de patriota teria ficado incompleta. É que Portugal e

Brasil são dois nomes diversos de uma igual personalidade moral. Só a incompreensão ou a ligeireza de espírito de muitos compatriotas nossos e, também, de muitos brasileiros, pode ter impedido que esta verdade, já de si evidente, se tornasse absolutamente clara, nítida, fulgurante aos olhos de todos. Não escapou ela, entre nós, a homens de alta envergadura, como foi Consiglieri Pedroso; não escapou ela, no Brasil, a inteligências altíssimas, como é, entre outras, a do grande Olavo Bilac, que tanto respeita o nosso país no seu supremo instrumento de conquista espiritual: a língua, por cuja pureza, vernaculidade e brilho pugnou sempre com desusado ardor. E foi na esteira desses homens ilustres, e de outros muitos que os seguiram ou precederam, que eu também me abalancei, um dia, a trabalhar pela vitória dessa causa — pela aproximação íntima e estreita dos dois países fraternos, que só um obstáculo (e digo só muito propositadamente), um obstáculo único separa: o Atlântico... Todos nós sabemos, porém, que o mar, por tormentoso que seja, nunca foi obstáculo para a audácia dos portugueses; e nunca os impediu de levar longe, com as mercadorias ou com a guerra, a sua sensibilidade, as suas ideas, as suas concepções da vida. Assim é o mar, também, para os nossos irmãos brasileiros. E as ondas que sobre êle se encastelam e que transmitem a sua ondulação da costa lusitana à costa que Pedro Álvares Cabral descobriu num dia de boa fortuna, quero eu imaginar que *de uma à outra* conduzem, espelhado na verde transparência da água, o mesmo reflexo de sonho e de poesia, que é o permanente e doce reflexo da alma *una* dos dois povos distantes.

Foi, é sempre esta certeza que me anima na minha campanha pelo estreitamento das relações luso-brasileiras. A ela dei e dou todo o carinho da minha alma, e todo o esforço da minha inteligência: — e acho-me contente porque o faço, pois julgo assim cumprir um dever elementar de admiração e de reconhecimento pelo Brasil, e, ainda, um dever de patriotismo para com o meu próprio país...

Assim, eu creio não ser imodesto dizendo que a única razão porque estou hoje aqui é uma razão e um direito de amor. Nada mais. E se, como costuma dizer-se, amar é conhecer — eu talvez possa deixar transluzir nas minhas pobres palavras um pouco da alma ardente e jovem, criadora e inovadora que é a alma do Brasil.

De resto, quando a ilustre Direcção da Sociedade de Belas

Artes me convidou para falar nesta sessão solene — nesta sessão que tão grande importância tem e há-de vir a ter, sobretudo, para a aproximação artística dos dois países — eu logo objectei a minha incompetência notória em matéria de arte e a minha impossibilidade, portanto, de corresponder como devia a tão honroso convite. Foi-me respondido que, acima de tudo, era preciso exaltar e louvar a grandeza do Brasil. Não hesitei mais. E só lamento que a obscuridade do meu nome não permita dar a esse louvor o brilho excepcional que ela requiere, e que todos nós, que estamos aqui, teríamos o dever absoluto de exigir. Trata-se, de mais a mais, de consagrar uma iniciativa admirável, cujos resultados não é lícito prever sem receio de ficar além do que elle promete, mas que está destinada à mais larga e à mais fecunda retumbância.

Penso, com efeito penso firmemente que a resolução da Sociedade Nacional de Belas Artes, permitindo que os artistas brasileiros a ela pertençam com as mesmas garantias e direitos dos artistas portugueses, é um passo decisivo para uma aproximação, não só artística, mas intelectual e social, entre as duas nacionalidades. Que entre elas existe já um affecto indestrutível, eis do que ninguém duvida. Mas não basta acreditar nesta verdade axiomática: — é necessário dar-lhe consistência e vulto; é necessário fazê-la passar da retórica dos discursos para o campo das realizações práticas. Eis o que fez a Sociedade Nacional de Belas Artes, com nobre espírito de solidariedade pelos artistas de além-Atlântico: — e, para maior destaque da sua utilíssima decisão, resolveu que ela fôsse acompanhada duma homenagem ao Brasil, conferindo diplomas de sócios honorários ao Presidente da República Brasileira, ao Director da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, o notabilíssimo pintor Baptista da Costa, e ao Senhor Embaixador do Brasil em Lisboa, o Dr. Gastão da Cunha, que pelo seu culto espírito, pelo seu amor da Arte, e, ainda, pela comovida ternura que lhe merecem as cousas de Portugal, tem como ninguém direito a todas as homenagens dos portugueses.

Alguma cousa de bom se tem feito ultimamente entre nós a favor da aproximação luso-brasileira. A República, criando uma Embaixada Portuguesa no Rio de Janeiro, e estabelecendo, na nossa Faculdade de Letras, uma cadeira de estudos brasileiros, para a regência da qual foi escolhido o distinto e erudito sociólogo Miguel Calmon, deu, oficialmente, um forte impulso a essa aproximação. Eu tive sempre, porém, uma fé muito maior na

chamada iniciativa particular. E, sobretudo, sempre cuidei que não há possível solidariedade e carinho duradouro entre os dois países que se não baseie no conhecimento recíproco das manifestações literárias, intelectuais e artísticas. Não há muito um brasileiro, que nós todos conhecemos muito bem em Lisboa, Paulo Barreto — que, diga-se de passagem, tem sido um infatigável e fervoroso defensor dum melhor entendimento entre o Brasil e Portugal — escrevia estas belas palavras a propósito dum plano de aproximação entre o seu país e a Argentina:

*«De qualquer forma, para o bem e para o mal, necessitamos conhecer-nos uns aos outros. É preciso traduzir os escritores, promover o intercâmbio intelectual, fomentar viagens dêsses escritores, estabelecer correntes de intimidade mental, discutir, comparar. Tenho a certeza de que, em vez de ser para mal, êste íntimo conhecimento através das ideias e da Arte formaria a corrente vital capaz de dar ao continente a unidade fisionômica do espírito americano...»* E diz ainda: *«A Arte não é sómente uma expressão dos povos. É também um grande agente conquistador...»* Palavras profundamente verdadeiras — e singularmente oportunas, neste momento em que todos os países do mundo, ao clarão sangrento da guerra, parecem querer melhor penetrar na consciência dos povos seus amigos ou seus inimigos, para melhor os saberem amar ou para melhor se defenderem dêles. Mas palavras que são, como nenhuma outra, aplicáveis a Portugal e Brasil: porque apesar de estarmos muito mais distantes dêste país do que da Argentina, estamos infinitamente mais perto dêle por todas as razões de sentimento e de raça, que todos conhecem e avaliam tão bem como eu.

Ora foi o mesmo ponto de vista que Paulo Barreto enuncia, — o ponto de vista de que a Arte e a Literatura são os mais seguros veículos de aproximação entre dois povos —, foi êsse mesmo ponto de vista o que certamente guiou a Sociedade Nacional de Belas Artes, ao tomar a sua carinhosa deliberação. A primitiva ideia tinha nascido, se me não engano, num banquete oferecido ao meu querido amigo, o pintor Navarro da Costa, cujo talento o nosso país consagrou pela aquisição dum quadro para o Museu de Arte Contemporânea, e que do Brasil chegara um dia com a ideia fixa — e tão simpática — de criar o intercâmbio artístico entre o seu país e o nosso. Nesse banquete, o escultor Costa Mota,



que todos admiramos pela sua obra sincera e elevada e pela sua fé inquebrantável no progresso da Arte em Portugal, alvitrou, com efeito, que a Sociedade de Belas Artes concedesse aos seus camaradas brasileiros as mesmas vantagens que dava aos artistas portugueses. Logo êsse alvitre foi notado; logo foi seguido e perfilhado depois por toda a Direcção da Sociedade; por causa dêle nos achamos aqui nesta noite de festa. Alvitre que, sendo generoso, é, sobretudo, justíssimo: — deve êle ter, por parte do Brasil, e seguramente o terá, o acolhimento que merece e provocar uma reciprocidade de tratamento, que dignamente coroará a resolução desta illustre assemblea de artistas.

É com tranqüila confiança que o espero. E que venham todos os anos, do Brasil, os seus pintores e os seus escultores, trazer-nos a dádiva inestimável das suas obras! E que partam, de Portugal, todos os anos, os nossos pintores e escultores, a levar à grande República irmã a mensagem eloqüente da alma profunda e eterna da Pátria! Assim, a pouco e pouco, mas com êsses ali-cerces indestrutíveis que são a beleza e a glória, criar-se há, em sentimento, em pensamento, em compreensão mútua, essa confederação luso-brasileira, de que um português illustre, que ao Brasil dedicou muito do seu trabalho e do seu talento, o Dr. Bettencourt Rodrigues, se fez o apóstolo e o propagandista, acompanhado pela inteligência agudíssima de outro português bem conhecido de todos nós, o Dr. Coelho de Carvalho, antigo Presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Mas que se não crie essa confederação! Que ela seja, mesmo, uma impossível fantasia! Tanto e tão grande e tão inveterado é em nós o desconhecimento de tudo quanto diz respeito ao Brasil, que o facto de desvendarmos uma parcela, ainda que fôsse pequena, da sua alma, um momento do seu espírito, uma ansiedade ou um grito do seu coração, já constitui um serviço imenso que a nós mesmos, e ao Brasil, prestamos.

É pela Arte que melhor se amam e compreendem os povos que nos são desconhecidos — repito. E se, pela contemplação e estudo da sua Arte, conseguimos fazer chegar até nós, palpitante e moça, a vida extinta de civilizações passadas, como não havemos nós de apreender, em face da Arte duma civilização actual e tão nossa irmã, como é a civilização brasileira, a vida íntima e forte que nela pulsa, e o seu maravilhoso poder de sonho e de idealismo?

Eu estou daqui adivinhando o sucesso da primeira exposição de arte brasileira nestas mesmas salas! . . .

E profetizo, sem medo de ser desmentido mais tarde, que será, em todos que a virem, funda e persistente a comoção ante os quadros de Amoêdo, Visconti, Baptista da Costa, Parreiras, Rodolfo Champelain, Lucílio de Albuquerque, Oswald, e as esculturas de Correia Lima, Bernardelli, António Matos, Armando Correia. . . , e as medalhas de Alberto Matos. . .

Estou mesmo em dizer que nem as paisagens mais estranhas ao nosso olhar, nem os coloridos mais diversos daqueles a que estamos habituados — não-de ferir a nossa vista, de tal modo um secreto, mas infalível instinto, nos dirá, em face das obras de arte em que viva e se exteriorize a alma brasileira, de que essa arte é gémea da nossa arte, como é gémeo do nosso lirismo saudoso o lirismo sensual e ardente de Bilac e de Raimundo Correia.

Sei que esta afirmação pode parecer excessivamente paradoxal. Mas eu também sou Poeta — e ninguém decerto me culparia de ter inventado uma ficção patriótica, se fôsse êste o meu intuito. Mas não: — eu estou realmente persuadido de que uma idêntica sensibilidade existe nos artistas brasileiros e portugueses. Idêntica sensibilidade — e nunca idêntica educação. Porque, na verdade, a influência da arte portuguesa no Brasil pode dizer-se nula. E o caso explica-se. . .

A Escola de Belas Artes, fundada, é certo, por D. João VI, começou logo por ter director e professores franceses. Para França começaram logo a ir, e vão sempre, os artistas brasileiros que querem estudar.

Neste amor pela França, de resto, nos aproximamos nós também, Brasileiros e Portugueses. E creio bem que êle significa, acima de tudo, a existência dum profundo sentimento latino, duma consciência, talvez obscura e mal definida, mas intensa, da nossa *latinidade* comum. . .

Ora, na miragem, aliás fecunda, dos ensinamentos a colhêr nos *ateliers* de Paris, muitas vezes se tem encontrado, e sempre acamaradado em amável convivência, os artistas dos dois países. Columbano, Ramalho, Teixeira Lopes, Artur Loureiro, e outros, foram companheiros, na capital francesa, de Visconti, de Baptista da Costa, de Amoêdo — de muitos mais. Pois temos de constatar que nunca essa camaradagem estreita se transformou em in-

fluência recíproca. Foram sempre irmãos que se estimam, mas que seguem, com independência completa, o caminho que parece melhor e mais seguro a cada um... Mas há mais: — Têm sido muitas as exposições realizadas no Rio de Janeiro de pintores portugueses, desde a exposição no Liceu Literário Português, desde a grande exposição colectiva de 1908, até muitas outras meramente individuais.

Malhoa lá esteve. João Vaz lá esteve. De Sousa Pinto admirei eu quadros em 1912. António Carneiro recebeu também no Brasil uma consagração carinhosa ao seu talento. Natural era que a arte de Malhoa, que, se me não engano, foi o primeiro pintor português que obteve um sucesso estrondoso no meio brasileiro — pelo menos essa, de qualquer modo deixasse rasto na técnica, no processo dum ou outro artista. Até onde posso julgar e falar de assuntos desta ordem, confessarei que nenhum prestígio de influência portuguesa verifiquei no salão de 1912, no Rio, a que assisti, e que não me consta que nenhum crítico de arte o tivesse verificado... Não deriva isto, decerto, da má vontade do meio artístico brasileiro: — êle é constantemente generoso para os portugueses, e já o genial Rafael Bordalo Pinheiro experimentara o carinho excepcional dessa hospitalidade.

Nada mais, porém — além disso, que já é tanto. Sente-se, vê-se, constata-se, na verdade, a perfeita independência dos artistas brasileiros e portugueses.

Dir-se há agora: — que laço os irmana, pois? A *sensibilidade*, o *lusitanismo comum*. É tudo — e é muitíssimo. Sensibilidade, lusitanismo que são a flor mais pura e mais fragante da alma da raça, a sua mais doce e mais eterna razão de ser...

Claro que sei bem a imensa diversidade de visão — permita-se me o termo — que deve existir entre artistas portugueses e brasileiros, diversidade que nos próprios poetas e prosadores já se reconhece tão facilmente. O meio natural é, com efeito, tão diferente do nosso meio, a luz é tão outra, a paisagem tão oposta, quasi, à nossa paisagem — a do Brasil toda em torvelinho de côres, em resplandecências de luz, em grandeza de contornos, em contrastes violentos, a de Portugal tão suave nas suas *nuances*, na lenta curva dos seus horizontes, na claridade tranqüila dos seus crepúsculos, na macieza das suas sombras — que não é quasi possível imaginar que a mesma paleta as pinte a ambas, com uma emoção semelhante. Para dar uma idea mais aproximada do que

seja a paisagem do Brasil, e mostrar quanto esta possui um encanto que não é o encanto da paisagem portuguesa, permitam-me que eu leia um trecho dum admirável poema do escritor brasileiro Vicente de Carvalho, que é um dos grandes poetas da terra transatlântica. Eis êsse trecho :

Negra, imensa, disforme,  
 Ennegrecendo a noite, a desdobrar-se pelas  
 Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.  
 Como um sonho febril no seu sono ofegante,  
 Na sombra em confusão do mato farfalhante,  
 Tumultuando, o chão corre às sôltas, sem rumo:  
 Trepá agora alcantis por escarpas a prumo,  
 Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;  
 Mais repousado, além, levemente se enruga  
 Na crespá ondulação de cômoros macios;  
 Resvala num declive; e logo, como em fuga  
 Precípita, através da escuridão nocturna,  
 Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,  
 Surge, recai, ressurgê. . . E, assim, como em torrente  
 Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva  
 Despedaçadamente e indefinidamente. . .

Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.

#### Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçoso arfam de quando em quando  
 Como um vasto motim que passa sussurrando:  
 E em cada árvore altiva, e em cada humilde arbusto,  
 Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.  
 A mata é tropical: basta, quási maciça  
 De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante,  
 Que, imperturbáavelmente imóvel, inteiriça  
 Sob a rija galhada o torso do gigante,  
 — Uma vegetação turbulenta e bravia  
 Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:  
 Moutas de CRAQUATÁS agressivos: rasteiras  
 Trapoerabas tramando o chão todo; touceiras  
 De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas  
 De espinhos; e por tudo, e em tudo emmaranhadas,  
 As trepadeiras, em redouças balouçando  
 Hastes vergadas, galho a galho acorrentando  
 Árvores, afogando arbustos, brutalmente

Enlaçando à jissara o talhe adolescente . . .  
 Cem espécies formando a trama de uma sebe,  
 Atulhando o desvão de dois troncos ; a plebe  
 Da floresta, oprimida e em perpétuo levante . . .

Acesa num furor de seiva transbordante,  
 Toda essa multidão desgrenhada — fundida  
 Como a conflagração de cem tribus selvagens  
 Em batalha — a agitar cem formas de folhagens  
 Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noite, a confusão do mato  
 Gera alucinações de um pavor insensato,  
 Aguça o ouvido ancioso e a visão quási estinta ;  
 Lembra — e talvez abafe — urros de onça faminta  
 A mal ouvida voz da trémula cascata  
 Que salta e foge e vai rolando águas de prata.  
 Rugem sinistramente as moutas sussurrantes.  
 Acoutam-se traições de abismos numa alfombra.  
 Penedos traçam no ar figuras de gigantes.  
 Cada ruído ameaça, e cada vulto assombra.

Não há aqui o menor exagêro. E se, por momentos, imaginarmos que sôbre esta selva nocturna fulgura a luz do sol do Brasil, com o seu brilho candente e o seu calor fecundo, teremos uma idea do espectáculo grandioso que é uma floresta brasileira. Eu tive a boa fortuna de a conhecer — à floresta brasileira. E nos versos do poeta não acho um exagêro, nem uma sensação, nem uma imagem que não sejam exactas. A grandeza que êle canta existe realmente assim: — grandeza que chega a apavorar o pobre europeu que se abalança a contemplá-la de perto. Quando estive no Brasil tive essa fantasia: — e senti-me esmagado. Fiz mais: — quis, sòzinho, dar alguns passos entre o arvoredado altíssimo e densíssimo duma floresta que limitava uma fazenda de café ao sul de S. Paulo. Mas apossou-se de mim, ante a colossal altura dos troncos, ante o emmaranhado enlear de ramos, e de lianas, ante o ruído que de toda a selva rolava, como uma onda interminável num mar sem fundo — apossou-me de mim, digo, um terror de tal modo pânico, um terror quási sagrado, que — confesso a cobardia — fugi para junto dos meus companheiros de passeio, e compreendi nítidamente, pela primeira vez, a coragem heróica que devia animar os nossos antepassados, quando desbravaram, na febre da aventura e da ambição, o solo virgem daquele país admirável.

Alguns dias, mais tarde, no Palácio do Govêrno, de novo me perturbei intensamente ao ver certos quadros de Parreiras: era a mesma impetuosa loucura de natureza em delírio, o mesmo explodir de seiva, a mesma vertigem de luz e de côr que eu reconhecia nas telas do grande mestre. E nessa hora — devo dizê-lo com interna franqueza — desesperei de que um dia nós pudéssemos vir a amar em Portugal essa manifestação suprema da pintura brasileira . . .

Mas voltei a ver os quadros de Parreiras. Fui à exposição de que já falei. Olhei longamente os quadros expostos . . . E, começando a adivinhá-lo em certos retratos, para depois o encontrar até nos próprios quadros de paisagens, descobri, *quere-me parecer que descobri*, o parentesco que, mesmo nos seus pintores, liga Portugal ao Brasil: — não sei o que era bem; não saberei nunca explicar o que adivinhei, na insuficiência dos meus conhecimentos, na minha lamentável ignorância em matéria de arte . . . Mas o mesmo lirismo da raça portuguesa na maneira de encarar os assuntos, a mesma melancolia, a mesma *saüdade* de alma e de interpretação que hoje nestas salas podeis admirar nos mais altos representantes da Arte portuguesa do século — ali me surgiram também, ali me seduziram e fascinaram longas horas, palpitando umas vezes fulgurantemente, outras numa discreta e remôta e delicada notação . . . A pouco e pouco, eu aspirava um perfume de Beleza que era o suave perfume da Beleza da minha terra — como nos olhos da mulher brasileira eu sempre encontrei, mais quebrado de languidez ou mais ardente de vida, o fulgor dulcíssimo que só se encontra nos olhos da mulher portuguesa . . . Que mistério ancestral ascendia na obra dêsses artistas, que em mim próprio despertavam um eco fraterno de emoção? Brasileiros de hoje, portugueses de ontem — êles conservavam, na limpidez da sua formosura cristalina, a mesma fonte de ternura e de êxtase em que sempre se espelhavam, nos corações lusitanos, a natureza e a vida . . .

Por isso, nunca me admirou muito que a Arte Portuguesa não tivesse tido influência na Arte Brasileira. Elas são dois ramos distintos da mesma árvore; alimentados pela mesma seiva, erguidos ao céu na mesma aspiração de luz, fremindo e pulsando na mesma avidez de florir e de frutificar. Não podem influenciar-se um ao outro: — mas podem viver numa solidariedade estreita, como dois irmãos de fisionomia diversa, de

estatura diversa, de sorriso diverso, que, no entanto, sentem a indestrutível, a invencível fraternidade do sangue. Cada um dêles terá, da vida, uma concepção particular; cada um dêles terá, do mundo, uma visão especialmente sua; cada um dêles tomará, na luta da existência, uma atitude que o outro não poderá imitar; mas o riso e as lágrimas, o amor e a saudade, o desejo e a capacidade de idealismo — tudo isso que é, afinal, o fundamento e a razão da vida, serão em ambos idênticos, em ambos desabrocharão em reacções idênticas perante os espectáculos e os cenários da natureza e do homem. Se não fôsse assim, se assim não acontecesse, como explicar a perfeita adaptação de artistas portugueses ao meio brasileiro, de artistas brasileiros ao meio português? Como explicar o caso dos pintores João Vaz e António Carneiro, que trouxeram do Brasil alguns pequenos quadros, em que triunfa toda a estranha majestade da paisagem e todo o esplendor da luz transatlânticas? Como explicar o caso dêste Navarro da Costa, que, chegando a Portugal pela primeira vez há pouco mais de dois anos, sabe pôr nos seus quadros toda a melancolia, toda a fôrça subtil da nossa paisagem, toda a *gama* de tons do nosso céu, toda a mágoa dourada dos nossos crepúsculos, como se aqui tivesse sempre vivido, e tivesse sempre acariciado os seus olhos com a doçura do nosso sol, e nunca os tivesse acostumado à rutilância orgulhosa do sol do Brasil? Não, não podemos negar que a sensibilidade lusitana para todo o sempre triunfou e vive àquê e além-Atlântico, alimentando, fortalecendo e orientando os talentos mais diversos, desde os poetas aos pintores, desde os mestres do ritmo e da rima aos mestres ilustres da côr, da forma e da luz...

\* \*

Perdoem-me... Deixei-me levar por uma idea que me é extremamente querida; e receio agora ter exagerado ou mesmo ter errado no que disse. Pode ser, realmente, que não exista entre os artistas plásticos das duas nações a mesma identidade de alma que existe — essa, sem dúvida alguma — entre os poetas. Basta lembrar-nos que só brasileiros e portugueses entendem e cantam a *Saudade!*... Pode ser que eu exagere, com efeito. E se assim é, não tomem as minhas palavras como um apêlo, um incentivo para que nós, em Portugal, nos intereressesmos mais pela arte brasileira e a ela dediquemos um pouco (deveria ser muito!) do nosso respeito e da nossa admiração.

A nossa ignorância sôbre o Brasil é, na verdade, fantástica e indesculpável. Não é só ignorância, mesmo; é um desejo, um propósito de ignorância. Há casos curiosos, que o demonstram.

Um escritor e crítico de arte muito conhecido entre nós, homem de letras na mais alta acepção do termo, Manuel de Sousa Pinto, publicou um dia um livro sôbre o Brasil: chamava-se *Terra Moça*. Foi o livro editado em Portugal, por um livreiro português.

Era êle um admirável e documentado louvor à grande República de além-Atlântico. Pois bem: — vendeu-se a edição no Brasil, quási toda. Os nossos compatriotas não precisavam de se instruir...

Há mais: — quando voltei do Rio de Janeiro, realizei uma conferência sob o título *A Energia Brasileira*. Não há dúvida que tive público para ouvir-me — e faço esta declaração para que não julguem que há despeito nas minhas palavras. Público e entusiasmo. Estavam então em Lisboa os oficiais do *Benjamin Constant*, que foram vitoriadíssimos por essa ocasião. Tudo óptimo!... Simplesmente, quando eu entrava para o teatro, antes da conferência um amigo meu, homem inteligente, homem culto, diz-me com um ar de profunda ironia: «*Que idea essa, de chamar à sua conferência «A Energia Brasileira». Preguiça brasileira é que devia ser! O calor lá é tanto!...*»

Não conto estes dois pequenos factos para denegrir compatriotas meus. Muito menos, fazem-me esta justiça, por falta de espírito patriótico. Mas, precisamente, porque penso que é de bom patriotismo combater êsses preconceitos rotineiros sôbre um país que como nenhum outro devemos amar, e que inegavelmente conquistou — como ainda há pouco em face da guerra — o direito absoluto de ser estimado e louvado, como uma nação de consciência íntegra e de mentalidade superior.

Falar em preguiça brasileira é um êrro tão grosseiro como julgar que não há, naquele país, uma civilização moderna, vigorosa, inquieta, trepidante de anseio e de fôrça. Chega-se às vezes a pensar que todo o velho génio heróico e aventureiro de Portugal ali aportou para continuar — visto que a estreiteza do cantinho em que vive nos entibia um pouco... — as façanhas épicas de outrora, transpostas em dedicação cívica e em tarefa progressiva de domínio sôbre a natureza e de embelezamento da vida!...



E que trabalho — o trabalho que o Brasil tem desenvolvido para se tornar igual aos mais adiantados países do globo!...

A mesma seiva que sobe nos troncos altos das suas árvores altíssimas; a mesma vitoriosa claridade que irrompe das suas madrugadas incomparáveis; o mesmo arremêso fecundo das suas paisagens ricas — vive e sobe no sangue jovem dos seus filhos. Como falar em inércia num povo que é, na verdade, energia, trabalho, actividade, espírito de iniciativa — e crença firme nos grandes destinos que o esperam? Sem a existência destas qualidades supremas e, sobretudo, sem a fé que anima e entusiasma, como explicar a extraordinária transformação material do Brasil, construindo, reconstruindo cidades com a facilidade com que se faz um prédio? Como explicar a criação duma literatura original, com críticos, poetas, romancistas, cronistas, dramaturgos, iguais aos maiores das nações mais cultas? Como explicar a existência duma arte que dá pintores e escultores como todos os que já citei — e que, de instante a instante, se afirma com mais vigor e mais brilho? E cujas manifestações, num escasso século de independência, se colocam bem ao lado da produção artística daqueles povos, onde uma tradição perpetua a adoração e a compreensão da beleza, orientando os temperamentos, disciplinando os espíritos, dando uns e outros a noção de que continuam um esforço necessário à civilização da sua Pátria?

Esta noção, possuem-na também os artistas brasileiros: — possuem-na e ensinam-lha na Escola de Belas Artes, onde a evolução da Arte no Brasil é descrita com espírito de verdade, de certo, mas sobretudo com espírito de *nacionalismo*. E é isto mais uma prova da crença, da fé vitoriosa que se expande em toda a alma, em toda a inteligência brasileira.

Só para atacar, só para combater a nossa errada ideia sobre a actividade brasileira — já se justificaria a resolução da Sociedade Nacional de Belas Artes, aprovando a proposta de Costa Mota. Mas outro fim ela tem — outro resultado ela vai ter. O fim sem dúvida é irmanar num mesmo ideal de confraternização os artistas brasileiros e portugueses. E o resultado, será mais belo do que talvez suponhamos neste momento: — o resultado será encaminharmos as nossas almas, através da arte que de longe nos vier encantar, para as almas que, tão distantes, são gémeas de nossas porque sabem sentir como nós...

Para podermos chegar a este resultado máximo — que é o co-

nhecimento, a aproximação espiritual de duas nacionalidades — carece-se da boa vontade e do entusiasmo de todos. Carece-se do auxílio do Estado. Carece-se da propaganda da imprensa. Carece-se da persistência dos homens que levantaram esta idea, dos homens que a realizaram, dos homens que lhe deram, que lhe dão apoio. Tudo isso virá, sem dúvida. E virá — não sómente porque constitua um acto de simples justiça — mas também porque se trata duma obra de futuro para a Pátria Portuguesa, duma obra de educação — permita-se-me o termo — para os nossos filhos...

É que — na verdade — dar a todos os portugueses a consciência exacta do valor do Brasil, é alargar-lhes a intelligência dos seus destinos, é torná-los mais orgulhosos pelo seu passado, é vivificar, ao contacto da moça, audaciosa e vitoriosa civilização brasileira, as mais instintivas energias da raça, e as mais fortes e puras aspirações do nosso idealismo construtivo.... E a abrir, sôbre as duas margens distantes do Oceano Atlântico, as asas possantes do eterno espírito lusitano, ansioso de conquistar, no tempo e no espaço, a infinita, a suprema certeza dum futuro formidável, dum futuro de riqueza moral e material, de poder mental e artístico, e — não hesitemos em dizê-lo — de renovada supremacia sôbre o globo.

JOÃO DE BARROS.

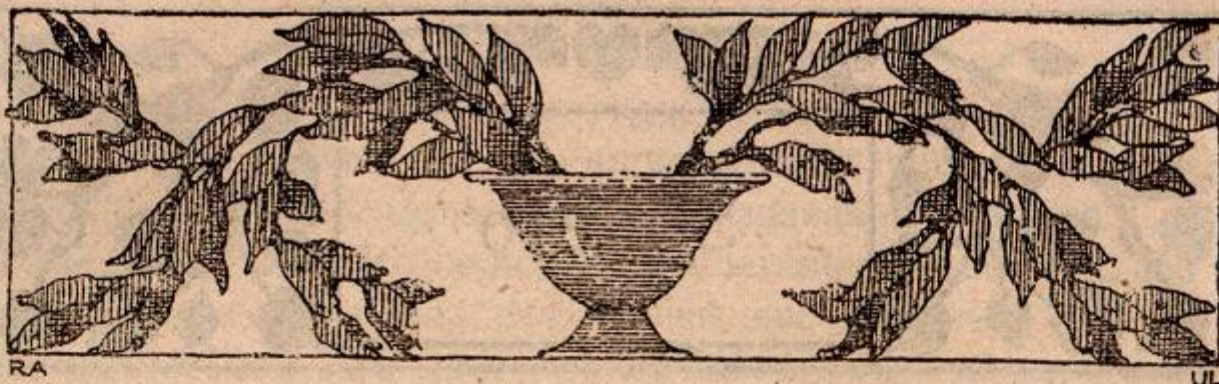


*Vieste tarde, meu amor! . . . Começa  
Em mim caindo a neve devagar. . .  
Morre o Sol, o outono cai depressa,  
E o inverno finalmente vai chegar.*

*E se hoje andamos juntos, na promessa  
De caminharmos toda a vida a par,  
Daqui a pouco o teu amor tem pressa  
E o meu, daqui a pouco, há-de cansar.*

*Dentro em breve, por trás das velhas portas,  
Dando um ao outro só palavras mortas  
Que rolam mudas pelas nossas vidas,*

*Ouviremos, nas noites desoladas,  
Tu — a canção das vozes desejadas  
— Eu o chorar das vozes esquecidas. . .*



## A ROTINA E O TRABALHO SCIENTIFICAMENTE ORGANIZADO

# O Taylorismo

(Conclusão)

### VII. — SALÁRIOS, HIGIENE DAS FÁBRICAS E OFICINAS

A estas ideas e aos princípios do Taylorismo ligam-se as questões dos diversos sistemas de salário, os problemas da higiene das fábricas e das oficinas, e os numerosos detalhes da organização das fábricas, como os transportes e manutenções mecânicas, escolha e selecção de empregados, etc.

O problema da remuneração do trabalho, de que os economistas mais distintos se têm ocupado, foi também estudado com processos novos, propostos, principalmente na América, sob a influência de Taylor. A exposição que do assunto faz J. M. Lahy, no seu volume, sobre o sistema Taylor e a fisiologia do trabalho profissional, e a conferência consagrada à mesma questão por M. F. Bayle perante a *Société Internationale des Électriciens*, pôs de novo em foco o problema dos salários. Reconheceu-se que o sistema do salário fixo, ao dia ou à hora, apresenta inconvenientes evidentes, preconizando-se, por isso, o salário por peças, por obra feita, ou ainda o sistema mixto.

Como consequência, porque a mão de obra na América é excessivamente cara, por ser rara; e também, porque o trabalho do operário americano durante dez horas é verdadeiro trabalho, e os operários produzem abundantemente em benefício das respectivas indústrias: resulta que o operário americano

consegue obter, por intermédio das suas *Trades-Unions*, salários muito elevados.

Notemos que as *Trades-Unions* na América não nutrem o ódio contra o capitalismo e que, ao contrário, os operários americanos desejam ver prosperar e enriquecer o industrial que os contratou, pois compreendem que dessa forma maiores são as suas probabilidades de aumento de salários.

Entre nós, o sistema do salário fixo ainda é adoptado normalmente em quasi todos os trabalhos. Nas Obras Públicas, porém, já hoje se adopta nalguns serviços o salário por tarefas, com uma organização tendo afinidades com o regime comendatário de trabalho, puro sindicalismo, adoptado na indústria tipográfica francesa, e que é possível adaptar à construção civil.

O problema da hygiene das fábricas e das oficinas é dos mais importantes a resolver, e a elle está ligado tudo que respeita à iluminação e ventilação racional das fábricas, limpeza das oficinas e conforto dos operários.

Ninguém ignora que os edificios sombrios são menos limpos, em geral, do que aqueles em que a luz e o ar entram em profusão; assim como sabe toda a gente que a negligência e a preguiça acompanham as trevas e que o operário se deixa ir lentamente para o trabalho em locais mal iluminados, sendo também mais frequentes os accidentes nos locais industriais onde a luz, mal distribuída, não deixa perceber bem as transmissões, as engrenagens, etc.

A iluminação racional aumenta, de 10 a 15 por cento, o rendimento do trabalho. Emquanto aos accidentes, 25 por cento podem ser attribuídos a uma iluminação defeituosa, como se vê das estatísticas americanas.

Não basta, pois, que os engenheiros procurem reduzir o trabalho material ao mínimo, aumentar o rendimento das máquinas e aperfeiçoar os maquinismos: torna-se também necessário que se ocupem seriamente da boa distribuição da luz e do ar nas fábricas e oficinas.

A limpeza minuciosa das fábricas e a do pessoal são factores da maior importância, que influem na saúde, fôrça e rendimento dos operários. Há certos productos, os da alimentação por exemplo, para os quais estas condições são indispensáveis. Em outras indústrias são úteis, principalmente pela acção inegável que sobre o individuo exerce o meio que o rodeia. Numa fábrica mal orga-

nizada, onde reinam a desordem e o desalinho, o operário trabalha fatalmente sem gosto, sem cuidado, qualquer que seja a sua boa vontade.

Mas nem só na oficina deve o operário usar de todos os cuidados de limpeza, também fora dela o operário deve usar de todos os cuidados pessoais; e em vez da vaidade pueril de conservar longe da fábrica os traços visíveis do trabalho, melhor será que proceda como o operário inglês e o norte-americano, que na rua não se diferenciam doutro qualquer empregado.

Na Inglaterra e na América fábricas há, principalmente as de produtos alimentares, onde, além de bons lavabos com água fria e quente, e abundante sabão líquido ou em pó, existem *équipes* de *manicures* e *coiffeurs*.

Em Portugal, já os regulamentos prevêem a existência de casas de banho e de lavabos nas padarias, e alguns destes estabelecimentos têm sido montados com bastante cuidado, e procurando o conforto dos operários. No entanto, muito há ainda a fazer nesse sentido, principalmente na parte educativa do pessoal, que nem sempre compreende e aceita de boa vontade os cuidados higiênicos que lhe são recomendados; bem como alguns industriais e encarregados da administração nem sempre mostram a nítida compreensão do seu papel, e não apreciam convenientemente que a melhoria das condições de trabalho representa um dos modos mais eficazes de resolver a questão social.

#### VIII.—AS CRÍTICAS AO SISTEMA TAYLOR

«O sistema Taylor, escreve A. Breton, não é uma utopia». De facto, foi realizado primeiro por Taylor, depois por numerosos discípulos, nos serviços mais variados: desde as emprêsas mais importantes, como as companhias de caminhos de ferro, até os armazéns mais modestos de venda a retalho. E discípulos mais entusiastas propuseram mesmo a aplicação dos princípios de Taylor ao govêrno da casa e à cozinha.

Mistress Christine Frederiks, por exemplo, escreveu um pequeno volume relativo à organização do *home* familiar, que é um exemplo interessante da extensão do campo de aplicação dos métodos científicos, e cuja leitura atraente deve sugerir reflexões úteis a muitas donas de casas.

Em França, os primeiros ensaios de aplicação do sistema,

nas fábricas, não foram muitos felizes. Os ensaios feitos em 1913 nas oficinas Renault deram origem a uma greve, pela oposição sistemática dos operários à mudança dos seus hábitos de trabalho.

«Parece que o que mais os irritava era a cronometragem e a vigilância constante por vários contramestres. ¿Era a forma americana do sistema que lhes desagradava, ou a mudança demasiado brusca dos seus hábitos? ¿Teria sido melhor introduzir pouco a pouco a reforma, começando por exemplo por substituir o salário com prémio ao trabalho a jornal, que teria conduzido docemente à necessidade da cronometragem?»

«Seja como fôr, é certo que não é possível considerar a organização do trabalho conforme a concepção exposta por vários engenheiros a M. Lahy: os nossos operários não são apenas artífices, mas artistas. Seguramente certos trabalhos exigem uma habilidade, uma aptidão especial que fazem dos seus obreiros verdadeiras excepções; mas a grande maioria dos trabalhos das oficinas necessitam duma disciplina, duma organização que é necessário estabelecer».

A êste respeito, Le Chatelier refuta os ataques muito vivos de que o sistema Taylor foi objecto, «senão da parte de verdadeiros operários, pelo menos da parte de jornalistas e de secretários de sindicato, habituados a falar como defensores officiosos dos operários, sem todavia se preocuparem sempre em saber quais são os interêsses e as preferências dêstes últimos».

As censuras mais freqüentes visam os seguintes pontos:

- «1.º O acréscimo de produção, fim essencial do sistema Taylor, não pode ser obtido sem fadiga dos operários;
- «2.º O operário baixa ao nível de simples trabalhador, diminuindo a sua situação intelectual e social;
- «3.º A monotonia do trabalho e ausência de todo o esforço intelectual desanimam os bons operários».

Na realidade, resulta da confissão de todas as pessoas que o viram funcionar que o sistema Taylor, longe de aumentar a fadiga do operário, a diminui. E, com efeito, o acréscimo de produção é obtido principalmente por disposições independentes da actividade do operário: uma melhor conservação das máquinas e das transmissões, a chegada mais regular dos materiais, o emprêgo de melhores ferramentas e o conhecimento das melhores condições para o trabalho destas ferramentas, etc.

Mas se, em todo o caso, se viesse a provar que o trabalho

pedido ao operário trazia uma fadiga exagerada, — o que se pode medir, generalizando os métodos experimentais do professor A. Humbert, da Universidade de Montpellier —, bastaria reduzir a *tarefa normal*, sem que isso modificasse em nada os princípios propostos por Taylor.

A afirmação de que o operário fica reduzido ao simples papel de trabalhador parece não ter fundamento e não constitui uma objecção séria. «Um simples trabalhador chega, pelo método Taylor, a fazer o trabalho dum bom operário; mas êste por seu lado consegue fazer melhor trabalho que no passado. Outrora, por exemplo, ficava-se satisfeito em trabalhar as moedas com a aproximação dum milímetro; as máquinas permitiram a aproximação até um décimo, e uma organização mais perfeita hoje permite pretender a aproximação a um centésimo. Ora um trabalhador que saiba apenas mover um carrinho de mão, não chega nunca a verificar a exactidão do seu trabalho com esta precisão».

Não parece, além disso, que a especialização e a repetição do mesmo trabalho desanimem os operários, quando êles sabem que esta especialização traz uma melhoria das suas condições de existência.

Segundo a experiência dos chefes de indústria competentes, encontra-se em cada cem operários apenas um capaz de perceber a monotonia do seu trabalho. «Para êste, o lugar não é na oficina, donde deve sair imediatamente. Talvez seja capaz de dar um bom empregado ou um bom contramestre; talvez não sirva para nada».

«É preciso que se compreenda que o operário é um homem como os outros. Se o nosso caminho é fácil e agradável, se a nossa ocupação não exige nenhum esforço intelectual, é certo pensarmos em mil cousas fúteis ou interessantes, e não vemos a extensão do caminho».

«Do mesmo modo, o operário, se o seu trabalho bem preparado é fácil de executar, se a oficina em que trabalha é limpa e bem aquecida, protegida do sol e ao abrigo das poeiras, se tem enfim o sentimento de ser um bom operário, e acredita na competência dos seus chefes, cumpre então a sua tarefa sem pensar nela, sonhando tranquilamente nos seus pequenos negócios, nos seus projectos do futuro, na sua grande distracção dos dias de liberdade: a pesca à linha, ocupação cem vezes mais monótona, entretanto, que todos os trabalhos da oficina».



Se acrescentarmos que os operários dos serviços que funcionam segundo o sistema Taylor têm um salário freqüentemente muito superior ao salário habitual, que assim se podem alimentar melhor, ter um domicílio salubre e mesmo confortável, levar uma vida mais agradável e mais sã, mal se explicam as prevenções que se levantaram por vezes, no público e mesmo em certos meios competentes, contra o sistema Taylor!

Como dissemos, os primeiros ensaios do Taylorismo em França encontraram a opposição dos operários, em consequência da mudança demasiado brusca dos seus hábitos. Contudo, conforme dizem os adeptos do sistema, não se deve concluir dêsse facto que a sua realização não seja possível nesse país, mas que, criado por um Americano para Americanos, se tornará necessário adaptá-los aos costumes de cada povo, fazendo-o sofrer certas transformações; sendo seguro que a sua base é de tal modo sólida que o método merece ser ensaiado, de boa vontade, nas diferentes oficinas, depois que patrões e operários hajam compreendido o seu interêsse e se tenham entendido sôbre o seu modo de aplicação.

Supor que o sistema Taylor não tem aplicação nos diferentes países, é um êrro grosseiro; porque, se o sábio engenheiro americano criou um sistema scientifico de organização dos negócios e utilização racional de meios de trabalho, é certo que o seu sistema se transforma segundo os casos.

Consta, como vimos, de princípios gerais visando a indústria considerada como uma abstracção, e de princípios especiais podendo reger a prática de cada indústria particular. E, em definitiva, resume-se na aplicação de alguns princípios elementares a todos os ramos do esforço humano, quer seja na América, quer em outro qualquer país.

#### IX.—APLICAÇÕES DO TAYLORISMO

Defendido por uns, atacado por outros, com a mesma violência, o successo crescente do Taylorismo provêm da necessidade, cada vez mais imperiosa, de empregar ao máximo todas as energias nas lutas de hoje, e também na guerra económica de amanhã, talvez mais grave ainda que tudo quanto se possa prever, o que representa actualmente a maior preocupação não só dos beligerantes, mas do mundo inteiro.

Por isso é já imensa a bibliografia relativa à obra de Taylor, principalmente escrita em língua inglesa, como se pode verificar num volume de Clarence Bertrand Thompson sôbre a organização científica do trabalho. É notável um relatório de M. Cooke, norte-americano, sôbre os serviços prestados pelo emprêgo dos novos métodos industriais na administração duma grande cidade; e do maior interêsse é uma memória de M. G. Renold, em que êste expõe com detalhes a maneira de utilizar o sistema Taylor para dirigir um grande negócio industrial.

Os franceses têm também já hoje uma literatura copiosa sôbre o Taylorismo; mas as obras mais completas são as traduções feitas pelo sábio professor e engenheiro M. Le Chatelier, sob os títulos de: *Direction des ateliers -- Organisation scientifique des usines -- Système Taylor* — e a tradução, feita pelo engenheiro M. de Fréminville, dum livro de Hartness, discípulo de Taylor, com o título: *Le facteur humain dans le travail*.

Em França, também o médico chefe dos serviços de fisioterapia do Hospital Militar do Grand-Palais, o major médico Pierre Régner, com o professor Jules Amar e outros, indica os princípios de Taylor como devendo ser o código da Reeducação Profissional dos mutilados e dos feridos da guerra, pois que a sua aplicação deve dar melhores resultados que os métodos ordinários no rendimento do trabalho dos mutilados, cujas faculdades e aptidões estão consideravelmente diminuídas e que por vezes devem aprender um novo ofício rapidamente, visto a sua idade relativamente avançada.

«Têm de se fazer sem dúvida investigações delicadas, observações por vezes minuciosas. Mas umas e outras são indispensáveis para guiar judiciosamente o mutilado na escolha e exercício duma profissão.

«Muitos pensarão talvez que se trata de precauções inúteis, devendo bastar o bom senso e a experiência para o bom resultado da questão.

«São os mesmos argumentos empregados contra Taylor quando êle começou as suas investigações. O empirismo não fala doutro modo. Finalmente, houve que reconhecer que Taylor tinha razão.

«O interêsse imediato do mutilado, o da sociedade, o prestígio da Reeducação Profissional seriam só por si razões suficientes para pôr em prática, sem tardar, a organização científica do trabalho.

«Mas uma consideração nova acentua a sua urgência, por assim dizer. O Estado quer obrigar todos os feridos e os mutilados da guerra, que não-de beneficiar da lei sobre as pensões militares, a tirarem previamente todo o partido possível da Reeducação Profissional.

«Um projecto de lei neste sentido foi votado na Câmara dos Deputados, e no dia 8 de Julho de 1916 o senador Sr. Strauss mandou para a mesa um relatório sobre este projecto de lei. Vai haver votação antes do fim da sessão parlamentar.

«Se, como tudo permite conjecturar, esta lei é definitivamente votada, o seu corolário indispensável é, certamente, a organização científica da Reeducação Profissional.

«Seria interessante organizar desde já uma oficina modelo, que comprehendesse todos os aparelhos, — cinematógrafo, cronómetro, cronógrafo, etc., — que serviram a Taylor e aos seus discípulos; e assim, bem depressa, essa oficina se tornaria um centro de informações e documentação preciosa».

Nas questões de abastecimentos, como em todos os problemas de organização, presta o Taylorismo o importante auxílio das suas regras essenciais de estudo e realização, como vamos indicar num exemplo particular, — o do abastecimento do carvão —, tratado por M. Le Chatelier.

«Estamos em guerra. Queremos obter o carvão necessário para as nossas necessidades. Um certo número das nossas fontes de aprovisionamento falta: minas invadidas, importações de certos países suprimidas e, ao mesmo tempo, necessidade ainda mais imperiosa dêsse combustível pelo facto dos nossos fabricos de guerra. Que fazer?

«Torna-se necessário precisar este *desideratum* geral. É a primeira regra da organização. ¿ Pedimos carvão em tal quantidade que o possamos desperdiçar, como em tempo de paz, ou aceitamos certas restrições? O último partido é o único razoável. ¿ Mas em que consumos devem fazer-se essas restrições: diminuições no aquecimento doméstico, supressão das indústrias de luxo, como a indústria dos *primeurs*, os combóios rápidos dos caminhos de ferro; compressão de todas as indústrias que não concorram directamente para a defesa nacional: matérias corantes, fabrico das garrafas de água mineral, etc...? ¿ Devem respeitar-se os caprichos habituais de todos os consumidores, fornecendo, exclusivamente, por exemplo, às cozinheiras de Paris, o carvão, da

qualidade que elas declaram indispensável, e às de Grenoble o carvão magro que elas julgam superior?

¿ Elevar-se há a taxa normal em cinzas dos carvões do comércio para evitar lançar ao entulho restos de carvão contendo ainda 50 % de matéria combustível? ¿ Devem reduzir-se os desperdícios do carvão nas fábricas e oficinas de guerra?

« Há que fazer, em cada uma destas questões, um estudo detalhado, longo e minucioso. Terminado êsse estudo, poderemos então saber exactamente quais são as necessidades de combustível que queremos satisfazer, tanto em qualidade como em quantidade, o que precisará o fim a atingir. Talvez se achasse mais simples procurar obter a maior quantidade possível de carvão sem preocupações de conhecer da quantidade e qualidade necessária. É o método actualmente seguido.

« Abordemos agora a segunda fase da organização, a investigação dos meios a empregar para atingir o fim desejado. O problema divide-se necessariamente em duas partes distintas: a realização das economias que foram reconhecidas indispensáveis e a obtenção do carvão necessário. É então ocasião de aplicar o método científico, o de Descartes, que é também o de Taylor: dividir cada dificuldade nas suas partes elementares e estudá-las isoladamente, quer invocando a própria experiência pessoal, quer procurando o concurso de pessoas de competência reconhecida, quer mesmo realizando pesquisas de laboratório. Neste último caso, não se deve esperar pelo resultado final de experiências sistemáticas, sempre demoradas; continuar-se há a prosseguir, reservando-se para utilizar mais tarde os resultados obtidos.

« Para diminuir o consumo do combustível, os processos a considerar são infinitamente numerosos: limitação do consumo dos particulares, quer por cartas de consumo, quer pela elevação do preço de venda; estudo experimental das vantagens da destilação prévia do carvão com produção de dois combustíveis: o coque e o gaz de iluminação, o que representa melhor utilização que o emprêgo simples da hulha bruta. Supressão de certas indústrias, por interdição directa ou por convite aos nossos aliados para que recusem os géneros produzidos; em todos os casos evitar rabujar, como crianças mal educadas, se estes últimos tomam por si mesmos a iniciativa inteligente de proibirem as importações inúteis. Comparação dos consumos de carvão nas oficinas de guerra fazendo o mesmo trabalho, e obri-

gação imposta, a todas, de empregarem os métodos de trabalho reconhecidos como mais económicos; etc.

« Mas, para conduzir estas medidas indispensáveis a bom caminho, é preciso evitar ofender e alarmar a opinião pública, donde resulta a necessidade de a esclarecer antecipadamente. A precipitação das mudanças de hábitos e costumes produz muitas vezes mais mal que as próprias alterações. Êste trabalho sôbre a opinião devia ter começado desde o dia da declaração de guerra. A imprensa séria, se por acaso alguma existe em França, devia dar a sua colaboração ao Govêrno, como o fazem os grandes jornais de Londres. Devia solicitar-se dos economistas que renunciassem por algum tempo a viver nas nuvens, e pusessem o público ao corrente do problema do carvão, explicando-lhe quais os consumos necessitados pelos diferentes fabricos e as dificuldades de aprovisionamento, e isto deveria ter sido feito em tempo útil, isto é, meses e talvez anos antes do comêço das medidas restritivas, de modo a preparar a opinião e a deixar-lhe o tempo de compreender as necessidades da situação.

« A segunda categoria dos meios de acção a estudar visa à aquisição das quantidades de carvão que se julga indispensável obter, quer por intermédio dos nossos aliados, quer desenvolvendo a exploração das nossas minas de hulha. Para conseguir o concurso dos nossos aliados torna-se necessário, antes de tudo, convencê-los da pureza das nossas intenções, não lhes deixando a menor dúvida quanto à nossa firme vontade de evitar todos os desperdícios. Para obter essa convicção, é preciso confiar as negociações respectivas a homens que, técnicamente e moralmente, sejam iguais aos seus interlocutores ingleses, que conheçam bem a língua do país, e que se não possam prestar à suspeita de que teriam pôsto de boa mente o Pas-de-Calais entre êles e os campos de batalha, etc.

« Do mesmo modo, o acréscimo da nossa produção pode ser obtido por muitos meios diferentes: desenvolvimento da extração das antigas hulheiras, concessão de novos jazigos, auxílio financeiro para a exploração provisória de jazigos de combustível inferior, inexploráveis em tempo de paz; utilização dos xistos carboníferos para a produção da energia mecânica no talhão da mina.

« Uma vez terminada a enumeração de todos estes meios de acção, e feita a escolha de alguns de entre êles, começa a ter-

ceira fase da organização com a reunião dos agentes de produção julgados indispensáveis. Não se trata, neste caso, de instalar máquinas como no funcionamento dum fabrico industrial; é principalmente necessário empregar homens útilmente. Será preciso acelerar o movimento das máquinas de extracção, dos barcos e dos combóios; mas isso terá de se fazer sómente duma maneira indirecta, como consequência longínqua da organização central que estudamos aqui.

«Que homens escolher? É preciso, em primeiro lugar, um chefe para o trabalho preparatório que acabamos de esboçar. Não deve ser muito difícil encontrá-lo; podem-se aproveitar antigos funcionários aposentados e bem ao corrente da questão do carvão. Se não há confiança na sua actividade ou nas suas disposições em aceitar responsabilidades, é possível obter que aceite esse posto um dos directores de minas, homens não menos capazes e momentaneamente sem ocupação. Êste chefe de serviço precisará de numerosos colaboradores. Mas quantos engenheiros afastados das suas ocupações habituais seriam felizes em prestar o seu concurso à defesa nacional. Haverá necessidade, além disso, de conseguir a colaboração dos sindicatos industriais animados de sentimentos patrióticos, sem desprezar a utilização, ao mesmo tempo, do concurso dos agrupamentos hostis, cujas críticas darão antecipadamente informações sôbre os inconvenientes das medidas projectadas, evitando assim de ter de revogá-las quarenta e oito horas depois.

«Enfim, estando tudo assim preparado e pôsto em ordem, vem a execução. Basta então um simples movimento, uma ordem do chefe dos serviços para que toda a máquina funcione por si mesma, sem nenhuma dificuldade, se foi bem construída. Mas se foi mal edificada, o trabalho é enorme e mesmo impossível.

«Dei, há tempos (*La Nature*, de 4 de Dezembro de 1915), um exemplo notável da aplicação destes princípios: a organização do Congresso dos Métodos de Ensaio, em Bruxelas, feita por Greiner, o chorado director das oficinas Cockerill. A preparação levou-lhe um ano de trabalho. Estudou o seu plano de batalha, de acôrdo com um certo número de colaboradores agrupados à volta dêle. Por várias vezes veio conversar com êles em Paris, Londres e Berlim, e por fim reuniu-os uma última vez em Bruxelas, alguns dias antes da abertura do Congresso, para decidir as disposições finais. Depois, tendo principiado o Congresso, Greiner tomou a

aparência de quem procura apenas divertir-se, parecendo absolutamente desinteressado do que se passava à volta dêle. Com uma flor na lapela e fazendo a côrte às damas, amável com todos, Greiner viu desenrolarem-se, segundo o programa previsto, as sessões de trabalho e as excursões de prazer. Não houve a menor dificuldade.

«É isto no fundo todo o sistema Taylor. Os meios de estudo a empregar os agentes de execução a mobilizar variam segundo os objectivos, mas o método é sempre o mesmo.

«Resta a última parte da organização: a verificação da conformidade dos resultados obtidos com o fim que se pretende atingir. Taylor prevê, com êste objectivo, um serviço de inspecção tendo continuamente em dia os custos de produção e verificando a qualidade das peças trabalhadas, à saída das mãos do operário.

«No caso do carvão, tomado aqui como exemplo, as serviçais esperando longas horas em fila nas ruas, geladas, para não obterem muitas vezes nem mesmo um saco com 10 quilos de carvão, encarregaram-se já dessa verificação e puderam apreciar os resultados da substituição da organização pela inspiração.

«Esperamos que no futuro não ouviremos mais a ignorância a dizer-nos que a organização é contrária ao temperamento francês, ou, pelo menos, não lhe permitiremos mais que isso lhe traga um título de glória. ¿Será preciso, depois da crise do carvão, que venha a fome ensinar-nos finalmente que a formiga é, pelo menos, tão inteligente como a cigarra?»

## X. — CONCLUSÕES

Como vemos da exposição até agora feita e dos exemplos apresentados, a organização, tal como tem sido concebida por Taylor e os seus adeptos, funda-se em noções tão fáceis de compreender que não é de admirar tenham encontrado diante de si a objecção muitas vezes repetida: no sistema Taylor nada há de novo, apenas simples bom senso.

Mas, diz Le Chatelier, se preguntarmos indiscretamente ao nosso interlocutor porque não aplica ideas tão banais, responde-vos invariavelmente: isso seria demasiado complicado na minha indústria.

É que os princípios do sistema, fáceis de compreender, são mais difíceis de aplicar; e o grande mérito de Taylor está prin-

cialmente em que, pela propaganda e pelo exemplo, o célebre engenheiro nos mostrou a possibilidade e as vantagens de pôr em prática essas ideas, que são talvez de todos nós, mas que nós éramos incapazes de realizar; tendo, além disso, acrescentado a estas realizações uma concepção, que não é sem valor, e que seria aproximadamente a seguinte:

«Analisando o tempo perdido na maior parte dos nossos trabalhos pela falta de método, concluimos que, com um pouco de estudo e de análise, poderíamos obter um resultado idêntico, trabalhando muito menos».

Taylor desenvolveu esta teoria com as suas conseqüências sob o ponto de vista social, e as suas obras são do mais alto interesse filosófico. Por isso as ideas de Taylor, sob o seu nome ou outro, hão-de fazer caminho através de tudo, porque são sãs e porque representam o melhor meio de destruir a rotina e os prejuízos que em demasia têm presidido, durante muito tempo, à organização em geral, e em especial aos métodos de fabrico industrial. (Paulo Négrier).

FERNANDO DE VASCONCELOS.





## Elegia do crepúsculo

---

*Pasma de mistério a tarde  
olhando o sol, que estrebucha e arde  
na neblina do poente —  
incendio de cor  
sôbre a distancia dos montes!*

*A sombra desce, a sombra ennevoa,  
que o sol vai a findar  
e um místico instinto as coisas abençôa.*

*O crepúsculo é a oração suprema  
que a natureza entoia,  
rezando  
no dialogo profano do vento,  
como ruído errante e nostálgico  
dum lamento! . . .*

*O crepúsculo lembra  
lusiadamente, a saúde  
de quem não pode voltar.*

*Em horas místicas de sol-pôr,  
fundos sangrentos de painéis —  
em horas rituais, suicidas de poente —  
a noite é a sombra duma cor ausente.*

*Os choupos no crepúsculo  
são bruxos cogitando,  
e atalaiando  
a negrura dos caminhos,  
lembram mendigos nostálgicos de saúde  
chorando os seus tempos de infância —  
nevoa saudosa de distância,  
memória d'além n'outra idade.*

*A sombra desce, a sombra ennevoa —  
e o crepúsculo misticamente  
lembra o gesto  
de quem as almas abençoa.*

*Nos murmúrios profanos  
que a tarde extaticamente ouve,  
a elegia em bruma do crepúsculo  
lentamente entoa  
o coral florido da paisagem.*

*Povoam-se de saúde  
meus olhos de miragem —  
sagrados de distância,*

*e eu sinto, ouço enlevado  
a reza da paisagem,  
rezando  
ante o claustro pleno da noite,  
lunar de morte  
sôbre o tûmulo da distância!*

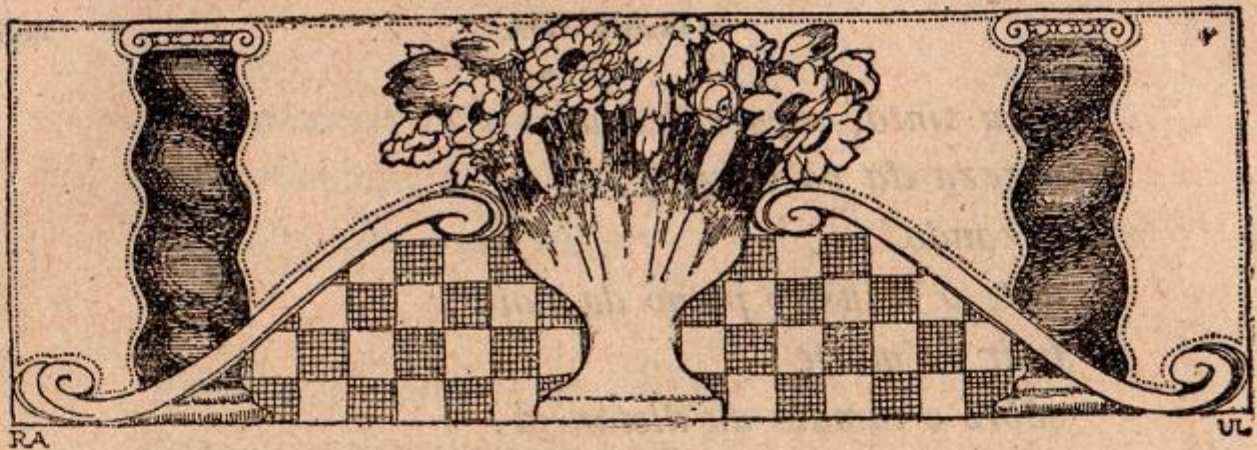
*Loucamente,  
ensangüentadamente,  
o dia no crepúsculo findo  
foge louco de pavor!*

*Em místico painel  
sagrado de distancia —  
no roxo e no oiro do sol-pôr,  
em horas rituais de crepúsculo,  
em tons suïcidas de poente —  
a noite lembra a sombra duma côr ausente!*

Coimbra, 1917.  
Arcos do Jardim.

CORRÊA DA COSTA.

(Do livro *A Infância das Naus* e outros poemas de regresso  
à terra que o autor escreveu com o seu enigma).



## O que o mundo não vê...

(Do livro de contos *Ídolos Maus*, inédito)

*A Rafael Sampaio.*

— «Digo-te a pura verdade, meu caro amigo: nunca fui amante dessa encantadora Alice. Não fui, muito embora ela me parecesse sempre a mais adorável criatura e houvesse, da parte do marido, decidida simpatia para comigo...»

Alice era aquela que ia à frente da grande linha de carruagens, dentro dum coche dourado, puxado a três parelhas de cavalos brancos, contradançando uns com os outros, muito sôfregos, sob uma solene toga de veludo negro. Eu acabara de contemplá-la longamente, com o meu olhar terníssimo de sempre. Estava pálida, de olhos semicerrados, com os cabelos louros, opulentos, meio em desordem, emoldurando-lhe o semblante oval. Sorria... Parecia sorrir, ao menos, que a expressão da sua fisionomia era duma cândida faceirice, vendo-se-lhe através dos lábios descòrados os primeiros dentes, muito pequeninos, muito alvos, como acontece no movimento inicial da frase, precedida quási sempre, nas mulheres bonitas, duma expectativa, duma hesitação assim... As mãos fidalgas, muito esguias, quedavam inertes, como num repentino repouso, ainda premeditando gestos e carícias. E viam-se-lhe os pés minúsculos, à orla do vestido preto, calçados em sapatinhos de baile.

Parecia incrível que ela, tão jovem, tão formosa, fôsse conduzida dali, por nós todos, para o cemitério, para o túmulo.

Íamos muitos a segui-la, mas apenas três — estivera eu a considerar comigo na delícia dum exclusivismo indefinível — apenas três gozavam do direito de pranteá-la como a alguma coisa de si

mesmos, da própria vida, que se evolasse: eu, o meu amigo Juliano Rosas, e Luís Epaminondas Andrade, o marido.

Em geral, em tórno a uma mulher bonita gravitam pelo menos três homens: o que a amou de longe, como um José Matias, idealizando-a, fazendo-lhe versos, sem interêsse material, sem esperanças, muita vez ignorado até; o que a envolveu em teias romanescas, sob impetuosos assaltos, e a conseguiu arrebatat, trémula, assustada, palpitante, para os desvios, cada vez mais freqüentes, da grande linha férrea do matrimónio; e o «outro», o detentor legal, fruidor da posse pacífica, burguesa, terra-a-terra, entre o que Flaubert chamava «les platitudes du mariage». Dessas três criaturas, a primeira, no caso vertente, chamava-se Amaro Baptista, e era eu; a terceira, o já referido Luís Epaminondas. Quanto à segunda, que eu viera cogitando e sempre julgara (com uma invejosa admiração) haver sido Juliano Rosas, o supremo architecto, reduzia-se de repente a enigma pela narrativa do mesmo.

... E eu que o procurara e me decidira a trazê-lo comigo na mesma carruagem, como que por uma espécie de solidariedade, de confraternização tácita, parecendo-me que da nossa associação em tal emergência resultaria qualquer cousa de agradável, de lisonjeiro para Alice!...

— «Ela não me amou, pensava eu. Bondosa e suave acolhia sem desdêm os meus versos; ouvia, sem ridicularizá-los, os meus madrigais. Mas era só. Amava-o, a êle. Vendo que me abrigo ao seu lado, neste instante supremo, compreenderá tudo: renúncia, imaterialidade, poesia... E se convencerá de que a não amei, jamais, de outro modo».

Gente haverá a que se não divulgue logo, claramente, o sentido de tal raciocínio. Mas o facto foi êsse: senti necessidade, um quási aflitivo desejo, de ombrear com Juliano Rosas, de exibirmo-nos juntos, lado a lado, em tácita conformidade de sentimentos, em idêntica atitude moral.

Esse impulso era obscuro e ilógico, reconheço-o agora, imparcialmente. Para ser lógico ou, em mínima parte, coerente, deveria abranger pelo menos outra pessoa, a pessoa do cavalheiro Luís Epaminondas, o viúvo. Os três, juntos, constituiríamos, a seguir aquele préstito, como que um grupo de três reis bárbaros, vencidos, ornando o triunfo a um general romano. Por mais absurda, antinómica, que pareça essa imagem, creio que ela

me ocorreu ali, seguindo o entêrro. Mas não havia, não havia positivamente na minha alma, ou na minha fantasia, exigência alguma em relação ao viúvo. Dir-se-ia até que, se acaso se incorporasse à nossa a sua dor, viria de algum modo embaçar-lhe a tonalidade misteriosa e interessante. A sua era uma dor legal, perentória, prescrita pelos usos e as conveniências; vinha já palpável, subdividida, metodizada, ora contraindo-se, ora dilatando-se, como a voltar pelo avêso todo o coração ao público. A nossa, pelo contrário, era ilícita; deixá-la transparecer seria, até certo ponto, ultrajar a morta.

De qualquer maneira, a presença de Luís Epaminondas a meu lado nada significaria, emquanto que a de Juliano Rosas, na minha suposição, simbolizaria muito. Por isso quando, ante o meu primeiro hemistíquio elegíaco, ao mover-se o cortejo, Juliano Rosas atalhara com a contestação formal, estaquei perplexo. Não que temesse haver colocado mal uma pontinha de confiança; o meu pobre amor, com a insensatez de tantos versos, fôra um fenómeno notório, quási público. E inocente, e nada compromettedor, afinal de contas... No *Livro de Célia* compendiava-se todo um almanaque do meu astro, com as suas aparições, e trajectória, e fases de luz e de penumbra, e eclipses, tudo registado com precisão, com detalhes, flamariónicamente. Ora, de Célia para Alice, de Alice para Alice Rantz, depois Alice Rantz Andrade, a formosíssima «Madame Luís Epaminondas», a argúcia social não hesitara.

O meu embaraço, pois, não nascera do temor da indiscrição, porêem dum receio diverso, do receio da discordância possível entre os sentimentos de Juliano e os meus.

— «Deveras?...» sorri, incrédulo. «Pois não é o que todo o mundo diz...»

— «Palavra! Nunca tive com aquela senhora contacto mais íntimo que o da palma das nossas mãos. Nunca...»

— «É estranho! E eu que me afastei sempre, que me retraí, julgando que a amavas...»

Juliano disfarçou um sorriso de mofa à minha presunção e, devagar, com um sotaque que tinha às vezes de destacar bem as sílabas, proferiu:

— «E não te en-ga-nas-te...»

— «Como?»

— «Não te enganaste, digo. Mas entre o amar uma mulher e ser o seu amante há alguma diferença».

— «Foste repellido?»

— «Espera... Não poderás compreender cousa alguma aos bocados, numa espécie de *interview*. Deixa-me narrar-te tudo, com vagar, com sinceridade. O cemitério é longe...»

Rosas concentrou-se alguns momentos, tirou um charuto, acendeu-o, e pela vidraça descida soprou para o espaço baforadas azuis. O préstito seguia a passo. A manhã, que principiara nevoenta, de garoa, clareara de todo. Das janelas, entre vasos de gerânios, lado a lado da rua, cabeças de raparigas debruçavam-se risonhas, contando o número das carruagens, admirando a porção e riqueza das coroas. Crianças rodavam arcos pela calçada, e os vendedores ambulantes, sobraçando cabazes de frutas, gritavam a sua toada, indiferentes.

— «Lembras-te do Luís Epaminondas, há doze ou quinze anos, quando publicavas aqui a tua revista *Cosmópolis* e o proclamavas sempre o árbitro das elegâncias?... Incutiste-lhe umas fumaças de Petrónio e de Mecenas, e o resultado foi decidir-se êle a esbanjar, rápidamente, em quadros, estatuetas e regabofes a uma súcia de escritores e artistas, uma apreciável herança. Não sei porquê, teve-me êle sempre em alta conta. Eu acabava então o meu curso de arquitectura, obtinha o prémio de viagem à Europa e partia... Partia para voltar dois anos depois, inebriado de arte, da grande arte das catedrais góticas, dos palácios da Renascença, das pilastras e capitéis clássicos, dos majestosos frontões recobertos de velhos ornatos greco-romanos. Afagara-me especialmente o gôsto a renascença italiana, na sua simplicidade elegante e fria, abrandando por uma graça singular e indecisa a austera grandeza antiga. Visitara templos, palácios e castelos, extasiara-me horas e horas perante vetustos mobiliários, quasi genuflexo ante os quadros célebres, quer nas galerias particulares, quer nos salões dos museus.

Sonhava uma adaptação de certos moldes ocidentais ao nosso meio, imprimindo-lhes, sem profaná-los, uma feição característica, vivaz e eloquente, de modo a traduzir-se nos blocos das cantarias ou no voltear das colunas a nossa índole sensualmente mística, esta precocidade inexplicável em um país como o nosso, pois «le mysticisme dans la sensualité c'est l'état de conscience des villes qui vont mourir», «c'est aussi les signes des ultimes

décadences», como escreveu um crítico de Arte, aproximando, sob êsse aspecto, a obra de Verlaine da derradeira época de Sodoma.

Parecia-me possível simbolizar o nosso temperamento cálido e dormente, bafejado pelos enlevos caprichosos e pela doçura da crença esvanescente, em padrões incomparáveis de arquitetura. Regressava com êste sonho e com esta tortura. Afligia-me a idea de demolir as incoerências dos tipos coloniais, dos monótonos paralelepípedos abotoados horizontalmente em uma carreira de manchas tristes, para criar a arte indígena, original, significativa por excelência.

Alguns projectos esboçados sob êsses moldes fizeram sorrir o burguês e eu embatuquei. Reconheci que seria tolice, entre nós, pontificar aqueles cânones contra a corrente da moda, a fôrça viva do snobismo e da fatuidade humana, e cedi. Os meus primeiros trabalhos indignaram-me e atraíram-me enorme clientela. Debruçado sôbre a plancheta, afigurava-se-me (perdoa-me a falta de modéstia...) afigurava-se Gustavo Flaubert a escrever as baboseiras de Xavier de Montépin...

Ganhei fama e, cousa mais positiva, ganhei dinheiro, muito dinheiro! Fui o architecto da alta sociedade, o restaurador dos velhos palácios que ultrajava em remodelações caricaturais, o edificador dos palacetes modernos, banais como gaiolazinhas de pássaros. Luís Epaminondas, constatando o meu successo, adorava-me. Grudava-se a mim, propalava a nossa camaradagem, machava-me. Elegeu-me seu consultor estético, jurídico, mundano. Ao adquirir um quadro, ao efectuar o negócio dumas acções, ao dar o laço da gravata, ao escolher o nome para os seus cavalos, ouvia-me. Era fatigante. A minha complacência, porém, foi sempre considerável e, como êle, para ostentar intimidade, após encomendar-me o projecto de um *cottage*, e a construção, e o desenho do mobiliário, me intimara a uma experiência conjunta de habitação por muitos meses, acabámos por dar à sociedade a impressão de dois amigos castor-poluxianos, perpétuos, inseparáveis.

...Foi algum tempo depois de tudo isso que appareceu em S. Paulo, como uma visão fugaz de quimera e de sonho, a loura e esbelta Alice Rantz, filha do banqueiro Rantz de Pôrto-Alegre. Eu me ligara muito, na Escola, a alguns colegas do Rio Grande, liais e queridos camaradas, herdeiros de nomes geralmente tra-



dicionais na história das lutas do Império. Por um dêles fui apresentado, após um jantar na *Rôtisserie*, ao banqueiro e à filha: o velho, uma bela figura] de *lord* irlandês, alto, sêco, de suíças branquicentas; a *miss*, uma criatura lirial e frágil, bizarra combinação de *edelweiss* e da orquídea brasileira. Loura, esguia, de longos braços finos, mas tendo o colo cheio, e os olhos castanhos, e os lábios polpudos, e toda uma expressão ardente que lhe viera naturalmente da mãe sulista, descendente de castelhanos. Era uma rapariga estranha e encantadora, tu bem te lembras...»

— «Oh! se me lembro!...»

— «Estava, então, muito em moda em S. Paulo o *sport* da bicicleta. O que o automobilismo é hoje, era o ciclismo naquele tempo. O velódromo, hoje desaterrado, todo dividido em lotes, dava a nota chic da semana. *Veloce-Club Olímpico Paulista*... História antiga, hein?... Na larga pista elíptica, de cimento, emparelhavam-se, aos domingos, em *matches* sensacionais, os rapazes das melhores rodas de S. Paulo. E às tardes, nos dias de semana, senhoras e senhoritas iam para ali pedalar, flirtando vigorosamente. •

Alice Rantz era ciclista emérita, e os nossos passeios por S. Paulo, muito matutinos, entre a garoa fria, foram sôbre óptimas *Colúmbias*, ora seguidos pela touca singela da sua aia presbiteriana, ora pelas suíças do velho. Vejo-a ainda, de calções largos, meias até os joelhos, blusa clara de malha desenhando-lhe o busto firme, muito còrada, os cabelos fartos e louros metidos sob um gorro de Astrakan... Almoçávamos muitas vezes uma frugal *sandwich* com cerveja, sob os bosques da Vila Mariana, nas chácaras da Avenida, ou na Penha, ou na Ponte Grande. E atrasavam-me uma porção de projectos essas excursões sentimentais... Os desenhos jaziam sôbre a mesa, empoeirando-se, e os compassos, e esquadros, e tira-linhas, tudo parecia agora alheio a mim, como um mundo inferior, protozoário, abandonado e distante. Dominava-me, absorvente, o empenho de ser o único cicerone de Alice, de resguardá-la dos outros como coisa minha. Mas, ah!... meu caro, breve a linda ciclista era descoberta em frisas do Teatro Lírico e aparecia nos salões de grandes bailes. Luís Epaminondas já me vinha farejando, havia tempos, intrigado, sequioso, lobrigando ternura. E, no primeiro sarau em que nos encontrámos, fez-me apresentá-lo a *miss* Rantz

e atirou-se a ela, voraz, insaciável, em valsas vertiginosas, como um derviche. Eu não danço, tu bem o sabes, nunca dancei. Não imaginas em quanto essa faculdade de saber dar uns passos para a direita e a esquerda, ao som da música, concorre para a gente sair vencida ou triunfante nas lutas do amor! Evolou-se todo o meu prestígio, sucumbi, perante a concorrência terpsicórica de Luís Epaminondas. Esse tremendo valsista não deixou mais passarem-se dois dias em S. Paulo sem um baile. E Alice, fatigada, já não saía mais a bicicleta...

Quando dei por mim, Luís Epaminondas explodia-me certa manhã no quarto, irradiante: estava noivo. Pedira, fôra aceito, o casamento era questão de dois meses, vir o enxoval da Europa, mobilar um palacete na Avenida...

Hoje, recapitulando, vejo quanto devera ter influído sôbre a conduta do meu amigo o seu velho hábito de seguir a minha experiência, o meu gosto, os meus entusiasmos. Quando eu declarava belo um quadro, Epaminondas comprava-o; quando eu elogiava um livro, Epaminondas o lia. A sua decisão em todos os assuntos subordinava-se a um gesto, a uma preferência minha. Quando atinou com a mulher que me agradava, era fatal... Aproveitaria o meu juízo, mais uma vez, sôbre a autenticidade duma obra de Arte...

A verdade, entretanto, é que o nosso camarada não se contentou com a evidência flagrante dêsse juízo; ambicionava a perpetuidade do meu aplauso, requestava, como que para vangloriar-se perante o mundo, uma atitude de permanente admiração da minha parte. Para não dar-me por susceptibilizado, frequentei desde os primeiros tempos a «Vila Ecila», que foi como êle crismara o tal palacete da Avenida, ninho dos seus amores...

— «Alice, Célia, Ecila...», murmurei baixinho. «Tres lindos nomes com as mesmas cinco letras...»

— «E são possíveis cento e vinte combinações diversas», rugiu Juliano Rosas, num tom matemático, professoral, como que irritado à minha interrupção.

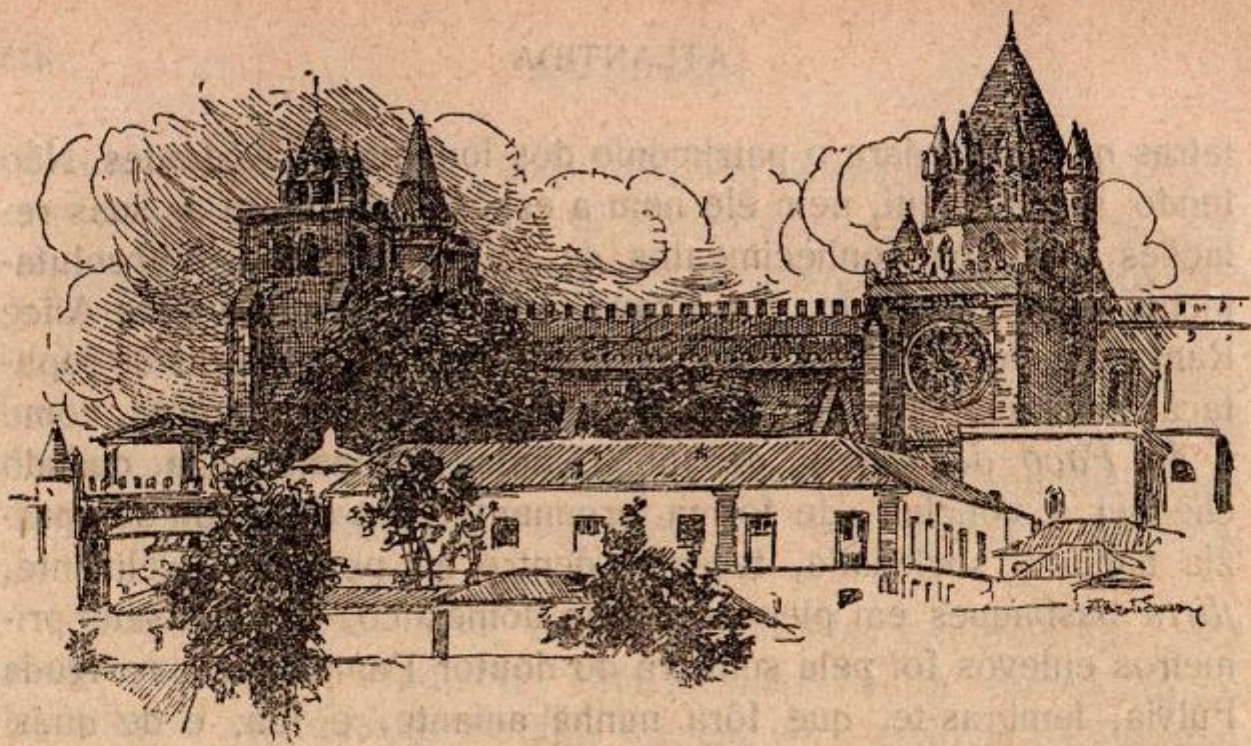
— «Bem, bem... Continua».

— «Vila Ecila... Eu achava aquilo idiota, epaminôndico. Por vezes estive para mandar arrancar, à noite, a placa de bronze. «M. e M<sup>me</sup> Louis Epaminondas» — era assim que êle fizera gravar nos seus cartões de visita — recebiam às quintas, e já não era mais a sociedade de artistas e homens mais ou menos de

letras que engordara o património dos longínquos Andrades. Não tendo família aqui, nem êle nem a espôsa, recrutara as suas relações entre os conhecimentos de salões de baile, e absolutamente sem escrúpulo. Eu ficava atordoado vendo a doce Alice Rantz receber e beijar, como amigas íntimas, a senhoras de reputação mundialmente equívoca, de estirpes célebres, taradas, como a do *Paço de Veiros*, de Júlio Dantas; e, mais ainda, quando cheguei a concluir, de forma terminante, que o marido se aprazia naquela sociedade, tecendo dentro em pouco, visivelmente, *flirts* basbaques em pleno cenário doméstico. Um dos seus primeiros enlevos foi pela senhora do doutor Pamplona, a nariguda Fúlvia, lembras-te, que fôra minha amante, e tua, e de quasi todo S. Paulo, e que Epaminondas admitira em casa, às suas recepções, já em lídima decadência, e levava a requestar cauteloso, como um donzel inexperiente, entre momices alvares. Esse despropósito irritou-me e, chamando-o um dia ao meu escritório, fiz-lhe sentir o ridículo de tal situação, com lialdade, com franqueza. Dias depois sabia que êle e ela já se encontravam no gabinete de uma *manicure*, disfarce habilidoso para *rendez-vous* daquela espécie.

(Continua).

VEIGA MIRANDA.



## Vila morta

---

*A Manuel Monteiro.*

A vila velha ficava no tampo da colina, recortando no azul as ameias altívolas do castelo, os dois arcos vazios dum campanário e linhas interruptas de antigas muralhas arrogantes. Subia-se lá por um caminho em lacetes, de grandes lajes sonoras, entre sobreiros esqueléticos e rubros com aspecto de fulminado. A meio da encosta, e riscada pela fuga esperta das lagartixas nas máculas do musgo, ficava a entrada avançada da cidadela, uma porta ogival com seteiras cruciformes, requeimada e desaprumada como velho mendigo que implora a esmola duma muleta. Depois do burburinho da vila nova, entre a azáfama dos hotéis e dos casinos na planície côm de cré, dir-se-ia com sua acolhida veneranda e pacífica a porta do recolhimento claustral onde dormitassem os manes do abandono. Para lá o caminho seguia às curvas pelo meio de hortejos magros sugando o húmus ressequido, estrangulava-se depois entre os panos abruptos duma fraga talhada, desembocando por fim em um amplo terreiro de erva onde pascia uma vaca triste: ao pé abria-se a bôca duma cisterna sêca sôbre que pendia a corda poída duma roldana. Era o largo das rumorosas e pintalgadas feiras de outrora, ladeado de alpendres desmantelados e destelhados onde ainda seguiam aos corcovos os balcões de venda, com raros bancos sumidos na

erva pespontada de malmequeres, e ao meio o vasto álamo centenário a cuja sombra se mercadejava e se bebia.

Ao fundo, abria-se a primeira rua tortuosa do velho burgo, córrego de sombra interceptado por clareiras de sol no chão de caliça das casas desmoronadas, ladeado ao comêço por dois pilares votivos de aparelho rústico, onde se esculpiam panóplias guerreiras. Era por esta aberta, espécie de esguio caixilho, que se via lá no alto o grupo a um tempo gracioso e severo dos velhos edifícios que coroavam a colina: a cupulazinha germinada da igreja com o catavento enferrujado e pendido, a face historiada e nobre do palácio ducal e os flancos robustos da torre de menajem, donairoza e impávida, projectando os cubelos elegantes nas alturas da limpidez anilada. Assim agrupados e piramidando, banhados de luz dourada, dir-se-ia uma tiara de brocado fulvo, erguida em apoteose, com os ornatos de filigrana das janelas góticas, a renda delicada dos varandins, e pedras preciosas de sol poente nos vidros irisados das capelas absidais...

A ruela, com os beirais sinuosos e claudicantes, trepava como a via emmudecida do abandono, entre hálitos frios de prisão ou de sepulcro, em que as horas esquecidas iam sendo marcadas por um pêndulo áspero e destruidor — o roer monótono dos insectos nos madeiramentos desconjuntados. Fachadas calcinadas seguiam com os olhos vazios das janelas, interiores devassados e pobres onde ficara algum objecto desprezado ou esquecido, uma gaiola de passarito, um berço partido e tombado. Nos recônditos da ruïnaria pendiam faixas de sombra como grandes panos de dó, e nalguma casa de construção mais forte conservava-se o brasão mutilado, mas ufano ainda na sua arrogância heraldica. Por vezes, uma casita branca, flor de idílio entre montes de pedregulho, aninhava-se num recanto inviolado como um sorriso angelical de face que já morreu, com sua grinalda de glicínias emmoldurando uma discreta rótula a recuar na sombra, confessionário de amor por onde nos tempos de então passaram beijos e rogos, agora viúvo casulo em que a saúde vinha enovelar-se como num caixãozinho de criança.

Ao fim dêste íngreme corredor, num plano a meia encosta e sobranceiro a um largo horizonte, alargava-se a praça principal da vila velha, bela ainda nas suas proporções de ruína clássica, rodeada de arcaria, com pórticos de proporções elegantes segurando uma linha de ático onde apenas restavam três estátuas par-

tidas. Ao fundo, e já na barra de sombra que cortava o largo em diagonal, via-se a fachada do *domus municipalis*, com uma torrezinha de tejolo onde se esverdeava o sino que outrora tocara a apagar o lume, e ao centro o pelourinho que estendia acima do capitel o braço firme da justiça em cujo punho já mal se divisava uma curvatura de alfanje. Erma, com as frontarias cerradas como num luto de tragédia, dir-se-ia o recinto duma necrópole de pestíferos ou chão salgado de raça expulsa, marcada por nefanda mácula, sôbre que eternamente caíssem as maldições da História. Nem uma voz, nem um eco. Um cão perdido surgiu dum canto, olhou, farejou e sumiu-se: a sua passagem fez pesar mais ainda a solidão.

Dentro, o velho edificio comunal, onde parecia tamisar-se uma luz de eclipse, ia ruindo também, com as paredes humedecidas por grandes manchas salitrosas. Subi a escadaria de honra entre a frescura espelhante duma percinta de azulejos e os balaústres salomónicos duma rampa em ferradura. Ao alto, sôbre a porta flanqueada por duas cariátides frustes, via-se ainda a caudal dum sumptuoso paquife de talha com reflexos de ouro, enquadrando o fundo púrpura do brasão da vila, que era um leão rompente com uma espada na dextra, saindo de uma tôrre ameaçada.

O silêncio era o mesmo das vielas escuras e da clara praça, o mesmo o côro ininterrupto e dominante dos insectos pulverizando os madeiramentos carcomidos: era como se um germe de destruição andasse roendo toda a colina, da base ao tôpo, como o ranger áspero duma pena que está lavrando uma sentença de morte.

Ao fundo dum estreito corredor abobadado, via-se uma janela gradeada por onde se coava a claridade glauca duma parreira. Fui seguindo e tateando na penumbra indecisa, e quási ao fundo, à direita, deparou-se-me uma porta baixa que descia em dois degraus para uma espécie de cripta alumiada também por uma gradezinha de cela. Entrei; cheirava a môfo e a rato. Pelas paredes, severas estantes com fingimentos de mármore nas mísulas que seguravam as prateleiras, atulhavam-se de antigos in-fólios, hirtos na amarelidão cadavérica do pergaminho, com fitas desbotadas donde pendia um ou outro sêlo de chumbo. Era o arquivo municipal.

Reparei então que num canto estava um velho sentado a uma mesa trôpega, imóvel e brunido como um ídolo, que nem de leve

se sentiu roçado pela vida que entrava naquela catacumba de morte. Dir-se-ia um penate que ali estivesse pousado desde a cerimonia inicial da fundação do burgo, como guardião secular do *tablinum* onde jazia a herança das idades e as relíquias das tradições. A sua face era indiferente e rígida, sulcada de rugas como um mapa, espécie de exumado busto primitivo que os vermes houvessem lavrado na sua trituração milenária;— mas naquela impassibilidade marmórea, que nem o mais leve ríctus desnevava, abriam-se dois horizontes de luminosidade profunda que crepitavam como fogaréus,— os olhos, meditativos, penetrantes, dolorosos na sua visionária omnipresença. Tinham uma mirada singular que parecia recuar numa correria intérmina até um indistinto passado, para depois surgir, radiante e murmurante, num golfão de imagens e de ressurreições. O espírito hipnotizado ia-os seguindo naquele vai-vem de ondulações até um mar imenso onde longe, lá muito longe, se viam singrar veleiros os bergantins da nostalgia ou deslizarem de manso e funéreos os esquifes da saúde. A algidez de linhas, depois dum hiato de petrificada imobilidade, um momento se aqueceram num frémito de cadáver que volta à vida, as cansadas pálpebras desceram como as tampas tumulares da melancolia, por fim a bôca moveu-se levemente e o velho disse :

«— Foram-se embora... Não há cá ninguém, não nasce ninguém... Estes registos são todos de mortos. A última foi a tecedeira velha, a Nicázia, que morava às abas da tulha nova, na Travessa da Cisterna-falante. Tinha quási cem anos e ainda há pouco se lhe ouvia o tic-tac do tear, talvez a tecer a camisa com que desceu à cova. Foram-se embora... Dia a dia as casas vão caindo, que eu bem nas oiço, e de noite batem postigos por essas ladeiras, com o vento da asa das corujas. E isto era lindo outrora, cheio de gente que formigava numa alegria afadigada e rumorosa, desde o Postigo-do-guante-branco até os arcos da galilé; todo o dia se ouviam os alfagemes martelar nas bigornas que tintinavam entre o resplendor das chispas como badalar festivo de missa cantada. Quando o sol nascia, relumbravam lá em cima os vidros corados da igreja velha nas janelas da capela-mor e as couraças da peonagem que descia entre as ameias do caminho de ronda a render a guarda na tôrre albarrã. Estrugiam trombetas, tremulavam bandeiras, ouviam-se gritos do rapazio, tudo estremecia num cântico como se a luz nascente fôsse o

sangue que subisse nas veias da nossa vila: as pombas voavam alto, compondo no azul uma coroa de asas brancas...

E as feiras... vinha gente das serras de além e até das arribas do mar. Enchiam-se ruas e praças com a garridice dos trajés flamulantes de laçarotes e todos cheios de bordados finos a ouro e prata. Daqui viam-se as raparigas subir a encosta com as cantarinhas asadas e os cabazes cheios de fruta, mão no quadril, tão airosas como as figuras que o senhor duque tinha nas escadarias do palácio, que eram de pedra mármore e foram encontradas lá em baixo, nos banhos romanos. Os bois subiam também, com lentidão solene e nostálgica, muito luzidios, junto dos lavradores sisudos que os levavam pelo tirante com gravidade de sacrificadores; e por entre aquela marcha vagarosa de procissão, escapavam-se os burricos solertes, pescoço erguido, martelando as lajes com as ferraduras novas, todos ajoujados com ceirões a trasbordar de hortaliças cheirosas.

No chão da feira, entre a graça dos pucarinhos e o bôjo das talhas, no meio dos risos e das saúdes trocadas em largas tege-las vermelhas à moda dos antigos, espalhava-se a côr e o perfume das dádivas de Flora e de Pomona que o úbere rico daquelas cercanias mandava à nossa vila com generosa abundância.

As danças no largo! Tocava a gaita-de-foles sôbre um barril, e então os bandos, dançando a chacota ou a bailia, a sarabanda ou o passapié, avançavam com meneios de fino garbo, separavam-se em grupos lançando flores e trovas e juntavam-se depois como festões cantantes à roda do velho álamo, lembrando assim as festas pastoris daqueles ricos panos de rás que o senhor bispo mandava deitar na varanda da Sé em dia de Páscoa.

Mas nem tudo era mansidão e doçura na paz laboriosa do nosso ninho, que às vezes estralejavam faíscas de cólera na resignação humilde dos corações. O senhor duque mandava lançar pregões da varanda grande do palácio, toda luzida de homens de armas e onde ainda hoje se pode ver a soberba dos seus braços de avoengos. Era novo rasgão nas carnes da arraia-miúda, novo arranque nas suas regalias e preitos. Quando a nova se sabia na Corredoura e na Porta-do-nicho, os vilões subiam à Praça fazendo grita: *não! não!* Da chusma irrespeitosa no seu desvairo saíam jogralidades ao senhor duque, sibilando como virotes despedidos por mão certa, e algumas mais agudas e cruéis do mulherio iam fazer sangrar o peito da senhora duquesa.



As espadas então tilintavam lá em cima, numa ameaça, e a onda refluiu para as ruas estreitas, vozeando, a vestir o pelote e segurar a áscuma: *não! não!* As fundas lançavam pedras, a freima do povo, vergada como fina lâmina de aço, não partia, e de novo erecta fazia recuar a peonagem do senhor duque, que se via cercado na alcáçova.

De noite luziam archotes em ajuntamentos de arraial, havia conluios nas tavolagens, os homens bons tomavam conselho no Paço comunal, e ao vir do sol o arauto chegava de novo à varanda grande agitando um pergaminho donde pendia um largo sêlo de cera que era o timbre de sua senhoria.

Vinha pregoar novas regalias e preitos que boa justiça era devida ao povo lial da sua vila. Então nas praças ecoavam as trovas em louvor da liberalidade do nosso bom duque e galanteios do mulherio ao coração puro da senhora duquesa. Mas nem sempre a fina lâmina de aço se erguia na sobrançaria da sua independência porque o pelourinho cingia-se com um cacho vivo de vilões fustigados, e mais de uma cabeça rolou no cadafalso do Terreirinho, ao pé da tôrre de menagem.

Vinham depois as festas, como tréguas de Deus, a diluir o amargor da servidão no olvido das preces e dos louvores. Era o Natal na noite polvilhada de neve, com as estrelinhas das lanternas pespontando aqui e além a névoa algodoadada de dezembro, da gente que ia em magotes e embiocada para a missa do galo. Havia mel e vinho quente nas mesas onde cheirava a linho, os pichéis passavam de mão em mão no ritual sacrossanto da família, toda a noite crepitava a lenha nos lares e a êsse calor, que parecia subir como um côro de serafins, os corações sentiam-se mais agasalhados e mais juntos. Era a paz humilde da *crèche* ungindo de esperança as almas de boa vontade.

Quando a primavera chegava, as casas floriam todas com a flor de ouro da giesta e do tojo, ramalhetes de boas vindas ao regresso do sol criador, e os rapazitos engalanados de hera e murta iam de terreiro em terreiro, numa alegria de rebentos que desabrocham, cantar as cantigas de Maio-moço em louvor dos dias lindos e afugentar o inverno com apodos e vaias para as paragens dos nevoeiros perpétuos e da perpétua tristeza.

Mas a festa de nosso júbilo, a *Festa*, era quando as encostas que miram a nossa vila começavam a tomar o tom ruivo dos pâmpanos sentindo a vizinhança do outono e as uvas começavam

a cair, entre os descantes e o zumbir das abelhas, no gigo dos vindimadores. S. Miguel Arcanjo era o nosso padroeiro e a sua juvenil figura de herói, cingido pela couraça de escamas de ouro, erguendo ao alto a espada ondulante, relumbrava como um clarão de milagre na capelita da Rocha, que era o ápice granítico do nosso monte. Três dias seguidos caíam ódios e adormeciam pleitos, toda a vila se apertava nas ruas entoando um coral de estreitamento fraterno, a mesa era comum, comum o riso, e até a rica baixela do senhor duque, trazida pela sua famulagem, servia de comer a doze pobres, sob a alpendrada dos brasões toda colgada de sêdas e lhamas: era como se os doze apóstolos descessem da sombra dos baldaquinos góticos, para fraternizar humanamente com seus irmãos em Cristo. Sentia-se que as fibras mais íntimas da nossa raça vibravam como se fôsem um coração único, latejando num sentimento ingênito cujo eco se repercutisse muito longe, em tempos ancestrais e vagos, como a essência mesma da nossa fé . . .

É que no remoto das idades, quando a manopla romana subjugava a Terra, êste erriçado monte, donde já se ouve gemer o mar ocidental, abrigava uma centúria de homens duros, chapeados de ferro como máquinas, no curto âmbito dos seus muros redondos. Era um *castrum*.

Para entreter as horas sonolentas que a clepsidra marcava com o vagar de horas de exílio, jogavam os dados sôbre a terra dura, ou lançavam o *pilum* entre gargalhadas sonoras. Ao vir do sol, iam cortar ramos nas oliveiras que cresciam em volta da Fonte-branda, taça cristalina do tamanho duma concha que ficava lá em baixo sob uma lapa na raiz da encosta, e agitando-os entre os hinos cultuais, iam depô-los no altar dum enorme Mercúrio de pedra que levantava o caduceu num gesto alado, mesmo no vértice do rochedo. Assim foi alguns séculos. Um dia a coorte partiu em silêncio, sobraçando os escudos redondos, de lábaro erguido e um ídolo de bronze nos braços do centurião. O castro ficou deserto, mas as gentes do vale, que adoravam as fontes e escutavam o murmúrio das árvores, continuaram a subir ao monte agitando os ramos de oliveira, com cantarinhas de água enchidas da Fonte-branda e que suspendiam nos galhos venerandos, com descantes e danças a Mercúrio, condutor das almas dos mortos. Ora um dia chegou um velho hirsuto, com faces cavadas de fome, amparado a um bastão recurvo, subiu dobrado e arquejante os lace-

tes da encosta e chegado cá acima pôs-se a aspergir a imagem com água que trazia numa caldeirinha de estanho, entoando louvores a S. Miguel Arcanjo, guerreiro das coortes celestiais. O povo, ouvindo a estranha litania, lapidou o velho que baixava a cabeça resignada sob os insultos e as pedradas, mas d'af a pouco e com desconfiada lentidão foi trepando à colina seguindo-lhe as pisadas, escutando-lhe os cantos, e em breve converso pôs-se a psalmodiar as palavras do novo rito, com as antigas oferendas ao ídolo baptizado. Assim se cristalizou na alma dos simples a devota transfiguração que com romagens e valiosas dádivas veio a dar o esplendor da nossa festa.

Tudo esqueceram, foram-se embora... Não quiseram vizinhar com o céu e com a sua lavada pureza, neste ninho sempre a chilrear, e lá desceram à terra baixa, lento e lento, numa tentação de cada hora, desertando em calada fuga de sombras, sem um pulsar de adeus nos corações ingratos. Lá se vêem na várzea que despiram da sua poesia silvestre, inquietos como formigas desgarradas e tontas, por aquelas ruas escaldadas do sol em que não perpassa o confidente murmúrio das árvores. Abandonaram os antigos lares onde se cristalizaram as lágrimas e os sorrisos das gerações, para viverem naquelas casas estranhas que o olhar alheio devassa e polui, e onde deixaram apagar a doce lâmpada da vida íntima. Foram-se embora... a vila é morta! —»

Caíra a luz, desmaíara num tom opalino a quadrícula da janelinha gradeada, sumira-se na sombra a palidez marmórea do velho ídolo. Lá o deixei na cripta cinerária, entre o concêrto triturador dos vermes. Cá fora, a carcassa da vila morta, à luz violácea do crepúsculo, ainda mais parecia o chão revolvido duma abandonada necrópole. Subi ao largo do palácio ducal, admirei a dupla galeria brasonada e orgulhosa onde outrora ecoava o som dos olifantes e relampejava o aço das armaduras; mirei a igrejinha românica e o seu túmulo em arco-sólio junto da porta lateral, onde o senhor duque dormia de mãos postas sôbre a couraça rígida, em estátua jacente. As fachadas vazias, as ameias quebradas, o campanário humilde diluíam-se no afago triste duma sombra magoada, listrada pela asa borboleteante dos morcegos. A hora era de responso fúnebre, de murmúrios de agonia, hora em que os mortos falam e em que se fala aos mortos. Uma badalada caíu, como lágrima sonora, dum sino que se não via, depois outra e outra...

Quem fôra ali tanger aquelas Trindades de além-túmulo? Seria o velho arquivista, alma-máter da vila morta, que lá ficara, estranho ao Tempo, como seu guardião piedoso? Seria a nostalgia que se evola do musgo das pedras centenárias, fazendo vibrar a própria essência misteriosa das cousas? Calara-se o sino dolente, e o silêncio que se lhe seguiu foi como que um manto de treva que viesse descendo do céu condoído e amortalhasse aquele cadáver de vila para o seu eterno dormir...

Nesse momento, olhando por uma brecha do bastião que ali avançava sôbre um esporão da escarpa, vi em baixo na planície o clarão brutal da vila nova, com seu provisório aspecto de bazar, as avenidas rectilíneas e desabrigadas, fazendo chegar como blasfêmias àquela paz religiosa da colina a música enervante e galopante dos seus coretos e dos seus casinos.

Monterey, Setembro de 1914.

JOÃO BARREIRA.



DESENHO DE MARTINHO DA FONSECA



## Impressões dos Bailados Russos

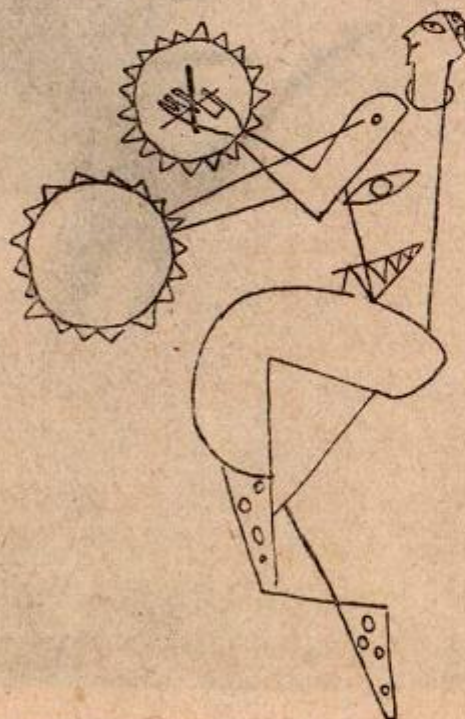
### IX

#### SOL DA NOITE

Leónidas Massine, o novo coreógrafo de Diaghilew, é, acima de tudo, um humorista. Mais realista do que o iniciador Fokine, menos rebuscado do que o Nijinsky debussianista dos *Jogos* e de *A Tarde dum fauno*, há na sua exuberância adolescente um forte ressaibo oriental, que impressiona pela vivacidade, mas descoroça algum tanto o nosso latino afan de nitidez e proporção.

Não podemos esquecer-nos de estar em frente dum slavo, cujo rude feitio ainda não teve tempo ou vontade de se adoçar ao contacto do ocidente. E dada a sua índole deformadora, caricatural, excêntrica mesmo, compreensível se torna que, como todo o grotesco extra-europeu, a sua exagerante maneira cómica nos não entusiasme.

Depois, Massine, talvez por insuficiências de cultivo, desdenha



Soleil de Nuit 1917  
Lisboa

ALMADA

manifestamente da literatura, prescinde quasi dos entrecchos. O coreografismo absorve-o. Nas suas composições há só movimento, bulício, galhofa. É o bailarino, e um dançarino magnífico, mas sem outras das várias faculdades que distinguiram Fokine como um mestre e um poeta.

Na história, os Bailados Russos têm de ficar como uma das mais completas tentativas de fusão artística. Se bem as artes plásticas, com predomínio da pintura, neles preponderem ao lado da dança, nada os prejudica o vago fundo literário que em muitos transparece, como na *Chêrazade*, quanto a mim, a sua criação modêlo.

Para essa orientação, que me parece de vida ou de morte, o critério de Massine, dominado pela febre da inovação e da alegria, representa um perigo, já demonstrado com a introdução do cubismo de Picasso, Eric Satie e Jean Cocteau no bailado *Parade*.

Que a movimentação, sendo muito, não é tudo, prova-o êste *Sol da Noite*, de cujo reboiço bem pouco restaria se lhe despissem o vistosíssimo guarda-roupa de Larionow.

Assim, valorizado pelos trajes mirabolantes, é um quadro rutilante de côr, pitoresco e, sem dúvida, interessante, que, aproveitando uma scena da *Flor da Neve* de Rimsky-Korsakoff, nos mostra uma antiga festa campesina da pequena Rússia, com bobos e lavradeiras de rotundas vestes e colossais resplandores, num scenário semi-futurista, onde grandes sóis, bebidos na arte dos *kustari*, arreganham dentes vermelhos sôbre um fundo verde liso.

Com um prato dourado em cada mão e atitudes rígidas de polichinelo de bazar, Massine parece aplaudir a sua obra, andando de extremo a extremo do palco, saltando no meio da vasta roda das labregas acachapadas, e acabando escarranchado num palhaço de camisa branca, retrato fiel dos espantalhos contra pardais.

Há quem diga que os russos e os portugueses se parecem. O certo é que o *Sol da Noite*, fundado em motivos exclusivamente populares, com os seus penachos, as bexigas assopradas, os descompassos dos seus foliões, e os pinotes de algumas figuras quadrupedantes, lembra certas noites da vindima, à hora báquica em que o segundo sol do aldeão imprime às borgas do norte um dionisíaco furor.

Vestido à minhota — e não são menos garridos os fatos de Viana — com passos do vira, do malhão ou da cana-verde em vez dos do *hopak*, o *Sol da Noite*, com a mesma arbitrariedade de título, poderia chamar-se «Vinho verde».

## X

## CLEOPATRA

Precisando de dar vida ao seu sonho, os criadores dos Bailados Russos não se têm prendido com o respeito dos textos. Adoptam o critério da máxima liberdade, não hesitando em os modificar, inverter ou cerzir na mais larga medida das suas conveniências. Temos na *Cleopatra* um exemplo frisante.

Musicalmente, constitui um apanhado de trechos, a que serviu de primeira sugestão a *Noite do Egipto*, de Arensky, e onde Taneieff, Rimsky-Korsakow, Glinka, Glazunow e Mussorgsky se baralham.

Quanto ao entrecho, veio de um conto de Théophile Gautier, *Uma noite de Cleopatra*.

É curioso de notar que o nome do autor do *Romance da Múmia* aparece várias vezes nos programas dos slavos: no *Espectro da Rosa*, nesta *Cleopatra*, na *Gisela*, baile em actos, à moda antiga, dado na segunda temporada coreográfica de Diaghilew em Paris.

O tempo fai fazendo bem à glória, um pouco adormecida, de Gautier, êsse *parfait magicien ès lettres françaises*, de Baudelaire, e, seguramente, um dos maiores precursores da nossa época. Redivivo êle, os Bailados Russos, que ainda não pensaram ou acertaram em encontrar a pena fixadora das suas maravilhas, teriam, no grande apaixonado de Carlola Grisi, o eternizador ideal.

¿ Não foi êle um dos primeiros a revelar a Rússia à França moderna? Nenhum estilo como o seu, tão coloridamente evocador de magnificências, saberia arquivar para o futuro os deslumbramentos esplêndidos dos Bakst, dos Benois, das Gontcharowa, dos Roerich, dos Sudeikine, nem modelar, na sua prosa de ouro e mármore, o friso sumptuoso das formas e das atitudes da Karzavina, da Pavlowa, de Ida Rubinstein, ou a alada vi-



gorosidade de um Nijinsky, de um Fokine, de um Bolm, de um Massine.

A não ser Gautier, e, claro está, o Flaubert das *Tentações*, só vejo, mais modernamente, dois escritores capazes de fixar a impressão de certos bailados russos: o Jean Lorrain das danças de Izé Kranile, ou o bárbaro extasiado do *Byzance*, Jean Lombard.

Das duas *Noites* que a originaram, *Cleopatra* pouco guardou. A acção supõe-se decorrer ao sol do Nilo, num oásis arenoso, vizinho dum templo, para onde se dirigem mulheres carregando líquidas oferendas.

Uma delas, Tahor, entregando a ânfora perfumada a uma companheira, fica junto do preferido, Amun, escravo da rainha. Armado êle dum arco, ela irrequieta de ternura, juram-se, em atitudes fortes ou doces de hipogeu, um eterno amor, que, revestido da pele de leopardo, o sumo sacerdote abençoa, unindo-lhes as mãos.

Mas Cleopatra vem. Acompanhada dum cortejo faustoso de bailadeiras, soldados, harpistas, aulétridas, timpanistas, flabelários, tocadeiras de sambuca e de pandeiro, a «rainha das múmias» é, ao retirar do tampo do octóforo cerrado em que repousa como morta num sarcófago, um cadáver embalsamado a que o ar restitui a vida.

Sobrepondo a arte à arqueologia, a entrada de Cleopatra marca um dos melhores achados dos russos. Não sei se devida a Bakst, que lhe ideou os trajes, se a Fokine, que lhe regulou os movimentos, essa macabra fantasia de converter a toda bela numa múmia que ressurge, representa uma esplêndida visão antiga. Ao espírito da grega da «vida inimitável» talvez não ocorresse, mas nada repugnaria, o estranho voto de simular a morte a caminho do templo. Ela gostava de usurpar as insígnias da divindade. É, portanto, como se assistíssemos a um mistério religioso do Egipto antigo.

Erguem-na como uma deusa. Hirta, pousada em dois suportes de madeira, como sôbre coturnos, a prestigiosa figura da sedutora imperecível — hoje quási rival de Salomé nas trágicas conseqüências do seu bailar — quebra, pouco a pouco, a hierática imobilidade, guardando, no entanto, uma lentidão olímpica de gestos semelhantes aos das estátuas, que se movem sem mudar de posição.

Não estamos, de resto, na estatuária, filha da argila obediente, mas sim na glíptica, sentindo a dureza preciosa do mineral, apesar de à Cleopatra de Lisboa, a correcta mas fria Tchernicheva, faltar, visivelmente, a convicção da Cleopatra ideal, Ida Rubinstein, fremente do transmigratório sobressalto duma alma que, vinte séculos depois, vibra à duma sua irmã.

Um a um, as vestiaristas retiram os véus que envolvem a esguia majestade. O do rosto, o do busto, por último a longa tira que a enfaixa. Estendidos nas mãos dos serviçais, tomam os diáfanos tecidos, ao dardejo dos projectores, mágicas tonalidades de ametista, de topázio, de safira, e, sôbre tal arco-íris, a Cleopatra das pérolas esmagadas, vestida de ouro, toucada de ouro,

Seuble un grand oiseau d'or, qui guette au loin sa proie,

como nos *Troféus* de Herédia.

A presa está próxima. Fulminado pela beleza da Lágida cruel, Amun lança, por meio do seu arco — é de Gautier a idea — uma palavra de amor à dominadora. Sabe que pode ser a morte, mas não lhe importa. Morrer à sua ordem é, afinal, cumprir um desejo dela.

Sôbre um amplo leito, as mãos perfiladas como garras, Cleopatra é agora uma esfinge, na qual a mulher acorda ao chamado da paixão. Sedu-la o atrevimento do belo escravo. Dignar-se há ser dêle. Com uma condição: depois do beijo, o veneno. Nem poderia o sangue continuar sulcando os lábios que vão tocar a face augusta da mais desejável.

Improvisa-se, ali mesmo, um festim. Agitando sistros — que à enrevistada memória dum espectador do Coliseu lembraram o *Fado do Ganga!* — egípcias leves movem-se em subtis cadências. A Wasilewska e um colega dão flexibilidade e elegância à dança do véu, de Glinka.

No leito amplo Cleopatra faz a felicidade do ousado. É, porém, um pouco fastidioso, e, pelo menos cá, foi por demais convencional e monótono, o estiraçado colóquio. Ignoro que espécie de mal entendido puritanismo entreveio no caso, mas a scena desmerecia pelo contrafeito.

Com Ida Rubinstein, havia uma espécie de tenda feita dum cortinado, um célebre cortinado, em cuja reveladora tela se sentia a ondulação do cerimonial voluptuoso.

Robert de Montesquiou cantou num poema, *La Dame bleue*, êsse proscrito momento da *Cleopatra*:

Une alcôve de rêve autour d'eux est construite  
Avec des rideaux bleus comme le ciel ardent,  
Comme la chevelure où la Reine séduite  
Attache, dans l'azur, la perle et le pendant

Cette alcôve que porte un groupe de danseuses  
Se balance et se retourne autour du couple heureux,  
Et, par-dessus le bord des étoffes berceuses,  
Elles jettent, d'en bas, des fleurs aux amoureux.

Et lorsque les rideaux se rouvrent sur leurs poses,  
De leurs ébats finis, de leurs gestes éteints,  
Il ne reste, au long d'eux, que la grâce des roses  
Comme de beaux baisers redevenus lointains.

Não tivemos a cortina escandalosa, mas não faltou a Bacanal, de Glazunow, outro dos belos episódio de *Cleopatra*. Essa nota helénica, que a alguns pareceria descabida, casa-se a rigor com o dúplice aspecto da amante de António, egípcia em Mênfis e grega, de sangue e maneiras, em Alexandria.

Mal se acreditava provirem do Cáucaso e da neve as bacantes que vimos frenéticas de delírio, como se, a caminho do Ménalo ou do Lafístio, se preparassem para celebrar, chegada a noite, o culto dionisiaco, francas, alegres, adolescentes, palpáveis através das lindas, breves crocotas, que Isaías classificaria de *interlucen-tes lacónicas*.

No Coliseu, o receio da pública indignação obrigou-as a vestir a malha hipócrita. Só a Chabelska, orgiasta do pequeno grupo, mostrava a pele. Em S. Carlos, quasi todas a imitaram, sem que ninguém se alarmasse, antes fazendo brilhar mais a fantasia de Bakst, grande orquestrador das formas femininas e um mestre em túnicas orientais.

Desenfreada de animação, esfusiante de luxúria, briosa de movimento, a bacanal da *Cleopatra*, em que, com faunos à mistura, as bailarinas se dobram e enlaçam de verdade aos seus pares, é um exemplo de disciplina novo para Lisboa. Como uma simples marcação de teatro cria nos executantes um tão sincero e comunicativo entusiasmo, custará a explicar a quem não creia na fôrça metamorfoseadora da arte.

No conto de Gautier, a própria Cleopatra dança. «Os belos braços curvos, como as asas dum vaso de mármore, sacudiam-lhe sôbre a cabeça cachos de notas crepitantes, e os crótalos de ouro chilreavam com crescente volubilidade». A Cleopatra dos nórdicos não a imita. Terminado o festim, apresenta a Amun a taça do veneno e retira-se, solene, depois de, num beijo desdenhoso, se rever, ainda querida, no derradeiro olhar do agonizante.

Desaparecida a última personagem do séquito rial fica na scena, debaixo dum pano, o cadáver do escravo, sôbre o qual se abate, com doloroso bracejo, a namorada Tahor.

Conclui assim a *Cleopatra*, e provado fica, como na *Chêrazade*, que é êsse género de evocações antigas ou exóticas, de fundo sensualmente trágico, aquele em que mais se afirmam as valiosas faculdades dos russos, fadados para nos darem, caso não falhem no seu destino, uma Teodora, um Alexandre, um Borgia ou uma Semíramis deslumbrantes.

## XI

### AS MULHERES DE BOM HUMOR

Italianos o vago entrecho e o *spartito*. Velhas melodias de Domenico Scarlatti — que D. João V teve em Portugal — transportadas do cravo à orquestra por um novo, Tomassini. Título e argumento goldoniano. Guarda-roupa, apropriado, de Bakst, que imaginou um cenário propositalmente errado na perspectiva, e apenas registável pela insignificância, apesar das indignações que tem provocado.

Tratando-se duma cousa ultra-cômica, Bakst pôs-se também a brincar, como se estivesse olhando através duma bola de vidro, cortada ao meio, uma praçazita tôska de vilória veneziana, onde, certas na base, as casas convergem no cimo, dando a impressão dum terremoto preguiçoso.

A coreografia é de Massine, e plenamente confirma os seus dotes de humorista, a quem os Bailados Russos, não sei se diga em boa ou má hora, ficarão devendo, nesta segunda maneira que lhes imprimiu, uma fase caricatural, inteiramente diversa da que os notabilizou.

Tendo de pintar a Veneza carnavalesca do século XVIII, Fokine mostrar-nos-ia, com gestos empoados, a galantaria mesu-reira e requebrada dos salões. Mais plebeu, Massine, que movimenta os seus bailados nota a nota, deu-nos o espírito trocista da rua, o sal grosso que criou, entre nós, o entremês.

As suas *Mulheres de bom humor*, filiadas, é certo, na primeira época de Goldoni, ainda dentro da *commedia dell'arte*, são uma verdadeira fantochada, em que, por vezes, as figuras parecem, intencionalmente, movidas a cordéis. Choca-nos um pouco, por exemplo, o apalhaçado tom, quasi de excêntrico americano, com que, à porta do café, um criado serve o freguês, e, em todo o buliçoso quadro, fere-nos ainda a crueza com que Massine desaproveita a graça feminina. Já no *Sol da Noite* as mulheres cediam aos homens a primazia. Nada lhe inspiraram de delicado estas tão favorecentes peraltas de 1700. Noutro número da sua autoria, a *Pavana*, de Gabriel Fauré, é frisante o contraste, que os trajes do espanhol Sert avolumam, entre as velasquenhas «meninas», transformadas em ambulantes esquifes, e o garbo requintado dos dois fidalgos, sem falar na disparatada anã do papagaio empalhado.

Nas *Mulheres de bom humor* prevalece, como em todo os trabalhos de Massine, a parte coreográfica. Inspirando-se em Longhi, um pouco em Guardi, e ainda, ligeríssimamente, em algumas páginas de Hogarth, Massine despreocupou-se a tal ponto das personagens, que só pelos trajes ou pelos movimentos elas nos interessam. A pantomima, que na descabelada farça se sobrepõe á dança, anulou-lhe a pequena intriga dum Reinaldo, namorado duma Constança, e duma velha marquesa de Luca, casada, por engano, com o criado do botequim fronteiro.

Alegre, variado, crescente de animação, é fôrça reconhecer que o bailete de Massine atinge, no final, uma rara vivacidade, em que, com uma cabeleira perdida e dois marmanjos vestidos de mulher, triunfa, burlesco, o espírito popular do tempo, tão nosso conhecido, que qualquer chéché do Entrudo não deixaria de o saüdar com o facalhão e a pançadinha.

## XII

## NARCISO

São do mesmo ano em Paris, 1911, o *Sadko* submarino e o mitológico *Narciso*, de Bakst e Tcherepnine, ex-regente da Companhia Diaghilew. Ante a bárbara carnificina de agora, pensa-se em como os artistas superavam os generais.

Pena foi que, mal ensaiada ou pouco habituada à música moderna, a orquestra de S. Carlos, na única noite em que o bailado se exibiu, gaguejasse tão aflitivamente.

O scénico poema começa ainda com de noite, ao último arfar das estrêlas. Num bosque grego, rasteja a coorte de Pan, sátiros chavelhudos, caprípedes egípcios, sondando, no azul pálido do céu e na água duma fonte, o pregão de Febo, inimigo das fealdades monstruosas.

Musicalmente, a aurora desponta, assoma, insinua-se, no feliz descritivo do maestro. Não tarda o sol. Pressaüdám-no as aves, e à fauna asquerosa do escuro sucede, num grande sorriso matinal de côres frescas, a orgia luminosa das túnicas alacres com que Bakst vestiu ou quási desnudou as beócias e os tebanos.

Festejando a luz vitoriosa, entretecem coreas suaves. De ânfora na direita e uma taça na outra mão, uma bacante desgrehada, a Sokolova, entrega-se às libações propiciatórias. O sol doura de graça o feminino mistério.

Esses grupos e cadências em que revive, como diria Flaubert, «a plácida harmonia do povo dos helenos», são deleitoso fruto das lições de Isadora Duncan. A sua sombra iniciante perpassa, branca e flexível como a da névoa que desvenda, através das movimentações de Fokine.

Referindo-se aos dançarinos, Nijinsky afirmou que «ela abriu a porta do cárcere aos prisioneiros». Emancipando-os da viciada tradição, trouxe-lhes, nas mãos inefáveis, o supremo bem da liberdade. Presente em tudo digno da rítmica sacerdotisa, a cuja glória a arte dos russos deve muito.

Perseguido por duas ninfas suplicantes, o belo Narciso vem. Ainda se não realizou a profecia de Tirésias, mas o filho de Cefiso, movido da vaidade insensibilizante, não cede ao desejo das mulheres. Nada se lhe dá, sequer, do amor discreto da fervorosa Eco, que beija com olhos tristes o rosto do indiferente

namorado de si mesmo, tímida por não saber senão repetir as últimas sílabas das palavras que lhe dizem.

A formosura do Narciso — e, apesar de bem construído, Gavriloff, robusto demais, não ajudava o mito — concita o furor das desiludidas. Depois de gozada, Eva tolera que a enjeitem. Que a desprezemos, quando se oferece, não perdoa. Há ódio em todo o amor. Narciso é vítima desta fatalidade.

Escureceu. Desfizeram-se os pares. Ao luar que prateia a fonte, o éfebo sem rival remira-se pela vez primeira. Quanta beleza a sua! Quere medi-la bem. Inclina-se, contempla-se. Como é lindo! Enleva-se, delira, afoga-se.

Dá-se a metamorfose, grosseira e ingénua no processo. Do lago espelhante, um narciso branco ascende, maquinalmente, à luz do projector. Eco, desesperada da vingança, passa a caminho de alguma caverna. Na restabelecida treva, o séquito de Pan reagrupa-se a quatro patas, fitando, intrigado, a nova flor que a vaidade dos homens trouxe ao mundo.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

(*Ilustrações de* ALMADA NEGREIROS).



# Hino ao Sol

(DEUS UNIVERSAL E ÚNICO)

CANTADO POR AQUENATO (KUENÁTEN),  
FARAÓ DA 18.<sup>a</sup> DINASTIA, 1400 ANOS (A. J. C.)

*E' formoso o teu brilho no horizonte,  
Áten, fonte da Vida!  
Quando irrompes do Oriente, enches o mundo  
De esplendor e beleza!  
Depois, quando descansas no Ocidente,  
A terra fica envôlta  
Em densa escuridão, como um cadáver  
Que repousa no túmulo!*

*E, quando tu, oh! Sol, ressurges, vivo,  
Ao despontar do dia,  
O homem para o trabalho se alevanta  
Contigo, que o alumias!  
E vai purificar-se, p'ra de novo  
Vestir a branca túnica!*

A 18.<sup>a</sup> dinastia iniciou no Egípto a notabilíssima civilização conhecida na história sob o nome de «Novo Império». Morto Sequenenra, e expulsos os hicsos do vale do Nilo pelo valoroso Amés I (1587 a. J. C.), a antiga cultura egípcia readquiriu de novo todo o seu esplendor, graças aos esforços de faraós poderosos e ilustrados, como os Ameotes, os Totmes, a rainha Hatseptut, da 18.<sup>a</sup> dinastia, os Ramsés da 19.<sup>a</sup> e 20.<sup>a</sup> dinastias. Foi uma era de grande poderio e prosperidade, a «idade de ouro» do Egípto.

Ao monarca mais esplendoroso desta idade, Ameotes III (1414 a. J. C.), grande conquistador e construtor, devem-se os formosos templos de Luxor, Sedeinga e Solebo, e a continuação do célebre templo de Karnac, cujas obras duraram mais de três mil anos, desde a 12.<sup>a</sup> dinastia até os Ptolemeus. Fez importante comércio com Chipre e com a Grécia, manteve íntimas relações com a Síria, e celebrou alianças com os reis de todo o norte da Mesopotâmia e da Assíria.

Êste grande rei teve uma espôsa insigne, a rainha Thyi, filha dum príncipe sírio, que



*Mal despertas, os homens, adorando-te  
 Erguem as mãos ao Céu ;  
 Correm os animais, voam os pássaros  
 Que abandonam seus ninhos  
 Cantando teus louvores ; . . . e os navios  
 Vão percorrendo o Nilo . . .  
 E à flor das águas vêm presos os peixes  
 Da tua luz astral !*

*Teus raios entram pelo mar profundo ;  
 Fecundam as mulheres ;  
 Fazem viver o feto no seu seio !  
 Como Áten desenvolves  
 Dás vida e alegria às criancinhas,  
 E faze-las crescer  
 Ao fogo dêsse amor, com que criaste  
 A terra em que habitamos !*

*Tu és Senhor dos homens e das reses,  
 De quantos animais  
 Andam na terra ou voam pelos ares,  
 Seja por onde fôr  
 No generoso Egipto, na Etiópia,  
 Ou no Karú, a Síria !*

---

consigo trouxe para o Egipto a devoção do sol, do Áten, cujo culto na Síria sobreviveu por largo tempo, na antiga capital semítica de Heliópolis. Seu filho, Amentes IV, foi educado nas crenças maternas, que adoptou e professou com fanatismo. E assim, o jovem rei, ao subir ao trono, na idade de 17 anos aproximadamente, depois de tomar o nome de Aquenato (Kuenáten), «o disco glorioso do sol», tratou de abolir a antiga religião politeísta, induzindo o povo a que o imitasse na sua adoração a Áten, deus universal e único, fonte de toda a vida

O objecto dêste culto era o poder do sol, cujos raios descendentes conferiam a vida ao rei, colocavam a coroa na sua cabeça, e representavam os únicos instrumentos da acção divina. E a sua consagração fê-la Aquenato no hino sublime que chegou até nós, e que dois jovens poetas, Fernando e José de Vilhena e Vasconcelos, adaptaram dum modo muito feliz, em formosos versos soltos, que a *Atlântida* hoje reproduz, e em que perfeitamente se mostra a natureza das belas imagens da literatura egípcia dêsse tempo.

A divisa permanente de Aquenato era : «A Vida na Verdade» ; e, de facto, Aquenato,

*Pões cada qual no seu lugar, e a todos  
 Tu dás o que precisam ;  
 E assim criaste o glorioso Nilo  
 No mundo subterrâneo,  
 Para que irrompa, e corra, e emfim trasborde  
 Conforme o teu desejo,  
 E regue o campo e o torne bem fecundo,  
 E os homens se alimentem !*

*Tu és a Vida mesma, quando, Áten,  
 Derramas tua luz  
 Pela vastíssima amplidão dos Céus !  
 Porque criaste a Terra,  
 Tu és o seu senhor ! . . . E, desde então,  
 Ao filho teu, saído  
 Do teu corpo e formado da substância  
 Que só a ti pertence,  
 Tu dás o teu prestígio e o teu poder ! . . .  
 Estás dentro de mim !  
 Ninguém te conheceu ! . . . Só Aquenato  
 Teu filho, o rei do Egipto,  
 Que vive do Direito e da Verdade.*

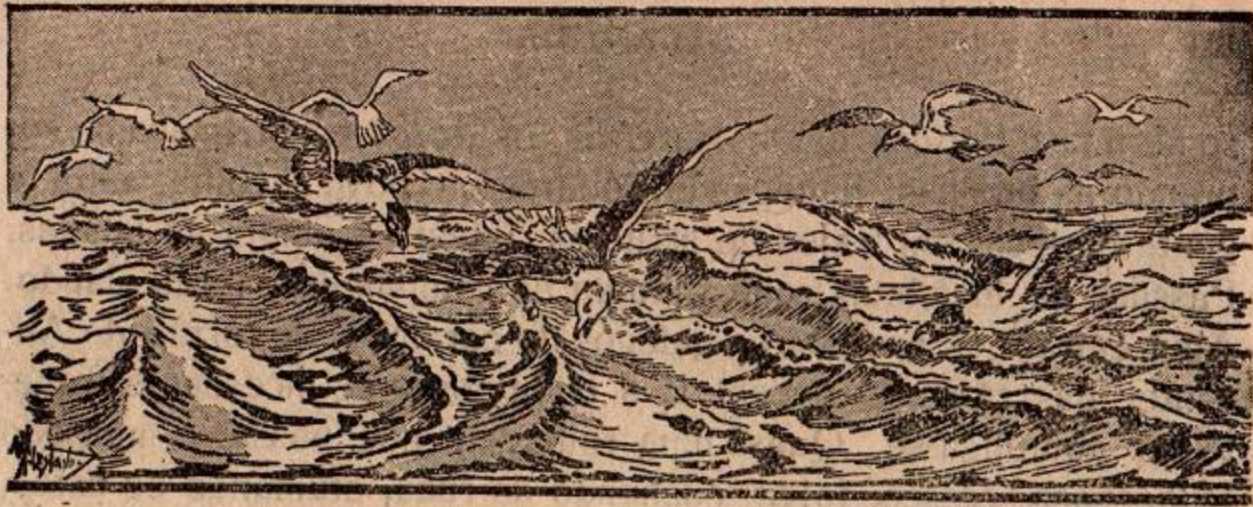
Maio de 1917.

Adaptado livremente por  
 FERNANDO E JOSÉ DE VILHENA E VASCONCELOS.

conforme nos diz o notável egiptólogo inglês, Prof. Flinders Petrie, procurou a verdade não só em matéria religiosa, mas também na arte e em todos os ideais da vida. E a extraordinária evolução que se lhe deve, e a ordem elevada dos seus ideais, levaram a crítica moderna a considerar Aquenato como o primeiro dos pensadores nascidos no Egipto.

Ainda, segundo Petrie e o Prof. Meyer, Aquenato, se houvesse pertencido a uma categoria inferior, teria sido um profeta digno da veneração dos séculos, com melhores títulos para merecer esta honra do que Buda e Mahomet. Infelizmente, era um rei, — ao contrário de Platão —, e desgraçados dos países cujos reis são filósofos !

A nova fé constituía um agravo para todos ; e os seus ideais, muito superiores aos do povo, mal disposto para os compreender, não foram atingidos. Por isso, após três anos de novo reinado, o seu sucessor abandonou Tell Amarna, capital de Aquenato, e esculpiu de novo os nomes dos antigos deuses ; continuando no Egipto o curso da vida, como se nunca tivessem ouvido, no vale do Nilo, a palavra do grande idealista.



## A bênção das lanchas

---

Cria o sol uns dias maravilhosos, é agosto, diariamente a praia arraiala com os banhistas, a angra refulge, num grande quarto crescente de lapis-lazuli, e um domingo então — o segundo do grande mês — terra e mar lá despertam sorrindo, como um levantamento de pombal as bandeiras palpitam nas embarcações e pelas ruas areadas, estrujem os foguetes sôbre os repiques festivos, e à medida que vai crescendo o número e o movimento dos veiculos cresce igualmente, pelas ruas mais próximas do areal, o número das tendeiros de doces e dos taboleiros de limonada, e cada um pescador barbeou-se, vestindo o terno de melhor pano.

É a Assunção!

Quem chega de fora vem pelo combóio, pelo carro americano, na diligência, de velocípede, a cavalo, de trem, de automóvel. Há forasteiros da Maia que chegam a pé, em rancho, o calçado coberto de poeira, o chapéu de palha desafrentando-lhe o rosto, ao peito um cavaquinho de quatro cordas. E estes entram dançando: as mulheres para a frente, os homens a arrear. Cravos e rosas de papel decoram-nos em todo o sentido. Sôbre o braço, os companheiros raspam as canas sêcas dos arraiais. Quem dança vai de compasso na chula de Vila Nova.

Entretanto os combóios despejam, chegados lá ao fundo da vila, com repetidos e alegres gritos para os forasteiros. De cada um descarrega-se uma abada de gente de panamá, calças alvadias, condessas de vêrga com merendeiros e muita piada de revista, à moda do Pôrto . . . Pela Junqueira fora, entre os guardas-pó e as

sombrinhas floridas das costureiras, os *autos* escorrimaçam, soprando as buzinas, fumegando. Medroso, o povo recolhe, salta, e gente curiosa, em trajes de arrumos, infesta e alegre as janelas. Passam as bicicletas, que tilintam as campainhas, torcicolando. Aqui entram os pregoeiros galegos do caramilo, do torrão de Alicante, das tâmaras doces. E a onda torna-se incessante, repete-se, complica-se. Quási uma romagem que passa, a multidão embasbaca, cresce, folga, enchendo as ruas, atulhando os cafés, procurando a praia.

Depois, e enquanto os banhistas recolhem, friorentos, do mar, rompe nas esquinas, de farda preta agaloada a vermelho e com muitos meneios e chibança, a filarmónica da terra. Na frente, um quarteirão de garotos militariza as vergastas, mostrando os dentes. Passa tocando um «ordinário», e de espaço, para alegria nas ruas de maior importância, levanta um «São João de Braga», tradicional, muito tirado ao flautim, aos metais e às restantes peças de fuzilaria orquestral.

No alto os foguetes estralejam, enovelando o fumo, despejando as varas.

E assim fica lançada a festividade, até à missa cantada, às onze e picos, na Senhora da Lapa.

\* \* \*

Mas na praia chamada *do pescado*, donde pela manhã e à tarde as lanchas partem ou regressam, e se feiram as lotas não absorvidas na violência do fisco — na praia que intimidade religiosa, que emoção, que larga tranqüilidade de sonho e de policromia ambiente! . . .

A areia de ouro, beijada do sol, vai por ali fóra, em romaria... Donde em onde interrompem-na os barcos quebrados, babando os limos, como velhos que se confirmam e desejam acabar em família . . . Quanto mais avança, para o horizonte, mais reluz; e ao fundo, ao tempo em que a doçura azul do espaço a parece roçar nos ombros, na intimidade amorosa dos elementos de origem, já não é greiro, a areia já não parece o joio pesado e fulvo dum celeiro que a vontade de Deus conserva estéril, mas uma lâmina ardente, uma vibração justiceira, que dir-se há contar, erguida aos céus, na distância, os trabalhos e tormentos daquele morto e largo vale das lágrimas . . .

Coisa divina, as Ondas — a toda a orla reflectida — sobem, psalmeiam, esmorecem...

Entre esta religiosa paz enlevada, que possui de si tão agradável e melancólico poder nas almas, passam tão anosas figuras miseráveis, entroxadas na farraparia curtida das saragoças, embarretadas nas carapuças pretas dos invernos, com o peito tão sumido nas borlas e contas dos seus rosários, e o olhar, gasto das arestas vivas da refração solar na paisagem eterna, tão largamente abstracto e tanto ao sabor indolente dos ócios do seu cachimbo, que dum golpe a compreensão mergulha até o mais profundo dessas almas e estas praias passam a ter, solheiras, adormecidas, quási quietas, um significado ideal de terra promessa para afectivos e artistas.

O próprio reduto onde as lanchas se agrupam, em confraria centenária e humilde, que encanto! Ali surpreende-nos o interesse original pelo quadro dum grande museu público, deliciosa lição de terra e de costumes que não é fácil descrever a toda a altura da sua significação étnica e pictoral. São dezenas de lanchões, qual deles mais negro e mais bento, mais forte ou mais piedoso, ex-votados à protecção dos oragos dos santuários mais próximos, num largo tema de religiosidade a um tempo pitoresca e sincera. É o *S. Bento* do Bouro, a *Senhora da Agonia* de Viana do Castelo, o *S. Torquato* de Guimarães, a *Senhora das Dores*, o *Coração de Jesus* e *S. José de Ribamar*, da Póvoa de Varzim, a *Senhora das Necessidades* de Barcelos, o *S. Gonçalo* de Amarante, o *Senhor do Monte* de Braga, o *Santo Ovidio* de Fafe, os patronos *S. Tiago* e *S. Pedro*, e ainda as alegres senhoras de arraial, em recordação das estradas percorridas e dos ex-votos ofertados, a da *Abadia*, a do *Sameiro*, a da *Aparecida*, a do *Porto de Ave*, e mais. Simultaneamente, à prôa e à ré, escolhidos pelo espírito supersticioso da grei e numa reminiscência dos adornos carinhosos da infância, pintam-se os amuletos, sob a marca da lancha e o número da matrícula oficial, em que figuram por várias côres o signo saimão, a suástica micénica, a meia-lua, o coração entre uma coroa de rosas, o triângulo, a cabeça de peixe, as chaves celestiais, a cruz dos templários e o rosário cristão.

Dêste modo, ao fundo de todo o areal, contrafortado pelo morro da fortaleza e o casario humildemente feliz, colorido, do bairro pescatório, êsse reduto ou a praia que dizem «do pescado»

sugere-se, num conjunto característico, o trecho mais impressionantemente alegre de Varzim, depois e a todo o momento acrescentado de interêsse pelas fisionomias e o vestuário inconfundíveis da sua colônia marítima, sem constestação a mais típica e a mais numerosa de todo o litoral português.

\* \* \*

E a bênção?

Ai! Deus! não permitas que morra sem que eu volte a vê-la!...

Com a irradiação prateada do sol sôbre o mar criava-se, harmoniosamente, a tarde santificada. Aí, contentes, as lanchas fizeram-se à angra, engalanadas em redôr, com bandeiras, até ao alto do mastro enorme que desafronta os ventos e parece persuadir e tranqüilizar as tempestades. Meus olhos, como iam lindas! Nem as *fogaças* e os *taboleiros* extremelhos pintam e inflamam, ao sol, côres de maior sensação estival. Em volta, agitadas, as ondas crespas levantam verduras de jardim, moitas de harmoniosa graça orvalhada, das quais irrompe, flamante, a alegria daquela tradicional e inquieta floração latina.

Mas da vila os sinos cantam ao solheiro, e indicam-se a distância os foguetes na metalidade azul do espaço.

A procissão!

Ela aí vem, não tarda; e para o cortejo cadencioso, entre os festôese as flâmulas de adôrno público abriram-se e enxalmaram-se os damascos, colorindo a cambraia fresca das frontarias.

Na praia, emtanto, mãos queimadas do mar empalam curiosamente sôbre os olhos, e os sorrisos da festa voltam-se agora aos três lenços encarnados que flutuam em bandeiras de noivado na lança quási sumida dos mastros de três embarcações. Três casamentos, Deus meu, Senhora da Assunção! Tres festas mais a haver, porque os noivos, trazendo de faina os seus *carteis* no oceano — tal como os lenços o anunciam — amealham já, em sociedade amorosa no *quarto* de todos os dias, para o bragal, para a nova casa, para o abraço novo que vai estreitar-se!

— Casó!... adianta um velho, rufando os dedos, carinhosamente, nas costas de um dos noivos.

E um outro que passa, comenta:

— Vinho quente, mulher nova!...

O sol vai alto nos mastros e surge, a distância, na praia, a procissão.

Como ela vem, como ao longe se desdobra e reflecte, é cousa digna de ver-se.

Elegantès, as cruces brilham; entre a poeira de ouro da luz fixam-se os tons de vinho e azul das opas a estrear; na aragem salmoirada que abraça a costa chegam, correntios como um curso de asas, os ecos da filarmónica que acompanha o còro ingenuo das Vírgens.

É quando o povo, mascarado pela luz bronzeada do fim da tarde e de olhos alegremente abertos para a tripulação barulhenta das lanchas embandeiradas, que o mar faz oscilarem, forma em cerrado cordão de curiosidade, de guarda-sóis abertos para o perigo dos foguetes, dando de mão aos mesários asuçados que pacientemente repetem, forasteiro a forasteiro, a lamuria piedosa do peditório para a festividade.

— Para a milagrosa Virgem da Assunção, para que peça a Deus o livramento das nossas almas! Para a milagrosa... Ora dê uma esmolinha...

E mais adiante, com alegria:

— Ora aqui está o peditório!...

Mas uma vez a procissão a meio do areal, então o mar, num grande impulso de emocionado, como que se levanta, erguendo consigo almas, embarcações, mastaréus engalanados, o còro comovido de mil vozes que logo entram de saúdar, chorar, suplicar, agradecer.

Dos alpenduradouros das lanchas, silvando atravês o cordeame embandeirado, buscam o espaço num desvairamento aguerido de setas os centenares de foguetes que a todo o momento desdobram o clamor das multidões religiosas e electrizadas.

Para a clareira da terra a massa popular joelha, mansa e eloquente, num grande recolhimento de almas.

De caminho passam as irmandades, passam as cruces e as bandeiras, passam os grupos de anjos, vagarosos como ovelhas, e chega o andor, que se volta às lanchas, no qual a Virgem murilhesca ascende, sôbre uma onda palpitante de nuvens, a um céu de longa e dolorosa aspiração para a sôfrega ternura daquelas vidas.

Então, no mar, o rumor — aceso, constante, violento — precisa o símbolo duma compleição de colosso vitorioso de Rhodes para ganhar em fôrma plastica a proporção magnífica e exacta da sua intensidade! Quantos clamores, quantos ecos multi-

plicando a fuzilaria entusiasta dos morteiros, quantas gestos de súplica e enlêvo, que tamanha grandeza a ampliar até o delírio a sede e a fome, ansiosas, do espírito daquele povo!

— Abençoa! Abençoa! Abençoa!

— Senhora da Assunção, olhai o mar!

— São José da Praia!

— Senhora da Assunção!

— Abençoa!

— Senhora da Assunção, olhai as lanchas!

— Senhora da Lapa!

— Olhai os poveirinhos!

— Senhora da Assunção!

— Abençoa!

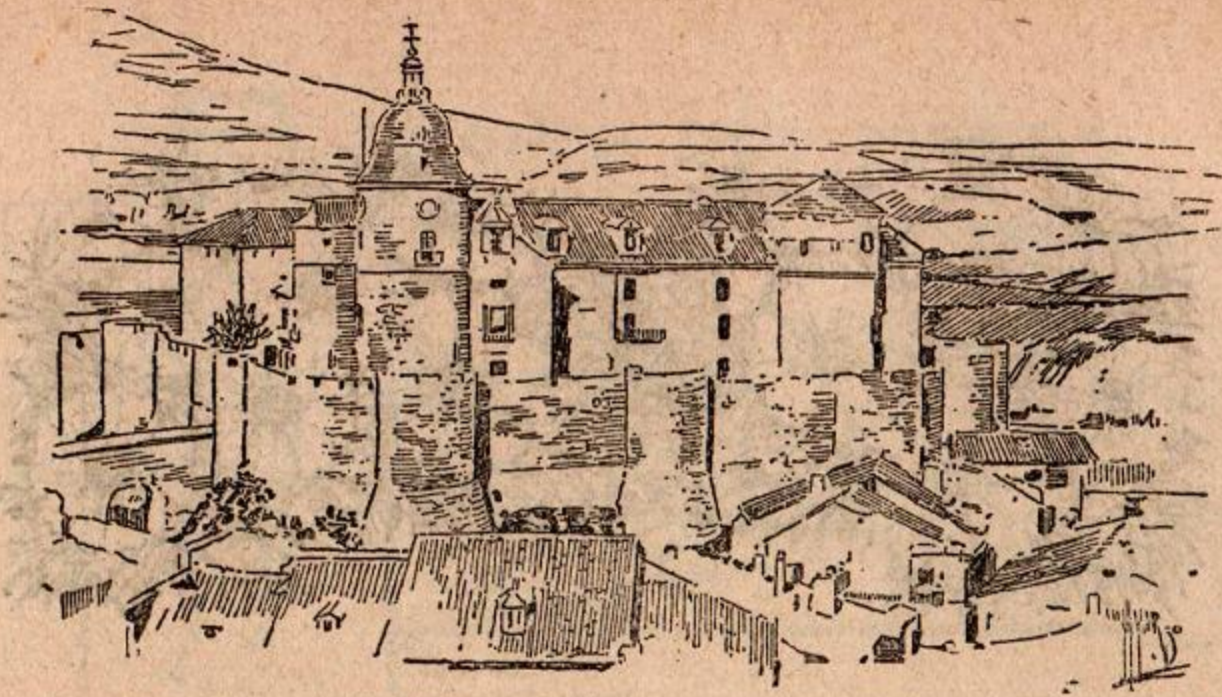
— Abençoa! Abençoa!

E fronteira do mar ao despertar das estrêlas, antes que parta, a Senhora da Assunção abençoa ao lanchas!

Póvoa de Varzim, 1914.

ALFREDO GUIMARÃES.





## A Ciudadella

---

*Que longo assédio para conquistar-te,  
linda, escarpada e altiva cidadela,  
onde feroz o orgulho se encastela,  
desfraldando o seu vívido estandarte!*

*Mas o amor, baluarte a baluarte,  
a resistência abre e desmantela:  
hoje esta torre flanqueante, aquela  
mais tarde, e eis que a muralha se biparte...*

*Depois o assalto que a volúpia encalma  
e teus olhos medrosos e vencidos,  
entregando-te a mim, de corpo e d'alma...*

*Depois... a bruta arremetida louca  
dos beijos e teus últimos gemidos  
e o desvairado saque de tua boca!*



## A Dúvida

---

*Se é tudo relativo, a alma presa  
A' Verdade, que resta que lhe importe?!  
Falta-lhe a acção, tirando-lhe a incerteza,  
E é só na acção que toda a idea é forte.*

*Se somos desiguais por natureza,  
O corpo e a alma aos ímpetos da sorte,  
De dúvida se vive; e uma certeza,  
Porque é o fim de qualquer coisa, é a morte.*

*O' dúvida perpétua, eu te bemdigo!  
Sem ti como amaria uma mulher  
Ou teria na vida algum amigo?!*

*E' fonte santa d'illusão e esperança!  
Se às vezes diminues o prazer,  
Também não dás à dor perseverança.*

GUEDES TEIXEIRA.



## II — FEVEREIRO

### 2 — DIA DE SENHORA DAS CANDEIAS

Fevereiro quási que começa por um dia santo. Por isso o povo diz na sua: *Fevereiro faz dia e logo Santa Maria!*

O «Dia das Candeias», como soem de chamar-lhe, tem a origem seguinte:

A velha lei judaica impunha às mães a apresentação, nos templos, dos filhos recém-nascidos.

Nossa Senhora foi pois com seu Filho a um templo, a fazer a praxista oblação das rôlas.

Deus havia porêem anunciado a um velho justo, Simeão, a vinda do Messias. E o bom do homem, correndo ao encontro da Virgem, apresentou êle próprio o Menino aos sacerdotes, dizendo: — «que podia morrer em descanso, porque já seus olhos haviam visto a Luz!»

Em memória dêste feito era uso antigo darem-se às gentes, neste dia, luzes, candeias, velas ardendo. O costume enraizou-se, e com o moer dos anos passou a chamar-se ao dia 2 o «Dia das Luzes» e o «Dia das Candeias».

As festas constam de folguedos em tôrno de capelas, com pavios e rolas de cera ardendo em meio de risos e cantigas...

Diz se que: — *Se a Senhora da Luz chorar, está o inverno a acabar; se a Senhora da Luz rir, está o inverno para vir* ..

Lavradores há que tomam em conceito farto êste rifão velho. E se nos três primeiros dias de Fevereiro chove, sinal que o inverno vai terminar, fazem ir pelos campos dobrada azáfama de serviços. Há a certeza de tempo firme. E cavam-se vinhas, semeia-se linho, grão de bico, milho de rega em terras altas e sêcas.

Se ao contrário faz tempo lindo, se em seu comêço Fevereiro traz dias casulados de azul e oiro, há apreensões graves e sérias. E com o temor das inverneiras, o lavrador retrai-se e limita-se à empa das vinhas, dos enxertos de garfo, à monda dos trigais temporãos...

## 3 — S. BRÁS

S. Brás, teve sua época de ouro. Foi dos santos mais queridos e festejados de Portugal. Até se diz: — *O primeiro jejuarás, o segundo guardarás, no terceiro vai ao S. Brás!*

Para além do Coa, as festas de S. Brás eram originalíssimas, eram interessantíssimas. Havia sempre a *Festa da Fama* e a *Festa da Vénia*.

Na *Festa da Fama* iam a cavalo seus três mordomos à capela: um vestia de capitão, outro de alferes, o terceiro de anjo. Atrás seguia farto povo-léu grulhando entre ruflares de tambores e farta gritaria...

Chegados ao adro os senhores mordomos prantavam-se a clamar, a berrear, a dizer, com cópia larga de gestos largos, os milagres e as bentas virtudes de S. Brás...

E a gentana aplaudia, bezoava, barulhava em meio de grosso restolho e ingresia grossa...

No dia seguinte era a *Festa da Vénia*. Rapazes lombudos acarretavam o pesado santarrão para a porta, virado para o povo que enxameava o largo.

Nisto surgiam os mordomos outra vez, enfarpelados de capitão, de alferes e de anjo. Ripavam das espadas respectivas e, em frente de S. Brás, desatavam a zangarilhar, a esgrimir, a brandir as armas como se ameaçassem a imagem quieta e calma, com seu beiço grosso, seu nariz papudo e seu esplendor de ouro amolado e sujo...

Leve a leve, porém, iam afrouxando, iam sossegando, iam abrandando a fúria, iam-se sentindo domados pelo milagroso poder do santo, até que de todo vencidos se deixavam tombar de joelhos e submissamente lhe depunham as espadas no altar.

O povo diz, em variante de adágio que pranto acima sôbre a influência dos tres primeiros dias deste mês, o seguinte: — *Em chegando o dia de S. Bras verás: o que o inverno fez e o que o inverno faz; se vai para diante ou fica atrás...*

S. Brás é advogado das doenças de garganta. Foi o caso que o santo, que habitava uma toca no Monte Argéu, foi preso por Agrícola, governador de apadócia pelos áridos tempos de Diocleciano. Pôsto a ferros, cravado numa masmorra, sem luz e sem ar, mesmo assim S. Brás curou por milagre um pequeno que trazia uma espinha na garganta. E daí lhe veio a fama...

Fama tão segura, tão velha, tão genuinamente merecida, que ainda hoje o povo, quando algum petiz se engasga, lhe bate nas costas e berra — S. Brás! S. Brás!

## 9 — SANTA APOLÓNIA

Santa Apolónia é advogada das dores de dentes. Quando um queixal re-fila é muito bom chegar-se uma pessoa a uma parede caiada de fresco, aspirar a cal e dizer três vezes: — S.<sup>ta</sup> Apolónia! S.<sup>ta</sup> Apolónia! S.<sup>ta</sup> Apolónia!

Neste dia, ou em dia de S.<sup>ta</sup> Brígida, que é o mesmo, os lavradores levam seus bois, seus gados, às capelas, e passeiam-nos em tórno dos templos com pavios de cera à volta dos chifres p'r'amor da santa os livrar de maleitas, de maus-olhados, de bruxarias.

## 12 — TÊRÇA FEIRA DE ENTRUDO

O Carnaval é festejado em Portugal de mil modos diversos. Pelas aldeias, pelos casais, pelos logarejos perdidos pelos ermos, as principais diversões são porêm as seguintes :

Rapaziada feliz, em noites de vésperas, combina-se, ajunta-se, embuça-se em gabinardos, e sobe a qualquer eminência junto do povoado, donde melhor e mais vastamente se oiça o que se disser. Depois, com funis à laia de *porta-vozes*, prantam-se a soprar numa voz aflautada e alta, num côro de graçolas e risos, todos os escândalos em voga . . .

... Ó Maria Amália, olha c'o teu Chico pregou-ta na menina do olho! . . .

... Ó Teresa do Ó, lembra-te do «prove» que está em França! . . .

E latões, latas velhas, çaçarolas rôtas, acompanham tudo num restolho dos demónios . . .

É a folga mais generalizada. Chama a isto o povo : — *boazes* . . .

Os *badalos* são outro divertimento muito usado.

Pé ante pé, devagarinho, uma roda de amigos de troçar, vão até a porta de sujeito que se arrelie, que dê *sorte*, que se zangue . . .

Um mais afoito adianta-se e passa pelo belho, pela aldrava, pela mãosota uma corda fina e rija a que préviamente se atou um forte pedregulho.

Da esquina mais próxima puxa-se a outra ponta, e a pedra entra a badalar — Dlão . . . Dlão ! Dlão . . . !

E os da gracinha, em falsete, dos escuros . . . :

— Ó Fulano . . . Olh,ó badalo !

— Garotos ! Malandragem . . .

E na noite funda, no fundo luar, o *badulo* :

... Dlão . . . Dlão ! Dlão . . . tolão !

A *caqueirada* está menos em voga, mas ainda há muito quem se divirta à sua custa. Pega-se num pote de barro, velho e rachado, e enche-se de quantos cacos se encontrarem. Ao depois chega-se à porta de pessoa conhecida e bate-se : — Truz ! Truz !

Abre-se a porta, alguém inquire : — Quem é ? . . .

E logo o que leva a *caqueirada*, arruma com tudo aquilo corredor dentro !

... E a malta abala numa correria sofrega, cantando risadas, cuspidando dichotes, num grande restolhar de troças . . .

A *seringa* é um objecto usado pela garotada. É um canudo largo de cana, apenas com um orificio estreito dum lado. Do outro, uma vara estreita de pau com uma bucha de estôpa para sorver. Enche-se o canudo de água e *esguiça-se, seringa-se* seja quem fôr que passe ao alcance do jacto . . .

Pôr *rabos* e *letreiros* é igualmente da praxe. Grandes tiras de papel com um alfinete voltado que se cravam nos chales das mulheres, e que levam o rapazio a grulhar :

— Oh, coisa, larg'ó rabo . . . Larg'ó rabo !

E quando as visadas vão tirá-los, nova troça, risos, nova berraria . . .

— Tira daí, a mão, porca . . . Não tem vergonha . . .

Os *letreiros* são, como o indica o nome, cartazes que se colam nas costas

de sujeitos descuidados, onde se lê em letras gordas: — VENDE-SE ÊSTE BURRO! — ALUGA-SE ÊSTE GERICO!

Tudo isto, farinha com que se empoam cabeças de moças, pós pretos com que enfarruscam ventas de velhas, *tangerinas* e *ovos* (delgados involucros de cera muito fina com recheios de água de Colónia, que namorados lançam a janelas de suas namoradas, mascaradas grulhentas, paródias, é o que ainda hoje constitui a parte típica e mais ou menos tradicional do Carnaval português.

\*

Diz a lenda que, de certa vez que a mãe de Fevereiro, uma santa velhinha que era uma leira de virtudes, estava a consolar-se toda lagarteada ao sol, o filho, o malvado do filho, armou tamanho aguaceiro que logo matou a mãe...

É por isso que se diz: — *Fevereiro enganou a mãe ao soalheiro!*

E que: — *Em mulheres, sol de Fevereiro, e noites de luar: — não há que fiar!*

\*

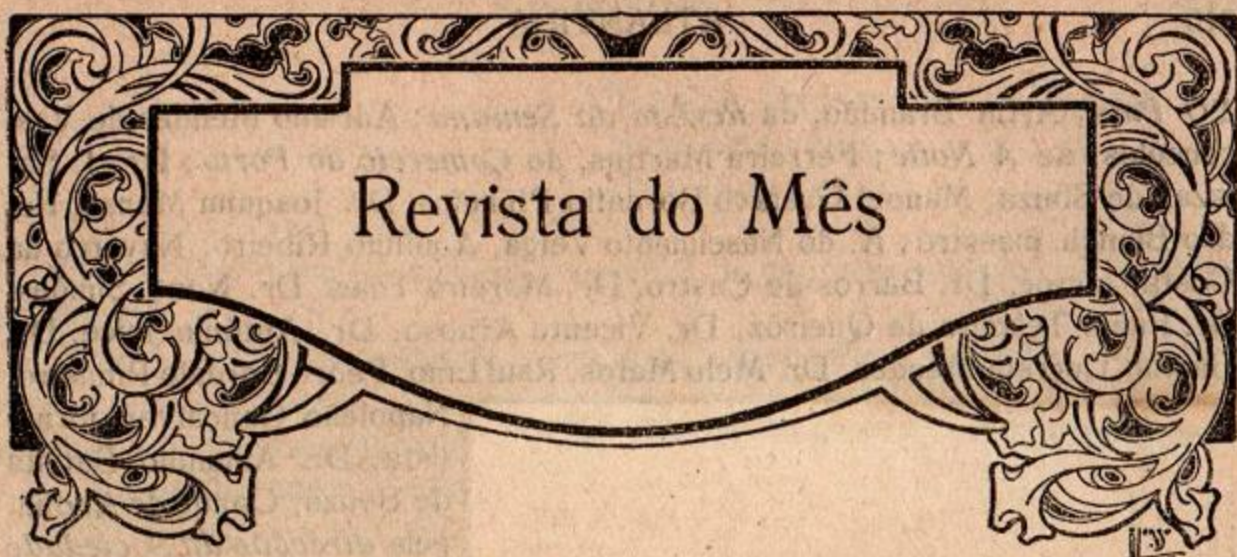
Mais conta o povo que Fevereiro, estando um dia com fome, emprestou a Março 3 dias em troca duma tegela de papas.

... É por isso que Fevereiro têm 28 dias e Março 31!

Figueira da Foz.

RAIMUNDO ESTEVES.

Ilustração de: *António Piedade.*



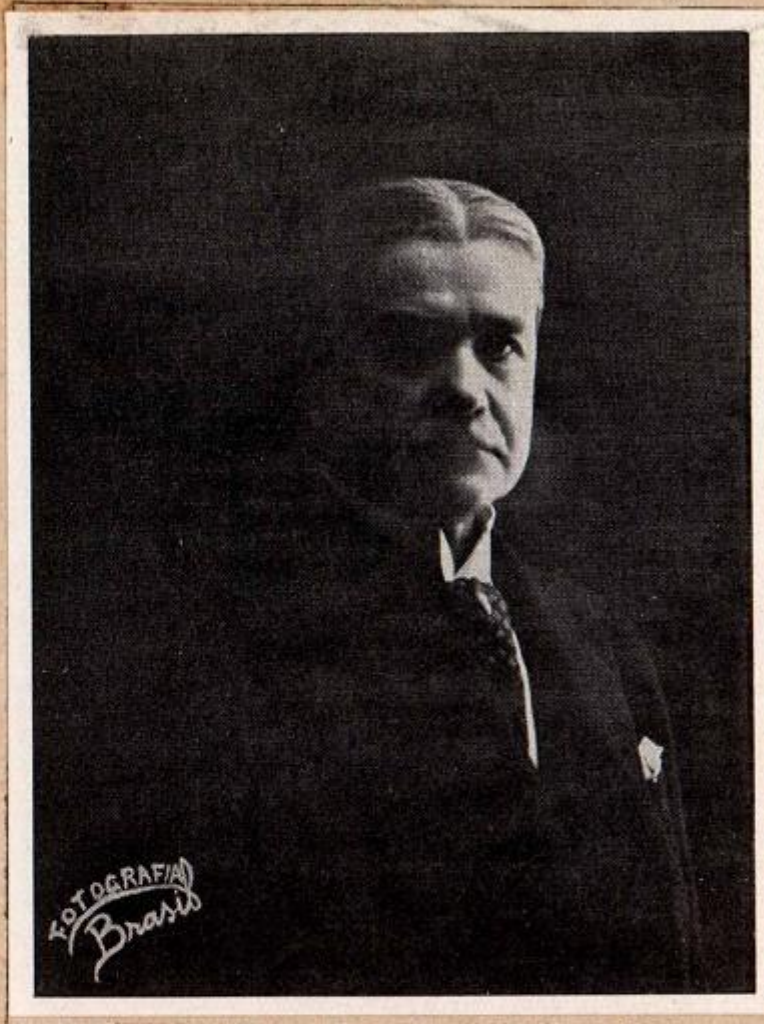
### BANQUETE DE HOMENAGEM A JOÃO DE BARROS

O almoço que um grupo de brasileiros residentes em Lisboa ofereceu no dia 14 de Fevereiro último a João de Barros, o poeta a quem o Brasil está reconhecidissimo pelo carinho que pôs na propaganda a favor de uma maior aproximação de almas entre o Brasil e Portugal, foi mais uma brilhante demonstração de simpatia verdadeiramente fraterna que enlaça os dois povos amigos, e mais uma página de ouro a ilustrar a sua história comum, onde ha factos capitais que para sempre os une no mesmo ideal, na mesma aspiração, no mesmo sentimento. O banquete, cuja iniciativa pertence a dois membros da colonia brasileira nesta capital, os Srs. Dr. Moreira Teles, diretor da *Agência Americana* e Navarro da Costa, o pintor tão apreciado no meio artístico português, realizou-se no Hotel Central, na mesma grande e formosa sala onde Olavo Bilac, o ilustre poeta brasileiro, recebeu as homenagens dos seus admiradores dêste país. Apesar de anunciado dois dias antes, e sem que se tivessem feito convites especiais, o almoço foi concorridissimo, sendo grande o número de individuos que veio à *Agência Americana*, a inscrever-se desde logo, espontaneamente, desejosos de se associarem à justissima consagração. E assim, o número de convivas que se presumia restrito, dada a quasi absoluta intimidade da festa, cresceu rápida e imprevistamente, comparecendo à última hora, já quando se dava começo ao banquete, algumas pessoas a quem a noticia chegára tarde, mas que não quizeram privar-se de participar do ato soléne.

A folha de inscrição encerrou-se contendo os seguintes nomes :

Dr. Belford Ramos e Dr. Vilares Fragoso, secretarios da Embaixada ; Alfredo Varela, consul do Brasil em Trieste ; Dr. José de Moraes Barros, consul geral do Brasil em Lisboa, Milton Vieira, chanceler e vice consul do Brasil ; Dr. Henrique de Holanda, Dr. Alfredo Dias de Melo, consul do Brasil em Coimbra ; Dr. João de Deus Ramos, Dr. Francisco Teixeira de Queiroz, Columbano Bordallo Pinheiro, Costa Mota, sobrinho, Elisio de Campos, J. Pereira Cardoso, representante do *Jornal do Brasil* ; Dr. Eduardo de Souza, idem

d'O País; Artur Brandão, da *Revista da Semana*; Adriano Mendes de Vasconcelos, de *A Noite*; Ferreira Martins, do *Comercio do Porto*; Dr. J. Salazar de Souza, Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro, Dr. Joaquim Manso, Pedro Blanch, maestro; A. do Nascimento Veiga, Aquilino Ribeiro, Navarro da Costa, pintor, Dr. Barros de Castro, Dr. Moreira Teles, Dr. Nuno Simões, Dr. Paulo Teixeira de Queiroz, Dr. Vicente Arnoso, Dr. António Joice, Dr. Gastão Correia Mendes, Dr. Melo Matos, Raul Lino, Pedro Bordalo Pinheiro,



DR. GASTÃO DA CUNHA  
ILUSTRE EMBAIXADOR DO BRASIL

Napoleão Gonçalves, jornalista, Dr. Amandio Batista de Souza, Conde de Aboim, pela  *direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes*; Souza Pinto, pintor.

A sala do Hotel Central, onde se efetuou o almoço, oferecia um aspecto airoso e distinto, banhada de intensa luz e decorada com muitas flôres e as bandeiras portuguesa e brasileira. A mesa era em U, vendo-se no lugar de honra o ilustre Embaixador do Brasil, Dr. Gastão da Cunha, que ali veio saudar o Poeta João de Barros como figura muito amada no seu paiz. À sua direita, o ilustre diplomata colocou o homenagenado, e á sua esquerda o eminente artista Columbano Bordallo Pinheiro. Sentados indistintamente, ficaram os secre-

tários da Embaixada, autoridades consulares brasileiras, representantes de jornais do Brasil, jornalistas portugueses, artistas, escritores, membros da colonia brasileira, amigos pessoais e admiradores de João de Barros.

A festa decorreu desde comêço com todo o entusiasmo e franqueza, estabelecendo-se animada conversação. Entretanto, iam chegando ao Hotel os telegramas e as cartas de saudação.

## OS BRINDES

### FALA O PINTOR NAVARRO DA COSTA

Ao champagne, iniciou a série de brindes o Sr. Navarro da Costa proferindo as seguintes palavras, ouvidas com toda a atenção, dada a fluência e o extraordinário calôr com que foram ditas :



EX.<sup>mo</sup> Sr. EMBAIXADOR DO BRASIL  
MEUS SENHORES,  
MEU CARO POETA :

É hoje para o teu humilde amigo um dia de suprema ventura e de grande satisfação !

Esta reunião consubstancia numa justa homenagem a gratidão que a tua obra generosa, o teu culto de amor, a tua ternura e a tua afeição pelo Brasil inspirou aos nossos sentimentos.

O teu desinteressado e trabalhoso afan de tornar conhecido em Portugal o Brasil moderno — que não é aquele das florestas virgens, dos grandes e caudalosos rios, do sol inclemente e do sabiá na mata, mas do Brasil laborioso e progressivo, intelectual e artístico, do Brasil de Rio Branco e Rui Barbosa, de Pedro Américo e Carlos Gomes, de Oswaldo Cruz e Pereira Passos, de Gonçalves Dias e de Olavo Bilac —, exigia, do nosso reconhecimento esta pública prova de affecto, inspirado pela tua obra patriótica e de alevantados intuitos.

O coração dos artistas é sempre agradecido ; e os artistas luso-brasileiros, representados tão mal na pessoa do teu irmão de crenças, não podiam ter pior intérprete para te manifestar a sua satisfação e o seu contentamento.

Já o disse Musset :

*Mon verre est petit, mais je bois dans mon verre*

e os meus colegas bem sabem que a facúndia não é dom de pintores.

Ainda há pouco, quando da festa da aproximação artística entre os dois países irmãos, a tua voz se fez ouvir na lapidar conferência que tão gentilmente lhes dedicaste — admirável peça literária, síntese perfeita e gloriosa das artes do Brasil durante um século decorrido.

Meus Senhores :

Ligados por estreitos laços de arte e por essa particular influência de sentimentos, os artistas luso-brasileiros dignificarão, estou certo, o trabalho de aproximação ora feito e honrarão a magnifica e generosa da Sociedade de Belas Artes de Lisboa.

Virá portanto para elles uma nova era de venturosos dias, que já se me antolham.

Meu caro Poeta :

Era preciso, pois, que êsses artistas sensibilizados pelo gesto delicado de tão illustre conferencista, que, na Sociedade de Belas Artes, disse, tão entusiásticamente, o quão de proveitoso seria para a arte e para os dois países essa aproximação, soubessem, duma maneira bizarra, mostrar-te o seu contentamento.

Em nome, pois, dêste espírito de confraternização, venho oferecer-te, jubilosamente, em nome dêstes obreiros do ideal, êste modesto almôço de justíssima e grata homenagem.

O eminente tribuno brasileiro, o professor illustre, o notável juriconsulto Dr. Melo Matos, dirá, melhor do que as minhas tôscas palavras, o quão de significativa afeição representa esta festa.

Saúdo-te, em nome dos artistas brasileiros : e, saüdando-te, saúdo na tua lira a gloriosa terra de Camões, Silva Porto e Soares dos Reis.

Uma revoada de palmas, justissimas que foram, premiou a quente e entusiastica saudação do Sr. Navarro da Costa, erguendo-se as taças e bebendo-se a João de Barros e ao Brasil.

#### DISCURSA O SR. DR. MELO DE MATOS

Momentos depois, o Sr. Dr. Melo de Matos, num primoroso discurso, que encantou a assistência, deu o seu concurso à homenagem dizendo o seguinte :

Ex.<sup>mo</sup> SR. DR. JOÃO DE BARROS :

Fui distinguido com a honrosa e grata incumbência de saüdar V. Ex.<sup>a</sup> em nome de numerosos brasileiros residentes em Lisboa, e, embora entendesse



DR. MELLO MATTOS  
ILUSTRE JURISCONSULTO BRASILEIRO

que outro, de palavra mais brilhante, devesse ser o orador a escolher-se, não me recusei, porque a bôca sempre sabe dizer do que o coração está cheio ; e eu, bem como os brasileiros que aqui me mandaram, temos o coração repleto de gratidão pelos relevantes serviços que V. Ex.<sup>a</sup> vem prestando desde alguns anos à nossa idolatrada Pátria, e de estima e admiração a V. Ex.<sup>a</sup> pelos seus primorosos dotes de espírito.

Admiramos : — o jornalista emérito e esforçado da *Atlântida* ; — o poeta primoroso e fecundo, autor de várias composições de alto valor literário e acendrado patriotismo, entre as quais fulguram o magnífico poema *Anteu* e a vibrante *Oração à Pátria* ; — o pedagogista eminente, que escreveu, en-

tre outras obras didácticas, a magistral *Educação Republicana*, livro de real mérito, social, político e pedagógico, que ao ensinamento dos melhores princípios de educação democrática allia as manifestações dum patriotismo racional e moderado, e dum interêsse carinhoso e devotado pela juventude de sua Pátria.

Estimamos o amigo fervoroso e dedicado do Brasil, o propagandista intrépido e infatigável da união luso-brasileira, que desde já muito tempo se

vem batendo por esta causa santa e progressista: — na sua esplêndida revista *Atlântida*, onde prega incessantemente o intercâmbio comercial, intelectual e literário de Portugal e Brasil; — nas suas conferências eloquentes e práticas, como a que teve por têmea a *Energia Brasileira* e a que tratou da *Arte no Brasil*; — nos seus versos adamantinos, como na entusiástica e encantadora *Saúdação ao Brasil*, poesia que figura no interessante livro *Anciedade*; — e, a aumentar êste trabalho imenso e utilíssimo, já traz em preparação para próximo aparecimento *O Grande Brasil*, que todos os brasileiros esperamos ansiosos e confiantes.

A festa, que hoje oferecemos a V. Ex.<sup>a</sup> Sr. Dr. João de Barros, é uma consagração dos seus beneméritos serviços, porque evidentemente muito tem feito pela causa da união dos nossos dois adorados países. Mas o que resta ainda a fazer nessa campanha de fraternidade e civilização é incomensurável. Certo não é V. Ex.<sup>a</sup> o primeiro, nem o único, que se tem dado à propaganda dêste sublime e grandioso ideal; mas as manifestações de seus adeptos, com raras e honrosas excepções, hão consistido antes num culto platónico e palavroso que numa obra real e profícua. É verdade que homens de boa vontade e grande valor se lhe têm consagrado, eficazmente como Coelho de Carvalho, Consiglieri Pedroso, Bettencourt Rodrigues, Alberto de Oliveira e V. Ex.<sup>a</sup>, em Portugal, e Sílvio Romero, João do Rio, Olavo Bilac, Moreira Telles, Navarro da Costa no Brasil, e a todos devemos louvor e reconhecimento; faz-se mester, porém, actuar de maneira mais ampla, complexa e produtiva. Precisamos duma propaganda principalmente de acções e factos, executada por um trabalho sistemático utilitário, intensivo, pertinaz, incessante. Ninguém mais que V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Dr. João de Barros, está nas condições de formar um plano de combate perfeito e acabado, e pôr-se à frente de sua execução: jornalista, poeta, político, assiste a V. Ex.<sup>a</sup> tríplice autoridade para propagar o nosso ideal, conquistar adeptos e entusiasma-los, obter leis políticas e internacionais que favoreçam o intercâmbio intelectual, financeiro e comercial dos dois países, tornando uma realidade a União Luso-Brasileira. Por isso nós, os brasileiros, nos regosijamos de o ver na primeira linha desta campanha sagrada, e com verdadeiro entusiasmo saúdamos a V. Ex.<sup>a</sup>, e aqui tornamos público o nosso sincero e profundo reconhecimento.

Aplaudido também, como merecia, pois soube imprimir à sua alocução o maior brilho, o Sr. Dr. Melo de Matos ergueu a sua taça, sendo acompanhado por todos os presentes no brinde ao Dr. João de Barros.

Falou ainda o Sr. J. Pereira Cardoso, em nome da imprensa brasileira, saúdando o Sr. Dr. João de Barros, e prestando-lhe homenagem pelo seu acrisolado affecto á causa sagrada da confraternisação luso-brasileira.

#### DISCURSA O SR. HENRIQUE DE HOLANDA

MEUS SENHORES:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. EMBAIXADOR:

SENHOR DR. JOÃO DE BARROS:

Quiseram os vossos amigos, aqui presentes, e aprouve à minha boa fortuna, que eu viesse hoje, em nome dêles e no meu próprio nome, oferecer-vos esta delicada festa—modesto repasto *inter pocula*—como demonstração clara do nosso

afecto e da nossa admiração pelas brilhantes qualidades do vosso espírito e pelo alto relêvo de vosso carácter! Eu vo-la ofereço, pois, sincero e amigo! Senhores: Cuido que as pátrias, redimidos os povos deste cataclismo tremendo, se formarão pelas raças! Portugal e Brasil devem integrar-se nessa confederação luso-brasileira que o velho sonho de Coelho de Carvalho esboçou e que o espírito forte de Bettencourt Rodrigues vem lançando os fundamentos! Nesta época, e nesta altura do conflito sangrento, que empapa de sangue rubro quási todo o continente europeu, e que já vai extravasando pela terra inteira, vemos que dois ideais se defrontam, querendo dominar o mundo: o ideal de perfeição e o ideal de poderio, no dizer de Ferrero. O ideal de perfeição é o ideal latino! É o ideal de Portugal! É o ideal do Brasil! O ideal da fôrça, êsse anda estrebuxando diabólico e selvagem pelas bandas ensangüentadas dos impérios centrais! Sabeis, Senhores, que o mundo é, cada vez mais, governado pelas duas grandes fôrças imutáveis e intangíveis: a fôrça moral, que vence sempre, e a fôrça material, que é sempre vencida! Portugal e Brasil devem unir-se, para serem fortes, numa larga confederação moral, mantendo integrais as tradições intelectuais, as tradições literárias, as tradições jurídicas — as tradições da raça — como mantêm, íntegro, o culto sagrado da língua! Batalhador sereno desta cruzada, o Dr. João de Barros, bem merece dos nossos corações! A vós, pois, Sr. Dr. João de Barros, que tendes sido e que, esperamos, continuais a ser, o mais tenaz, o mais ardente, o mais denodado paladino da aproximação luso-brasileira, os vossos amigos portugueses e os vossos amigos brasileiros, oferecendo-vos esta festa, cumprem um dever carinhoso e bebem pelo vigor da vossa saúde e pela vitória do nosso ideal!

Por fim, João de Barros agradeceu pronunciando, num crescendo de commoção, e pondo nas suas palavras um grande sentimento, o seguinte discurso, que a assistência escutou, absorvida no seu cunho finamente literario:

#### DISCURSO DE JOÃO DE BARROS

Numa vida como tem sido a minha, agitada e trabalhosa, de luta pelas ideas que defendo e pelas causas que eu amo — porque eu nunca julguei que ser poeta é só escrever versos, mas, sobretudo, adorar um ideal — é esta, decerto, a primeira vez em que me é permitido respirar, longe das contendidas e das violências, um pouco do ar puro de simpatia que não mente, e do carinho que reconforta. Estôu como o viajante que uma febre de curiosidade — ou de conquista — levou a terras várias e difíceis, através de caminhos ásperos, de sendas dolorosas, de rotas quási impraticáveis: e que, num dia de sol claro e de primavera renascente, por acaso aportou a uma região de sossêgo e de beleza, onde a sua ansiedade repousa, onde o seu coração encontra de novo o ritmo tranqüilo das horas sem combate, onde a sua consciência, abrangendo de relance o caminho andado e a obra realizada, sente a alegria inefável de reconhecer que, se algum momento hesitou ou se perdeu, avançou sempre, no entanto — devagar ou depressa, que importa?... — para aquele longínquo ideal, mal entrevisto, talvez, mas firmemente desejado desde o princípio da viagem... A todos vós, meus Amigos, que hoje vos juntais aqui — eu devo essa sensação única, esse prazer incalculável. Prazer que se torna ainda maior quando

considero que a homenagem — que tão generosamente quisestes prestar ao meu nome obscuro — não é a mim, afinal, que se dirige, mas a uma causa, nobre entre todas as causas, grande e útil, e à qual tenho consagrado uma grande parte do entusiasmo e de fé que são a minha razão de viver: — à causa admirável da aproximação luso-brasileira. Isto, acima de tudo, me desvanece. E à vossa presença, e às vossas palavras, tão imerecidas, só um significado devo atribuir: — o significado de que não tenho vãmente combatido, desde que em 1912 voltei do Brasil, pelo estreitamento das relações intelectuais, literárias e artísticas, entre as duas Pátrias da mesma raça, irmãs pela sensibilidade, e, num futuro que eu desejo, que eu *sei* próximo, irmãs certamente pelo destino e pela força da sua mesma civilização...

Se não pensasse assim, eu ver-me-ia forçado a dizer-vos: — não, eu não posso aceitar a homenagem carinhosa. Eu sou indigno dela. Eu não a quero — porque nada sou, porque nada valho, porque nada mereço...

Mas, como sempre, e hoje — nesta hora de profunda perturbação mundial, em que os indivíduos se perdem no conflito de aspirações hostis e de sonhos contrários que perturbam o globo — hoje, mais do que nunca, os homens são apenas os transitórios portadores das ideias ou sentimentos, subjugados, apagados e cegos pelo próprio peso e pela própria luz do facho que levantam nas mãos. E eu sei que, precisamente, nada mais sou de que um portador de facho — um apagado e ignorado gesto de amor e de vitória, que vive feliz, e morrerá feliz, de saber que um pouco do clarão imortal se reflectiu nos seus olhos e aureolou as suas mãos rudes de combatente e de trabalhador. Permitti, pois, que, mais uma vez, eu tente fixar em algumas palavras breves um pouco do reflexo ardente da luz que levanto dos braços, para além de mim próprio, tão alto como o meu desejo...

Ah! Como eu queria que essas palavras fôsem de carinho nunca expresso, de ternura nunca sentida, de paixão jamais adivinhada! Como eu queria que a sua cadência logo sugerisse amor profundo, affecto inextinguível, comovido afago de corações que, mesmo à distância, sabem que uma mesma pulsação os une e prende! Porque — vós o sabeis tão bem como eu — nesta obra de propaganda pelo estreitamento das relações luso-brasileiras, só uma coisa é preciso fazer: — pôr em íntimo contacto os dois países fraternos; fazer-lhes desvendar, um em frente do outro, as almas gémeas; e deixar que nesse espelho fiel um ao outro se possam mirar longamente. Então, como certas imagens, do Passado ou do Futuro, que a sensibilidade dos Poetas e dos Amantes vêem surgir do fundo dos espelhos, dando corpo às suas imaginações e aos seus sonhos — do puríssimo cristal que é a consciência de cada um dos dois povos, o outro há-de ver fatalmente desenhar-se uma imagem que, sendo quasi a sua própria imagem, tem no entanto qualquer coisa do sonho que um e outro sonharam, da quimera que um e outro criaram na sua alma, da beleza que um e outro quiseram e querem atingir. E o Brasil adivinhará, na discreta transparência da alma portuguesa, o seu próprio Passado, base e fundamento do seu próprio Presente. E Portugal avistará, no ofuscante brilho da alma brasileira, o seu próprio Futuro tornado esplendor e força, realizado em trabalho fecundo e em glória imorredoura. Então, presos um ao outro por êsse elo misterioso e docemente tenaz que é a luz que desabrocha de duas almas que se entendem, nunca mais os dois povos afas-

tarão uma da outra as consciências e as ambições dos seus destinos. Irmãos pelo sangue, irmanar-se hão também pelo espírito: — filhos da mesma raça lusitana que sonhou a conquista do mundo, conquistarão juntos um lugar comum no vasto mundo de hoje. E fortalecidos, engrandecidos, revigorados — farão das suas duas almas duas asas de ansioso vôo para um mesmo esforço de vitória e de mando!

Eu sei, meus Senhores, eu sei que isto é apenas uma maneira poética de dizer que é preciso criar um maior desenvolvimento de relações mentais, económicas e comerciais entre o Brasil e Portugal, dando-lhes estabilidade, desfazendo atritos que porventura possam existir, instalando na legislação dos dois países disposições que os tornem solidários ou, pelo menos, não inimigos, em todos os aspectos dessas mesmas relações. Decerto seria mais grave que eu deixasse o lirismo — e entrasse no campo das considerações práticas... Mas — não me arrependo de fazer afirmações poéticas. Não apenas porque eu próprio seja poeta. Simplesmente, nesta campanha já iniciada, — e a continuar com um entusiasmo cada vez maior —, estamos ainda no período do sentimento. Enquanto não forem sentidas as causas e as circunstâncias profundas que ligam os dois povos num mesmo ideal civilizador — nada mais, creio, se poderá fazer que dê resultados visíveis. Não quer isto dizer que se não trabalhe em todos os campos: — quer significar, sómente, que o primeiro passo para a vitória da causa que todos defendemos — será essa contemplação mútua da alma dos dois países. Isto é: — será o conhecimento recíproco da Arte e da Literatura dêles ambos.

É que os artistas e os escritores são os mensageiros da vida. Para que as civilizações do Passado chegassem até nós só foi preciso que criassem um pouco de beleza... Por igual concepção de beleza nos sentimos nós, portugueses, irmãos dos brasileiros: — como não devemos chegar até eles? Como não hão-de eles chegar até nós? Eu sei que em Portugal ainda não há uma instrução necessária que permita à grande maioria do público o conhecimento do espírito do Brasil. Eu sei que no Brasil — apesar do esforço prodigioso realizado nesse sentido, sobretudo em S. Paulo — eu sei — Olavo Bilac o diz numa admirável conferência — sei que o problema pedagógico ainda não está resolvido de todo. Mas tanto num como noutro país — êle há-de resolver-se, e creio-o firmamente, mais breve do que todos nós pensamos.

Desaparecerá o analfabetismo — e, com êle, muito da nossa vergonhosa ignorância. E, para essa ocasião, necessário se torna que as *élites* das duas nações já se conheçam, e, conhecendo-se, se amem, se estimem, se admirem, se queiram uma à outra — para que através delas êsse conhecimento, êsse amor, essa admiração, essa estima, desçam ao coração do povo, iluminem todos os cérebros, exaltem todas as sensibilidades. Depois disto — o que não será fácil fazer? Tudo, absolutamente tudo. Ainda que — por uma suposição inteiramente inverosímil — nos dois países existissem governos que pretendessem inventar irredutibilidades ou dificuldades, o ímpeto de affecto que impeliaria uma para a outra as Pátrias irmãs, seria tão forte, tão violento, tão irresistível, que nem as mais subtis razões de zanga ou de afastamento poderiam subsistir. Vós sabeis que eu não exagero — vós, brasileiros e portugueses, que vibraís no mesmo harmonioso sonho de ternura e de paixão pela Pátria maior que é o Brasil-Portugal. Vós o sabeis, sem dúvida... E o sentis

agudamente nesta hora, em que a pavorosa tragédia que ensangüenta o mundo inteiro, ensina aos povos do mesmo sangue o amarem-se melhor — e cria, nas nações de latinidade intacta, como é o Brasil, como é Portugal, uma mais vasta noção dos seus deveres de cultura e de progresso. Essa noção foi quem levou, decerto, as duas Républicas fraternas a tomar parte na guerra. E os sacrificios heróicamente consentidos pelos dois países, penso que nos estão exigindo — para não se tornarem inúteis e não trazerem remorsos aos que se não batem — uma obra de solidariedade e de longa paz, em que eu vejo a aproximação luso-brasileira como um factor importântíssimo de tranqüilidade e de segurança.

Tenho a certeza de que realizaremos essa aproximação. Vós a tendes também. E esta certeza precisava de ficar bem consignada aqui para que todos, ao separar-nos hoje saúdosamente a levemos connosco, bem junto do coração — como um viático supremo na defesa e na vitória da causa que nos reúne a todos. Não sei de outro agradecimento mais sincero, nem mais reconhecido, à vossa generosa e, repito, imerecida homenagem.

Ficai todos seguros de que — depois dela — me sinto, não envaidecido, mas mais crente, mais apaixonado, mais vibrante para o bom combate. Se eu quisesse ter a prova clara e decisiva de que o Brasil e Portugal vivem a mesma vida de inteligência e de sensibilidade e caminham para um porvir idêntico — as vossas palavras de hoje, a vossa presença aqui, me bastariam.

E para celebrar esta demonstração excepcional do affecto brasileiro — permiti que em espírito vos abrace a todos e que, terminando êste pobre agradecimento, eu saúde, na individualidade ilustre do Dr. Gastão da Cunha, o grande Brasil que nós amamos, o Brasil que é o irmão mais querido de Portugal, e que em civilização, trabalho e fôrça, há-de ser, gloriosamente, um dos maiores exemplos da humanidade futura!

A brilhantíssima peça literaria do Dr. João de Barros foi rematada por uma explosão de palmas, sendo alvo duma demorada e sincera demonstração de aprêço ao seu talento e às suas qualidades morais; e por último, encerrando a série dos brindes, usou da palavra o ilustre embaixador, o Sr. Dr. **Gastão da Cunha**, que em Lisboa goza das maiores simpatias, por ser um diplomata distintíssimo e por se saber que é um grande amigo dos portugueses, afirmou, num pequeno mas soberbo trecho verdadeiramente helénico, de expressão e de pensamento, as suas excepcionaes faculdades de orador, saúdamo a espôsa do Dr. João de Barros.

O Sr. Dr. Gastão da Cunha, ao terminar, foi, com o Sr. Dr. João de Barros, envolvido na mesma ovação que lhes tributou a assistência.

Não estava terminado o acto. Uma nota imprevista veio ainda coroá-lo, dando-lhe mais brilho. Foi a aparição espontânea do grande poeta **Guerra Junqueiro**, que, acercando-se dos Srs. Drs. Gastão da Cunha e João de Barros, abraçou-os comovidamente dizendo :

Vem ali gostosamente saúdar, na pessoa do Embaixador do Brasil em Portugal, a grande e nobre pátria brasileira, nação irmã e amiga que desde a infância adora e estima, e à qual liga hoje ainda mais amor e gratidão. E, ao

mesmo tempo, tem o gratíssimo prazer de abraçar João de Barros, e de apresentar a sua homenagem ao lial camarada, apóstolo ardente e apaixonado d'união fraterna e eterna dos dois países, irmãos pela raça, pela língua e pelo coração.

Brinda à glória e à fortuna do Brasil e ao patrono daquela festa — o grande poeta João de Barros.

Termina erguendo um viva ao Brasil, ao qual o Embaixador responde com outro a Guerra Junqueiro.

### CARTAS E TELEGRAMAS

Como dissemos, durante o banquete receberam-se muitos telegramas e cartas de amigos e admiradores do Dr. João de Barros, saudando-o e associando-se à manifestação. Entre estes telegramas veio um do Sr. Dr. Augusto Soares, concebido nos seguintes termos :

«Impede-me a doença de assistir, como tanto desejava, à festa de homenagem que lhe dedicam hoje os amigos do Brasil e os seus admiradores. Mas como amigo devotado do Brasil, que me orgulho de ser, e como seu grande admirador, não quero deixar de me associar ao menos por êste meio a essa consagração que por todos os títulos lhe é devida.

AUGUSTO SOARES».

Os outros telegramas eram assinados pelos seguintes nomes :

Dr. Afonso Lopes Vieira, Gonçalves Teixeira, Roque Gameiro, Augusto Rosa, Dr. Magalhães Lima, António Carneiro, Dr. Barbosa de Magalhães, Dr. Arlindo Correia Leite, Dr. Ramada Curto, João Pinheiro de Freitas, J. B. Aguas, José Osório Oliveira, Correia da Costa, Serrão Correia, João Machado Silvério Júnior, Ladislau Patrício, Dias Pereira, Almeida Moreira, Alfredo Guimarães, Nóbrega Quintal, Vergílio Correia, Mário Salgueiro, Lôbo de Campos, Dr. Aurélio da Costa Ferreira, Custódio Valente, Mário de Artagão, Queiroz Vaz Guedes, Gregório Fernandes, Júlio Derouet, Ricardo Malheiros, Rita Martins, Pereira Osório, Patrocínio Ribeiro, Domingos Pereira, Joaquim Moreira, Alberto Xavier, Costa Santos, Afonso Rodrigues Pereira, Ramiro Mourão, Francisco Formosinho, Amado, Luís de Montalvão, Tomás Bordalo, Marcelino Porfírio, etc.

Entre as cartas enviadas ao Sr. Dr. João de Barros destacamos as seguintes :

*Uma carta do Sr. Dr. Teixeira de Queiroz.*

«Meu caro João de Barros :

«O meu estado de saúde, como sabe, não me consente comparecer em festas, onde os doentes são incómodos; mas também não me inibe de me associar de todo o coração, ao brinde, que alguns brasileiros carinhosos e outros amigos do Brasil, se propõem fazer, ao seu entusiasmo, nunca desmentido e sempre crescente, pelo abençoado torrão, que nossos antepassados



descobriram para a civilização e saudaram com tanto fervor numa esplêndida manhã de Abril de mil e quinhentos. O Brasil está, desde muito, abençoado pelas lágrimas e pelos risos dos portugueses, que aí vivem desde séculos; tanto basta para que nós lhe queiramos tanto, como à nossa casa.



A caricatura que Manoel Gustavo fez para o menu do banquete

«Ele é o nosso continuador histórico, tendo nós levado para além-mar a nossa língua e a nossa alma, que aí tem vivido e viverá enquanto nessa terra houver sombra de gente. Se êste punhado de homens, que aqui vivemos aquartelados, para vigiar a nossa marcha na História da Humanidade, um dia tiver de se diluir na poeira dos séculos vindouros, lá fica o Brasil para atestar a nossa grandeza, porque é grande o pequeno povo, que deu origem a tão prometedora nação. Por isso, meu caro João de Barros, diga aos brasileiros carinhosos, que aí estão em volta de si, bem como a todos os admiradores do Brasil, que todos hoje se reúnem para saudar o seu ardente bem-querer, à nação amiga e irmã muito desvelada, que um velho os acompanha com o mais férvido e juvenil entu-

siasmo, brindando pela prosperidade e grandeza dêsse grande país, que no momento actual se apresenta ao mundo inteiro, com tanta coragem e tamanha nobreza a favor da civilização latina e mundial, enfileirando generosamente ao lado dos que a defendem, sujeitando-se a todos os sacrifícios, oferecendo cavalheirosamente os produtos da sua terra ubérrima e o sangue da sua juventude esperançosa. Diga-lhes isto.

«Lisboa, 14 de Fevereiro de 1918.

TEIXEIRA DE QUEIROZ.»

«Meu querido João de Barros:

«A' hora a que deve realizar-se o seu banquete, tenho, na Academia das Ciências, a instalação das comissões de instrução, de que faço parte, — acto a que, como sabe, preside o Ministro, e a que me pediram que não faltasse.

«Por isso não vou aí abraçá-lo, saúdá-lo e prestar-lhe a homenagem devida ao seu grande talento e ao seu grande coração. Mas acompanho-o de lonje, com todo o affecto, — e peço-lhe, meu querido João de Barros que, se erguer a sua taça em honra do Brasil, a grande nação a que nós ambos tanto devemos, o faça também em meu nome, saúdando a Academia Brasileira.

«Seu admirador e amigo muito grato,

JULIO DANTAS.»

Além destas cartas, receberam-se mais as seguintes: dos Srs. João Vaz, Dr. Sousa Costa, Augusto C. da Silva Castro Júnior, Lopes de Oliveira, L. B. Jackowski de Kersiret, Dr. Augusto de Castro, Eduardo Schwalbach, Oliveira Cabral, Gonçalves Neves, Estevão Amarante, etc.

\*\*\*

Toda a imprensa de Lisboa, que anunciara o banquete com palavras muito carinhosas para o Dr. João de Barros, se referiu depois em termos não menos entusiásticos à festa realizada, enaltecendo-lhe o significado e dando todo o relêvo compatível com as dificuldades de espaço de que actualmente os jornais padecem devido à redução das suas páginas. *O Século*, *o Diário de Notícias*, *A Manhã*, *A Opinião*, *A Capital*, *Jornal da Tarde*, *A Vanguarda*, e outros periódicos associaram-se desta forma à manifestação, devendo destacar-se ainda, entre os jornais de fora de Lisboa que igualmente deram notícia do banquete, o antigo e conceituado diário do Pôrto, *O Primeiro de Janeiro*, que na primeira página inseriu uma crónica do seu brilhante colaborador Sr. Guedes de Oliveira, cujas referências à obra da *Atlantida* e ao seu director são imerecidamente penhorantes.

### CRÓNICA LITERÁRIA

A *VIA SINUOSA*, romance por AQUILINO RIBEIRO  
Livraria Aillaud & Bertrand, Lisboa

Acabo de ler a *Via Sinuosa*, romance de Aquilino Ribeiro, cuja arte, tão individualizada, do *Jardim das Tormentas*, o sagrou um prosador e um contista, principalmente apto a fixar, como ninguêem, os aspectos e figuras da nossa vida regional.

Intencionalmente recordo esta faceta do seu primeiro livro, porque na *Via Sinuosa*, se é certo que o colorista da «Catedral de Córdova» e o psicólogo da «Sur-flamme» fortemente se confirmam, a verdade é também que a filiação da obra tem de buscar-se na intenção — embora generalizando-se por se haver nacionalizado — que criou «A pele do bombo» e «Tu não furtarás». De facto Aquilino Ribeiro, revelado um escritor profundamente português que, nem o encontro de motivos emocionais estranhos, então, fez esquecer do seu carácter lusitano, realiza agora, em grande, o que nesses contos da Beira delineara.

A *Via Sinuosa* é uma obra palpitantemente portuguesa, por ser como desenho de tipos, desdobrar de acção e integração de figuras na paisagem, respirantemente regional.

E se como romance, — e dizendo assim digo como estudo de figuras e de-

sabotoar de trama —, é uma obra bela, como estilo, que o mesmo é dizer como arte escrita, tão próprio revela o ritmo do escritor e define a sua «côr» admirável, que justo é felicitar a prosa portuguesa pelo que Aquilino lhe traz de seu, em novidade e arte.

O Libório Barradas, que num relance interior o novelista acompanha desde o estudo do latim, através das suas aventuras de candidato a clérigo e catalogador de livros, já com seu escorregão de libertino incipiente e seu grito de orador subversivo; o respeitável Libório, cuja paixão pelos velhos livros lhe veio de ter tido a alma quasi nada e criada no recheio duma livraria fradesca, onde houve de estudar Horácio na edição do século xv; o Libório tremendo que o Seminário recusa receber porque um dia tomou parte numa caçada aos padres, embora não houvesse chegado a usar contra êles do cisco das apóstrofes e das balas de brita; o indolente Libório a quem o diabo disfarçado na carnação divina da senhora Malafaia tentava em seu próprio leito, sob o mesmo teto em que o nobre espôso dormia um desarmado sono; êste Libório é no entanto, — não o esqueçamos —, o complicado e facetado início dum homem que, em futuros livros, o romancista anuncia tratar.

Mas mesmo assim, o carácter do mancebo que consente previsões sobre o entrecho dêsses livros, a tal ponto se acusa, desde já, íntegro no seu mundo íntimo e na sua vida de relação, nenhum detalhe de sentimento lhe escapando, que êle e as figuras que o cercam, tanto as que ocupam lugar ao lado dêle como as silhuetas episódicas ou tocadas por mera visão decorativa, são todas reaes, vivas, conhecidas, nos pensamentos, nas palavras e nas obras.

E o sentido da exactidão, que se reconhece no pintor de figura, continua-se e acentua-se na pintura da natureza em que o meridional de cúpida retina e contemplativa alma se deleita e absorve.

Em vários capítulos da *Via Sinuosa* a paisagem da Beira aparece em trechos duma côr, duma frescura e duma realidade surpreendentes.

As telas do sol que sufoca e as mortalhas da neve que deslumbra; o grave recorte dos montes e as asas brancas dos povoados que encontraram poiso nas encostas; as tranças líquidas serpeando entre arvoredos: têm na *Via Sinuosa* os seus períodos de extático louvor. Pela bôca de Aquilino, em face da natureza, fala um poeta, sacrificante de Pan que, generoso, mandou povoar de faunos e de ninfas a espessura das devesas e lhe vazou na alma um amor da vida tão elevado e penetrante, que toda a vida sente, ao ponto de surpreender, na sua observação, as próprias intimidades das ervas e das aves.

Estas qualidades de observador e pinturista, temperadas por uma sabrosa ironia pessoal, fizeram da *Via Sinuosa* uma obra notável; não exagero dizendo — uma das mais notáveis dos últimos tempos.

Por ela aperto a mão a Aquilino Ribeiro, contente por me sentir bem pago do entusiasmo com que há meia dúzia de anos lhe mandei, para Paris, uma espontânea e affectuosa saudação pelo *Jardim das Tormentas*.

*LUSITANIA*, poema de MÁRIO BEIRÃO — A Renascença Portuguesa, Pôrto.

Quando a emoção e a arte se dão mãos, quer dizer, quando poeta e artista se juntam, coisa rara em terra de tantos poetas e de tão raros artistas, há que

não deixar passar despercebido o livro que o revela. *Lusitânia* é uma obra emocional e intelectual. Tem espontaneidade de sentimento e tem ao mesmo tempo labor de arte. As imagens vazam-se em música. Mas as imagens são duns fundos olhos marejados de saúde e as músicas, que as banham, de tristeza. Mario Beirão é um elegíaco; *Lusitânia* é uma elegia da raça.

Levou-nos o sonho do mar, que nos rodeia, a alma para longe. Ficámos cheios de pena — maré alta de lembranças — a evocar os que partiram com a nossa esperança e com a sua aventura. Deve ter soprado das bandas de Índia a viração que desferiu a lira em que choraram saúdes de Sagres e do Restelo e lamentações de Alcácer. Figuras épicas de glória e estátuas partidas de desgraça — o Infante, Camões, D. Sebastião, com seus séquitos de *Legenda*, vivem nas estrofes da *Lusitânia* «desatadas memórias do passado».

A teoria dos *Ausentes* — génios, heróis e santos — passa ao fim: nobre e solene teoria ante a qual a raça põe as mãos religiosíssimamente.

*A NOSSA CASA*, pelo architecto RAÚL LINO — Lisboa

Aí está um livro encantador e um livro útil. Gerou-o a intenção de colaborar na educação artística do povo que, há muito, traz Raúl Lino, de braço dado com Lopes Vieira e Borba, trabalhando para a educação estética da infância. *A Nossa Casa* tem de estar em toda a parte. Nas bibliotecas dos que as têm, para os doutrinar e corrigir. Nas mãos dos que não-de vir a ter biblioteca, para instalarem estas em casas construídas segundo o nobre intuito de Raúl Lino, que soube não só aproveitar os modelos architectónicos tradicionais e as minúcias decorativas que lhe andam adstritas, fazendo regressar a construção ao sabor de velharias lusitaníssimas, mas também imprimir à architectura um sentido de comodidade e de economia de que muito carecida andava.

*TEATRO*, por URBANO RODRIGUES — Livraria Ferreira, Lisboa

De Urbano Rodrigues, que trocou o jornalismo pela literatura tendo publicado ainda há pouco uma novela, *Coração*, recebo um volume de teatro constituído pela peça em três actos, *Maria da Graça*, escrita de colaboração com Vítor Mendes e já representada, e por duas outras peças, *A Última Aventura* e *A Posse*, esta já aceita pelo Teatro Nacional. Da *Maria da Graça* é tarde para falar ao público que a aplaudiu. *A Posse* tem um entreecho original que conduz ao intenso desfecho dum terceiro acto violento, à altura duma verdadeira emoção dramática. São bem desenhadas as figuras e desenvolve-se com naturalidade o prejuízo da educação romântica que motiva o lance. *A Última Aventura* é um acto interessante, com sua scena de paixão estudada com escrúpulo e por quem conhece o cansaço a que vai dar a vida do homem aventureiro. Ambas são escritas com a sobriedade que o moderno teatro demanda, documentando a feitura do diálogo, a preocupação da forma, que Urbano Rodrigues põe nos seus trabalhos.

*POESIA DOS FRUTOS*, conferência por VIEIRA NATIVIDADE

O Sr. Vieira Natividade, o recolhido e isolado esteta de Alcobaça, manda-me a conferência que pronunciou na festa da Terra. É o elogio dos frutos, feito na clara e elevada linguagem dum escritor que ama entranhadamente a

natureza e tem o culto de toda a vida que esplende. A história da pomicultura e a função dos frutos na vida, na economia e na arte, o simbolismo cristão do fruto e o culto de Ceres admirável tudo isso deve ter brilhado na oração do enlevado poeta, que ergueu a sua taça rútila e desbordante de bondade e disse a bênção da terra e do homem que dela tira o trigo e os pomos de ouro, e nela realiza o suprémo capricho das florações para vida e glória das abelhas que fabricam o mel, louvado e abençoado na poesia maravilhosa do *Cântico dos Cânticos*.

*MARROCOS E TRES MESTRES DA ORDEM DE CRISTO*, por VIEIRA GUIMARÃES

A notável memória publicada pela Academia das Ciências de Lisboa, em comemoração do quinto centenário da tomada de Ceuta, é tanto a obra dum consciencioso e infatigável investigador como a do professor que, como tal, nem um momento se deixou alhear do método a que deve subordinar-se sempre um trabalho da responsabilidade histórica dêste.

Abre o livro por um sério trabalho sôbre a história, a vida e os costumes de Marrocos e seus habitantes. Seguem-se-lhe largamente documentada as biografias dos três mestres de Cristo: D. Lopo Dias de Sousa, D. Henrique e D. Fernando.

As três figuras históricas são desenhadas com rigor e integram-se perfeitamente cada uma na sua época, que o Sr. Vieira Guimarães, mercê dum largo estudo de velhos livros, pinta com exactidão, sem deixar de exercer a sua função de coordenador e relacionador de factos que à crítica histórica se consagra.

Há documentos e elementos de identificação histórica quasi inéditos que servem ao Sr. Vieira Guimarães para conclusões dignas de toda a atenção, como por exemplo as que se referem à residência habitual do Infante e que tanto hão-de concorrer, ao certo, para a definitiva averiguação da história e vida de D. Henrique, cuja lendária auréola tem de desvanecer-se para mais humana e mais bela avultar a sua imagem.

O livro está recheado de documentação fotográfica e desenhos de Jorge Colaço.

*CABEÇA A PRÉMIO*, contos de JOAQUIM LEITÃO — Magalhães & Moniz, editora, Pôrto.

Não há dúvida que o jornalismo dá fluência à prosa dos escritores que o praticam, não deixando de imprimir-lhe também, a sobriedade, com que algumas narrativas dêste livro se brasonam.

Os episódios, e alguns interessantíssimos, que o Sr. Joaquim Leitão condensou e, sob a forma de cartas, diálogo e simples narrativa, reuniu neste volume, confirmam a vantagem que resulta para o possuidor de faculdades de observação e de estilo, do exercício da reportagem no nobre significado do termo. Ganha com êsse exercício o sentido do detalhe, na análise e adquire na composição, a certeza do vocábulo; as figuras cuja vida dramatiza podem rever-se na humaníssima correnteza do dia-a-dia e às paisagens que carecem de ser penetradas por um extraordinário apuro de sensibilidade, pelo menos admira-as uma retina fiel de copista.

Os contos que enchem as 200 páginas do livro, *Cabeça a prémio*, que

tirou o título do rotulo dum dêles, foram escritos em épocas diversas da vida do jornalista que os subscreve.

E as figuras que o Sr. Joaquim Leitão neles trata, sem reboscados de forma nem de entrecho, têm realidade, apesar de tocadas quási todas do enternecimento de quem olha as cousas tristes e dolorosas da vida e com elas se comove.

*DO QUE O FOGO NÃO QUEIMA*, por JAIME DE MAGALHÃES LIMA

Dois capítulos interessantíssimos dum pensador que vê de longe e de alto, e que na questão da guerra baseou duas teses que talvez pudessem enunciar-se assim :

1.º A guerra não destrói as civilizações em luta ;

2.º A actual guerra encaminha o mundo para a educação clássica.

Das obras escritas sôbre a guerra, êste comentário de Jaime de Magalhães Lima é das que mais valem, pelo sentido elevado de humanidade e latinidade que o anima.

Sobretudo a defesa e o elogio da educação clássica fazem-se em páginas dum grande entusiasmo que em nada prejudica o espírito crítico do autor.

*VERGEL FLORIDO*, versos de MATIAS LIMA — Porto

O Sr. Matias Lima é um poeta simples. Êsse é o melhor elogio do seu livro, quási todo de motivos sentimentais e rimas singelas. Tanto os quadrinhos literários que compõe como as figuras que poetiza constituem manchas que demandam sómente trabalho de aquarelista. Folheia-se o *Vergel Florido* e há realmente ternura esparsa na poesia descritiva da natureza que deu ao poeta uma viva inspiração. A poesia evocativa e de intenção simbólica ou filosófica parece não estar no temperamento do Sr. Matias Lima, cujo lirismo enfraquece ao transviar-se do caminho natural da sua emotividade.

*A LEGENDA DAS HORAS*, por CORREIA DA COSTA. — Lisboa

Creio que foi Faguet quem arranjou a divisa para certa arte moderníssima que anda tentando os moços, — «Quando da arte escrita não possa ficar mais nada, fique ao menos música». Isto, pouco mais ou menos.

Está sucedendo que os poetas novos, de preocupados com os habilidosos jogos de sons, se esquecem de que as palavras por mais lindas não conseguem viver no espaço se o liame imaterial do pensamento as não reúne. O Sr. Correia da Costa tem, como a maior parte dos poetas novos, a predilecção das cousas vagas e indecisas. Dentro dela escreveu os seus sonetinhos em que, como as figuras ganhem relêvo e nitidez na paisagem, haverá que sublinhar faculdades picturais.

*AS GRANDES TRAGICAS DO SILENCIO*, conferência por ANTÓNIO FERRO

A palestra do moço poeta é um elogio das belas atitudes. Boreli, Bertini e Menicheli são mais do que grandes almas trágicas, admiráveis corpos afinados no culto do gesto e destinados a exprimir a sua dramatização. A atitude, como a mais directa e harmoniosa expressão dos sentimentos, tem a sua música e a sua côr. Como criadoras de atitudes, estuda o Sr. António Ferro as três artistas de cinematógrafo, cujo louvor tece com a visão do detalhe mímico que lhe permite o entusiasmo da sua estranha vibratibilidade.

NUNO SIMÕES.

Recebemos também e agradecemos : *João Lisboa*, volume em que a Academia maranhense reuniu discursos e artigos referentes ao jornalista daquele nome ; *Veneno*, volume de cartas em que o Sr. João Coelho, do Pará, critica a seu modo alguns aspectos da vida social ; *Paixão e Morte de Camilo Castelo Branco*, romance do Sr. Archer de Lima ; *Vinte Contos Insulanos*, em que o Sr. Manuel da Câmara estuda algumas lendas e tradições da sua terra ; *Portugal*, prosa e verso pelo Sr. António Carlos Barbosa ; *Calmarias e Tufões*, versos de Bernardino da Ponte ; *Excerptos da Juventude*, versos dos vinte anos, de Humberto Beça ; *Da Minha Arte*, pelo Cavalheiro de Oliveira ; e *Kermesse*, impressões de José Osório de Oliveira.

\* \* \*

No próximo número nos referiremos a vários volumes que nos foram enviados já depois de encerrada a CRONICA LITERARIA.

\* \* \*

A *Atlantida* só fará referência às obras publicadas quando lhe sejam enviados dois exemplares.

### DA VIDA QUE PASSA

Com êste título iniciará o Sr. Dr. Nuno Simões, no próximo número da *Atlantida*, as suas cartas de comentário à nossa vida política, social e mundana. A's leitoras da *Atlantida* essa secção se destina especialmente.

### NUNES CLARO

É esta a segunda vez que a *Atlantida* tem a honra de publicar versos do grande poeta que é Nunes Claro. Mas, na primeira vez, a revisão deixou passar o soneto, publicado, *Á Herva*, com o nome de Costa Santos !

Aproveitamos o ensejo para pedir desculpa ao eminente artista, e de lhe dizer que a *Atlantida* se vangloria de contá-lo entre o número dos maiores poetas que nela têm colaborado.

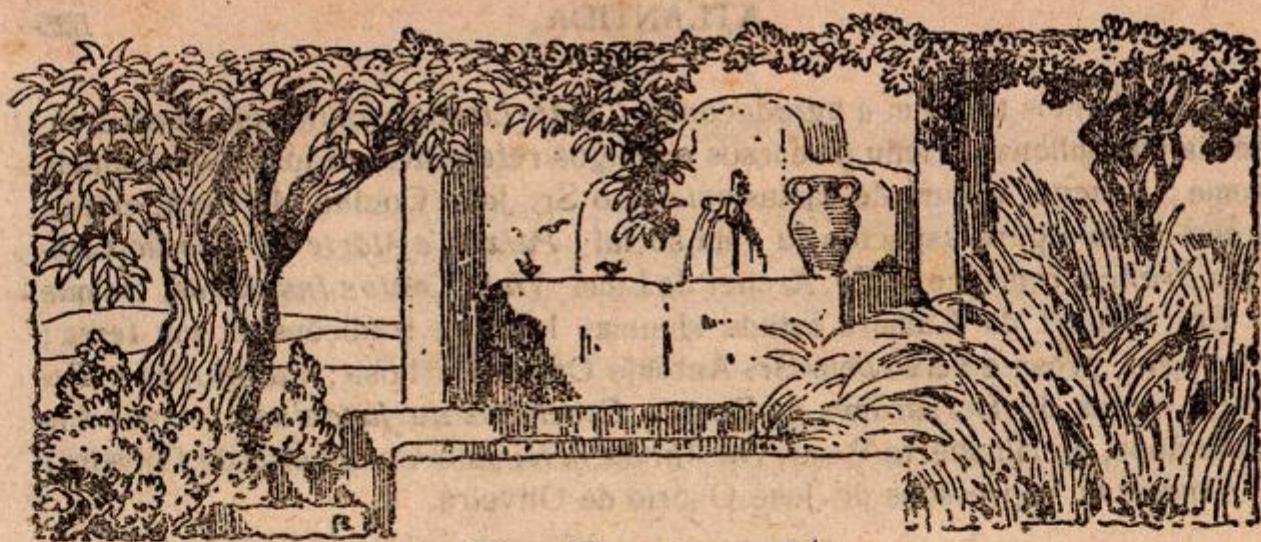
### JOGOS FLORAIS

Os jornais do Pôrto anunciam a realização de jogos florais naquela cidade, no próximo mês de Maio.

Dêste assunto se ocupará a *Atlantida* no próximo número.

### VIEIRA NATIVIDADE

Faleceu em Alcobaça, já depois de composta a referência que se lhe faz na CRONICA LITERARIA, a propósito de *A poesia dos frutos*, o distinto publicista Vieira Natividade, que foi um dos mais apaixonados estudiosos da arte e dos costumes da sua região a cujo engrandecimento e progresso se consagrou.



## O Estoril

A ABERTURA DO ESTABELECIMENTO TERMAL NO PRÓXIMO VERÃO

Um paquete, vindo de terras estranhas, singra docemente as águas do Tejo. À luz dum dia que se abre em promessas tentadoras, rasga-se um espectáculo de beleza, de maravilha. E' Lisboa, assente sôbre as suas sete colinas de linhas graciosas e coleantes, que surge aos olhos surpresos do viajante que, pela primeira vez, se debruça sôbre a *varanda do ocidente*. Mas, além para a esquerda, eis que a sua retina se fixa com mais demora, com mais enlêvo ainda numa espécie de carícia que parece ser agradecida pela luz que, de cada vez, espalha mais ouro e mais bondade. Dir-se-ia que não é o mês de Fevereiro que se atravessa ou, então, que, por um estranho capricho cósmico, o inverno deu lugar à primavera, porque são precisamente todas as suas galas de côr e de esplendor que nós saúdamos nseta manhã duma transparência singularmente pura, dum dourado fino, macio, involvidável. Mas que ponto é êsse que nos chama e nos prende? Montes dum verde polícromo, vilas minúsculas de variadas côres também e, depois, para ali, o céu parece ser ainda duma côr azul mais vincada, como se espumas de anil se tivessem nele diluído; e o mar que abraça, que cinge voluptuosamente aquela faixa de terra, atapetada de *pelouses*, reflecte, com uma limpidez que chega a impressionar, essa côr que, na sua pureza e na sua beleza, não tem rival no mundo.

— E' o Estoril — segreda uma voz patrícia, uma voz repassada de orgulho, a um viajante estrangeiro que se não cansa de perguntar. E ninguém já pensou em mais nada, todo o outro espectáculo desapareceu, perante êsse torrão coberto de verdura res-



plandecente que até o sol parece afagar com carinho especial e polvilhar, em maior profusão, com o oiro da sua luz.

\* \* \*

O Estoril é, pelas suas belezas naturais e pela amenidade sem rival do seu clima, o centro de turismo, por excelência, de Portugal. E' preciso que ninguém o esqueça: — entidades oficiais, os portugueses em geral e o viajante que nos deseja visitar e conhecer. E' uma atmosfera luminosa e vivificadora, soprada da serra e do mar, que lá nos espera, para nos oferecer o absoluto bem físico e moral. Não estava, porém, o Estoril completo, como centro de turismo moderno, embora todas as condições de excelência climatérica e toda a exuberância da natureza o terem favorecido. Nunca a Suíça teria sido um país de turismo só com o encanto que têm as suas montanhas pródigas em surpresas de recorte e de grandeza. A Côte de Azur, apesar do seu céu formosíssimo, do seu belo clima, nunca teria tido, só por êsses motivos, as honras dos milhares e milhares de turistas que tem hospedado. Foram os homens com grandes e arrojados empreendimentos que lhes deram o movimento, a vida febril, a beleza artificial que é indispensável para preencher as aspirações, os desejos, os anseios do espírito moderno. Foram os seus hotéis, os seus casinos, a sua existência tumultuosa e mundana que concederam aos pontos pitorescos da Suíça e à Côte de Azur os tronos em que pontificam as rainhas do turismo. O Estoril consequentemente seria uma obra incompleta, um centro de turismo por aproveitar, se grandes empreendimentos se não rasgassem sob o seu firmamento calmo e doce e sôbre a sua terra florida e fecunda. Podemos, porém, afirmar que a valorização do Estoril, sob êste importantíssimo ponto de vista que à riqueza nacional virá trazer um incalculável benefício, se está fazendo e com uma rapidez, com um afan que muita gente inteiramente desconhece.

\* \* \*

A «Sociedade do Estoril», que tem congregado capitais importantíssimos e inteiramente portugueses, tem todos os seus planos definitivamente elaborados, estando muitos dêles em via de realização. Os edifícios, cuja construção já iniciou, são: — um grande estabelecimento termal, para uso das águas termais do Estoril (êste grande estabelecimento já êste verão começará

sendo explorado em parte); um grande hotel com quartos para cerca de 500 hóspedes, que tem concluída parte das obras mais demoradas, e que pode ser pôsto a funcionar em menos de um ano; um grande Casino de que estão lançados os principais alicerces, e cuja construção pode ser concluída em menos de um ano, podendo contudo ser pôsto em estado de começar funcionando em cerca de seis meses; duas filas de lojas, com galerias, para estabelecimentos comerciais, em número de 34, que tem concluídas as obras mais demoradas e que podem também ser terminadas em pouco mais de seis meses; o grande parque central que está quasi concluído, alinhado e plantado; grande número de avenidas, parte importante das quais está já em estado de permitir a circulação de veículos; uma rede de esgotos com cerca de 4 quilómetros de extensão, e, em média, um metro de diâmetro; campo de *sports*, e um campo de *golf* com 18 buracos e 5 quilómetros de extensão.

Nestas compras e obras estão já aplicadas algumas centenas de contos de réis.

Como dissemos, o estabelecimento termal abrirá na próxima temporada de verão.

A água termal do Estoril pertence ao grupo das águas cloretadas sódicas (dos franceses), está bem captada e a sua temperatura é de 33,5 graus centígrados; as análises feitas atribuem-lhe 4,1268 gramas de cloretos, sendo o de sódio 3,2624 gramas; 0,0618 de sulfato de cálcio; 0,3110 de sulfato de magnésio e 0,0276 de ácido carbónico livre. A quantidade de magnésio metal encontrado é de 0,0762.

Desde muitos anos que estas águas são empregadas com excelentes resultados nas doenças de pele, reumatismo, gota, doenças de garganta e fossas nasais. Estão também indicadas nas doenças de estômago com hipocloridria, nas doenças intestinais tais como a enterocolite, constipação, etc., e nas doenças de útero.

Pelo estudo das componentes desta água, e pelos casos observados, pode-se concluir que os doentes, que costumam ir a Chatel Guyon, encontrarão no Estoril uma água que pode substituir nos seus efeitos a daquela famosa estância francesa.

# ATLANTIDA Encadernações e Capas

MENSARIO ARTISTICO  
LITERARIO E SOCIAL  
PARA  
PORTUGAL E BRAZIL

(ESTÃO PUBLICADOS OS VOLUMES I A VI)

Cada capa . . . . . \$45 Cada encadernação \$65  
Pelo correio . . . . . \$47 Pelo correio . . . . . \$71

CADA VOLUME ENCADERNADO . . . . . 1\$65  
PELO CORREIO . . . . . 1\$71

PEDIDOS Á ADMINISTRAÇÃO:

**Largo Conde Barão, 49 – LISBOA**  
**e Rua Gonçalves Dias, 78 – RIO DE JANEIRO**

NOTA:—A fim de evitar as despesas de cobrança, lembramos a conveniência de fazer acompanhar os pedidos de capas ou encadernações da respectiva importância.

## SUMÁRIO DO NÚMERO 27

<i>Ramalho Ortigão e o amor das nossas cousas</i>	Jaime de Magalhães Lima
<i>Soneto</i> . . . . .	} Afonso Duarte
<i>O meu romântico</i> . . . . .	
<i>O Pintor António Parreiras</i> . . . . .	José Severiano de Rezende
<i>O Eterno Retôrno e Optimismo de Nietzsche</i>	Raul Proença
<i>De Jornada</i> . . . . .	Nuno Simões
<i>Vozes do Outono</i> (Trad. do chinês) . . . . .	Camilo Pessanha
<i>Impressões dos Bailados Russos</i> . . . . .	Manuel de Sousa Pinto
<i>A rotina e o trabalho scientificamente organizado — O Taylorismo</i> . . . . .	Fernando de Vasconcellos
<i>Poemas</i> . . . . .	João de Barros
<i>Influência das agitações políticas na evolução do ensino popular</i> . . . . .	João de Deus Ramos
<i>Excerpto duma carta</i> . . . . .	Antonio Carneiro

### REVISTA DO MÊS

<i>A ronda dos meses no meu país de tradições e romarias</i> . . . . .	Raimundo Esteves
<i>Crónica literária</i> . . . . .	Nuno Simões
<i>Música</i> . . . . .	A. J.

### NOTÍCIAS & COMENTARIOS.

*Desenhos de:* Moraes, Raul Lino, Santos Silva e Almada Negreiros.

## AGÊNCIA NO SUL DO BRASIL BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias, 78

RIO DE JANEIRO

### CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Um ano (12 numeros) . . . . . 12\$000  
Semestre . . . . . 7\$000

**Número avulso 1\$500**

